



Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG
Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural - PPGDS

**PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVAS CATEGORIAS CONCEITUAIS E AS
AGÊNCIAS LINGUÍSTICAS DOS MÊBÊNGÔKRE KAYAPÓ
(FAMÍLIA JÊ)**

Michelly Silva Machado

BELÉM-PA

2022

Michelly Silva Machado

**PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVAS CATEGORIAS CONCEITUAIS E AS
AGÊNCIAS LINGUÍSTICAS DOS MÊBÊNGÔKRE KAYAPÓ
(FAMÍLIA JÊ)**

Orientadora: Prof. Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, do Museu Paraense Emílio Goeldi, para obtenção do título de Mestre em Diversidade Sociocultural.

BELÉM-PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Serviço de Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi
Gerada mediante os dados fornecidos pela autora**

- M149p Machado, Michelly Silva.
Processo de formação de novas categorias conceituais e as
agências linguísticas dos Mëbêngôkre Kayapó (Família Jê) /
Michelly Silva Machado. — 2022.
158 f.: il. color.
- Orientadora: Profa. Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio
Dissertação (Mestrado) – Museu Paraense Emílio Goeldi,
Programa de Pós-Graduação em Diversidade sociocultural Belém,
2022.
1. Agências linguísticas. 2. Neologismos. 3. Língua
Mëbêngôkre. 4. Kayapó. I. Título.

Michelly Silva Machado

**PROCESSO DE FORMAÇÃO DE NOVAS CATEGORIAS CONCEITUAIS E AS
AGÊNCIAS LINGUÍSTICAS DOS MÊBÊNGÔKRE KAYAPÓ
(FAMÍLIA JÊ)**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, do Museu Paraense Emílio Goeldi, para obtenção do título de Mestre em Diversidade Sociocultural.

Defendida e aprovada em 30 de agosto de 2022.

Banca examinadora



Documento assinado digitalmente

ANA VILACY MOREIRA GALUCIO

Data: 29/03/2023 16:46:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio - Presidente
Museu Paraense Emílio Goeldi - Orientadora



Documento assinado digitalmente

ANA CARLA DOS SANTOS BRUNO

Data: 29/03/2023 11:12:41-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Carla Bruno - Titular
Universidade Federal do Amazonas – Membro externo



Documento assinado digitalmente

HENDRIKUS GERARDUS ANTONIUS VAN DEI

Data: 29/03/2023 10:27:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Hendrikus Gerardus Antonius van der Voort - Titular
Museu Paraense Emílio Goeldi - Membro interno

DEDICATÓRIA

Para o povo Mëbêngôkre (Kayapó) das Terras
Indígenas Kayapó, Baú e Kapot Jarina

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a força superior que rege o universo, autor e princípio de tudo;

A meus pais e ao meu irmão, pelo carinho e incentivo. Em especial, à minha mãe Angela Maria Miranda Silva e ao meu irmão Andrey Silva Machado;

Aos Mëbêngôkre (Kayapó) pelas experiências compartilhadas que contribuíram fundamentalmente com esta dissertação, em especial, ao Okreãjti Metuktire (Patxon), Mejkàre Metuktire (Kremoro), Mydjere Kayapó, Bepbjere Kayapó, Takakma Kayapó, Mokuká Kayapó e Bepgogoti Kayapó;

Em especial, a minha orientadora e grande pesquisadora Prof. Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio, pelo apoio, contribuições, paciência e intervenções para a melhoria e qualidade deste trabalho;

Aos Professores e ao Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural, pelas suas contribuições e ensinamentos. Às professoras Dras. Maria Cândida D. Mendes Barros, Claudia L. López Garcés e Regina Oliveira. Aos professores Drs. Hein van der Voort, Márcio Augusto Freitas de Meira e Ivan Rocha da Silva, que compartilharam valiosos ensinamentos sobre as culturas e línguas indígenas;

Aos colegas do curso, que incentivaram e apoiaram durante toda a trajetória de mestrado, em especial, à Benedito Emílio da Silva Ribeiro, Maria Nizan de Sousa, Marcele Rolim de Souza Lima, Veraneize dos Anjos Alves e Zenaide Teles de Oliveira;

À professora Nayara da Silva Camargo, pela amizade e motivação. Às professoras Beatriz Matos, Júlia Otero e ao grupo de pesquisa Ameríndia, pelo compartilhamento de saberes.

Aos professores Drs. Andrey Nikulin e Andrés Pablo Salanova, pelo esclarecimento inicial sobre os mecanismos de composição sintática em Mëbêngôkre;

Aos integrantes da banca avaliadora professoras Ana Vilacy Moreira Galúcio, Ana Carla Bruno e os professores Hendrikus Gerardus Antonius van der Voort e Ivan Rocha da Silva;

Ao amigo e companheiro Ewerton Domingos Tuma Martins, pelo carinho, confidências e contribuições;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES;

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram com a presente pesquisa e incentivaram a continuar sempre.

RESUMO

A historiografia tradicionalmente encarou as populações originárias como vítimas passivas do colonialismo brasileiro. Contudo, apesar do genocídio e das adversidades vividas, esses povos não assistiram ou ficaram estáticos ao processo de colonização europeu. Ao contrário, estabeleceram complexas redes de resistências e negociações em busca de autonomia, sobrevivência e participação comercial na construção da história do Brasil. Partindo desse cenário, essa dissertação tem como objetivo descrever e analisar a estrutura mórfica de novas categorias conceituais de origem do português inseridas na língua Mëbêngôkre (Kayapó), através de uma pesquisa interdisciplinar com foco nos processos linguísticos envolvidos na formação neológica e nos campos semânticos (cosmovisões) onde ocorre a entrada desses novos conceitos. O trabalho visa estabelecer uma relação entre a formação dos neologismos e as políticas linguísticas internas dos Kayapó, conforme as agências, atitudes e experiências de nossos interlocutores. Para tanto, foram realizadas as seguintes atividades: (i) levantamento de itens lexicais da língua (campo semântico artefatos); (ii) descrição e análise dos tipos de processos linguísticos envolvidos na formação de novos itens lexicais; (iii) estudo sobre os processos de ressignificação conceitual e neologismo semântico; (iv) reflexões sobre a relação entre o processo de formação de novas categorias e as dinâmicas socioculturais do grupo a partir de suas agências linguísticas. Os procedimentos metodológicos foram realizados através de pesquisa bibliográfica e em um estudo etnográfico lexical em ambiente virtual para levantamento de dados. A análise dos dados seguiu uma abordagem descritiva, amparada na antropologia linguística, conforme (Duranti, 1997), para se entender os universos léxico-culturais desta língua. Os estudos de Oliveira e Isquerdo (2001) forneceram suporte teórico sobre as ciências do léxico: lexicologia e lexicografia. Para o entendimento da língua Mëbêngôkre (Kayapó), utilizamos os estudos de Borges (1995), Salanova (2001), Reis Silva (2001), Salanova & Nikulin (2020) e Silva da Costa (2015). Os trabalhos de Viotti (2020) e Carneiro da Cunha & Cesarino (2014) serviram de base para as discussões sobre o encaminhamento das políticas culturais dos índios e para os índios. E, para o suporte metodológico do ensaio etnográfico em ambiente digital, utilizamos os estudos de Ramos & Freitas (2018) e Ferraz (2019). O presente estudo apresenta uma análise sobre as formas e organizações sociais dos Kayapó, que se pauta no entendimento da língua Mëbêngôkre como um conjunto de códigos articulados que expressa a história, as crenças e a cosmologia de seu povo, além de ser instrumento de defesa, de posições éticas e de manifestação identitária de seus falantes. Os resultados deste trabalho são relevantes por contribuir com dados originais de um aspecto da língua e cultura Kayapó que analisados sob o enfoque da antropologia linguística podem ser um importante instrumento para se compreender as dinâmicas das línguas naturais, processos de resistência e a suas agências cosmolinguísticas.

Palavras-chave: 1. Agências linguísticas; 2. Neologismos; 3. Língua Mëbêngôkre.

ABSTRACT

Historiography has traditionally seen native peoples of Brazil as passive victims of Brazilian colonialism. However, despite the genocide and the adversities they experienced, these peoples have not just watched or remained static in the process of European colonization. On the contrary, they have established complex networks of resistance and negotiations in search of autonomy, survival and commercial participation in the construction of Brazilian history. Based on this scenario, this dissertation aims to describe and analyze the morphological structure of new conceptual categories of Portuguese origin inserted in the Mẽbêngôkre (Kayapó) language. This goal is pursued through an interdisciplinary research focusing on the linguistic processes involved in the neological formation and in the semantic fields (worldviews) where the entry of these new concepts occurs. The work aims to establish a relationship between the formation of neologisms and the internal language policies of the Kayapó, according to the agencies, attitudes and experiences of our interlocutors. To this end, the following activities were carried out: (i) survey of lexical items of the language (artifacts); (ii) description and analysis of the types of linguistic processes (composition) involved in the formation of new lexical items; (iii) study of the processes of conceptual resignification and semantic neologism; (iv) reflections about the relationship between the process of forming new categories and the sociocultural dynamics of the group from its linguistic agencies. The methodological procedures were carried out through bibliographic research and a lexical ethnographic study in a virtual environment for data collection. Data analysis followed a descriptive approach, supported by linguistic anthropology, according to Duranti (1997), to understand the lexical-cultural universes of this language. The studies by Oliveira and Isquierdo (2001) provided theoretical support on the sciences of the lexicon: lexicology and lexicography. For understanding of the Mẽbêngôkre (Kayapó) language, we used the studies of Borges (1995), Salanova (2001), Reis Silva (2001), Salanova & Nikulin (2020) and Silva da Costa (2015). The works of Viotti (2020) and Carneiro da Cunha & Cesarino (2014) served as a basis for discussions on cultural policies by and for the Indians. And, for the methodological support of the ethnographic essay in a digital environment, we used the studies of Ramos and Freitas (2018) and Ferraz (2019). The present study presents an analysis of the Kayapó social forms and organizations, based on the understanding of the Mẽbêngôkre language as a set of articulated codes that expresses the history, beliefs and cosmology of its people, in addition to being an instrument of defense, of ethical positions and the manifestation of the identity of its speakers. The results of this work are relevant because they contribute with original data from an aspect of Kayapó language and culture that, analyzed from the perspective of linguistic anthropology, can be an important tool for understanding the dynamics of natural languages, processes of resistance and their cosmological agencies.

Keywords: 1. Language agencies; 2. Neologisms; 3. Mẽbêngôkre language.

SUMÁRIO

1. Considerações iniciais	1
1.1 Introdução	2
1.1.1 Caminhos da pesquisa	4
1.2. Objetivos	10
1.2.1 Gerais	10
1.2.2 Específicos	10
1.3 Justificativa	11
1.3.1 Descrição, análise e documentação sociocultural e linguística.....	11
1.4 Metodologia	13
1.4.1 Impactos da pandemia na metodologia do projeto.....	13
1.4.2 Etnografia lexical em ambiente digital.....	14
1.5 Descrição metodológica.....	17
2. Os Mëbêngôkre - Gente da nascente d'água	24
2.1 Os Kayapó (Mëbêngôkre).....	24
2.1.1 Aspectos históricos.....	27
2.1.2 Os Kayapó - Região do rio Araguaia e Tocantins.....	29
2.2 Localização	31
2.2.1 Interconexão língua, cultura e território.....	32
2.3 Língua Mëbêngôkre	33
2.3.1 Sons da língua e a representação ortográfica	35
2.4 Situação sociolinguística.....	36
3. Os nomes em Mëbêngôkre (Kayapó)	47
3.1 As palavras, as classes e seus critérios.....	48
3.2 Nomes	53
3.2.1 Nomes relativos.....	53
3.2.2 Nomes descritivos	56
3.2.3 Nomes absolutos	57
3.3 Morfologia derivacional dos nomes.....	61
3.3.1 Derivação: atenuação e intensificação	62
3.3.2 Composição.....	63
4. Formação de novas categorias conceituais	65
4.1 O contato e as contrapartidas linguísticas	65
4.2 Definições sobre léxico, neologismo e empréstimo linguístico.....	67
4.3 Neologismos em Mëbêngôkre	69
4.3.1 Composição.....	70
4.3.2 Morfemas derivacionais (- <i>re</i> 'atenuativo' e - <i>ti</i> 'intensivo').....	83
4.3.3 Formativo <i>më</i>	85
4.3.4 Nominalização	86
4.3.5 Incorporação nominal.....	90
4.3.6 Ideofones	92
4.4 Outras considerações	96

5. Agências linguísticas Mëbêngôkre (Kayapó)	99
5.1 Protagonismo e agência indígena na história indígena e indigenista.....	101
5.2 Interações, ações, resistências e posições éticas	104
5.3 Dinâmicas socioculturais Mëbêngôkre	106
5.3.1 Eventos de mobilização indígena.....	108
5.3.2 Produções musicais em Mëbêngôkre	113
5.3.3 Hino Kayapó	121
6. Conclusão	132
7. Referências	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Semana dos Povos Indígenas em São Félix do Xingu, em abril de 2018.....	5
Figura 2 - Chegada dos Mëbêngôkre pelo Rio Fresco - São Félix do Xingu-PA	6
Figura 3 - Orla do Rio Fresco - Chegada dos Mëbêngôkre na cidade	6
Figura 4 - Ponte de acesso à aldeia Tepdjâti sobre o braço do Rio Xingu	8
Figura 5 - Aldeia Tepdjâti - Terra Indígena Kayapó	8
Figura 6 - Escola Municipal Indígena Bepkurwyti, Aldeia Tepdjâti	9
Figura 7 - Formulário pré-elaborado de léxicos Português-Mëbêngôkre	20
Figura 8 - Conversa sobre o léxico <i>ropno-nho-pĩn</i> no WhatsApp	21
Figura 9 - Conversa sobre o conceito de alguns léxicos no WhatsApp	22
Figura 10 - “Nós, Mulheres Kayapó - <i>menire</i> ”	25
Figura 11 - Pintura realizada na Aldeia Tepdjâti, TI Kayapó	26
Figura 12 - ‘Nossa cidadania, nossa pátria é a nossa terra’	32
Figura 13 - Classificação mais recente da família Jê	34
Figura 14 - Ramo Jê de Goyaz	35
Figura 15 - Cartilha <i>Mëprĩre kute Mëbêngôkre kabẽn mari kadjy ã`piók neja</i>	40
Figura 16 - Pela primeira vez TCC é defendido na língua Mëbêngôkre.....	41
Figura 17 - Campanha de cooficialização da língua Mëbêngôkre em SFX.....	42
Figura 18 - Defesa pela cooficialização do Mëbêngôkre	44
Figura 19 - Língua Kayapó (Mëbêngôkre) em um canal do Youtube	77
Figura 20 - <i>Màt amajkrut</i> , aldeia Tepdjâti.....	79
Figura 21 - <i>Kà</i> (casco, casca)	84
Figura 22 - Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032)	109
Figura 23 - Lideranças Kayapó na plenária do Acampamento Terra Livre	110
Figura 24 - Encontro anual da Rede Xingu+.....	111
Figura 25 - Beto Kayapó – “Som da tribo” ao vivo em São Felix do Xingu-PA.....	114
Figura 26 - II Festa do Dia do Índio Mëbêngôkre/Kayapó	116
Figura 27 - Pykatire kayapó cantor Indígena	117
Figura 28 - Programação da Rede Xingu+ (2022)	118
Figura 29 - Videoclipe Forró NB, <i>Arym kam boj</i>	120
Figura 30 - Hino Kayapó cantado por Mokuká na inauguração do CONSEPI/PA.....	123
Figura 31 - ‘Aqui já estou na sala de formatura’ (Mokuká Kayapó)	128
Figura 32 - Capelo de <i>meakà</i> na outorga de grau	129
Figura 33 - ‘Tô me preparando para cantar o Hino Kayapó’	130

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização dos interlocutores desta pesquisa	18
Mapa 2 - Terras Indígenas Kayapó.....	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As consoantes do Mëbêngôkre	36
Quadro 2 - As vogais do Mëbêngôkre	36

LISTA DE ABREVIATURAS

1PL	Primeira pessoa plural
2PL	Segunda pessoa plural
1SG	Primeira pessoa singular
2SG	Segunda pessoa singular
3SG	Terceira pessoa singular
ABL	Ablativo
ATEN	Atenuativo
GEN	Genitivo
HUM	Humano; gente
INCL	Inclusivo
INTENS	Intensificador
LOC	Locativo
N	Nome
NLZ	Nominalizador
NLZ.CIRC	Nominalizador circunstancial
NMINST	Nominalizador instrumental
N.PROP	Nome próprio
P-	Prefixo de pessoa
PERTENCE	Pertence
PL	Pluralizador
R ¹	Prefixo relacional de contiguidade
R ²	Prefixo relacional de não-contiguidade
REL	Relacional
RLS	Realis
TOP	Topicalizador
V	Verbo
Ø	Morfema zero

1. Considerações iniciais

Na primeira seção desta dissertação descrevo os caminhos percorridos na pesquisa e os procedimentos teórico-metodológicos do projeto. A seção inicial é formada por narrativas autobiográficas que me situam no contexto da pesquisa e detalham as travessias que me conduziram ao estudo dos aspectos morfológicos envolvidos na organização de novas categorias conceituais na língua Mëbêngôkre Kayapó.

Trata-se de um estudo etnográfico que envolveu, além do método de pesquisa através do levantamento de informações com falantes Mëbêngôkre Kayapó, diferentes fontes bibliográficas e de leituras sobre línguas Jê. Será descrito nesta seção, os atravessamentos da pesquisa devido à chegada da pandemia (isolamento social, quarentenas, restrições das pesquisas de campo), circunstâncias que me conduziram nos percursos que o trabalho foi tomando.

A chamada “magia da etnógrafa”¹, aconteceu quando percebi que esses impactos não incidiram apenas na minha vida, mas nas dos interlocutores Kayapó e nas das pessoas como um todo. Nesse despertar, entendi que a língua Mëbêngôkre acompanhou as mudanças de seus falantes e precisava registrar isso de alguma forma. Essa condição um tanto solitária pela distância do campo físico fez com que eu estabelecesse laços de amizade com meus interlocutores à distância e assim poder observar a língua culturalmente organizada e em uso através das plataformas sociais (Facebook e WhatsApp).

Optei pela escrita etnográfica inspirada nos conceitos de teoria vivida de Mariza Peirano (2014), na qual minha história, minhas formações e experiências se reencontram para observar, analisar e escrever sobre linguagem, cultura e sociedade, três elementos indissociáveis, vivos e dinâmicos que se alteram no tempo e no espaço (físico e digital) com a participação ativa de seus sujeitos sociais.

Finalmente, veremos nesta seção, em 1.1 a introdução – a apresentação da dissertação, 1.1.1 os caminhos da pesquisa - delinheio o interesse em estudar a língua Mëbêngôkre e descrevo um campo inicial na cidade de São Félix do Xingu/PA; 1.2 Os objetivos, 1.2.1 gerais e 1.2.2 específicos; 1.3 A justificativa, 1.3.1 descrição, análise e documentação sociocultural e linguística; Em 1.4 a metodologia; 1.4.1 os impactos da pandemia na metodologia do projeto; 1.4.2 Etnografia lexical em ambiente digital – apresento a forma

1 Tradução livre do título “The Ethnographer's Magic” (STOCKING, 1992).

utilizada para elicitación de dados com os interlocutores Kayapó durante a pandemia; No tópico 1.5, a descrição metodológica – com as etapas da pesquisa.

1.1 Introdução

A chegada, e posterior estabelecimento dos colonizadores no Brasil, envolveu interações, confrontos e tensões no intercâmbio dos europeus com uma grande e diversificada população autóctone composta por representantes de famílias linguísticas e culturas diversas. Como decorrência desse processo, muitas línguas indígenas se perderam, se modificaram ou foram silenciadas ao longo do tempo.

No que concerne aos papéis desempenhados pelos povos originários na história indígena e indigenista do Brasil, ao voltarmos o olhar para algumas circunstâncias pretéritas verificamos que os povos indígenas estabeleceram complexas redes de resistências e negociações em busca de autonomia, sobrevivência e participação comercial. Apesar do glotocídio vivido, esses povos não assistiram de modo passivo ou ficaram estáticos ao processo de colonização europeu. Há anos, diferentes ações e reações vêm sendo tomadas em defesa da segurança física, cultural e linguística dos coletivos étnicos.

No que concerne ao sistema linguístico, sabe-se que ele acompanha os fenômenos sociais de seu povo. No caso da língua Mëbêngôkre (Kayapó), ela tem se modificado constantemente conforme as dinâmicas socioculturais do grupo. Como tal, essas mudanças vêm deixando suas marcas no léxico, na arte, nas narrativas, nas músicas e nas diferentes produções discursivas devido à necessidade de produção, armazenamento, expressão, transmissão e reelaboração dos conhecimentos sobre a sociedade e a natureza. Neste contexto, os ancestrais e locutores Kayapó não só alteraram o meio ambiente, mas foram modificados por ele, devido a fenômenos geopolíticos e a reorganização dos grupos aos seus próprios modos de vida, tornando a língua e a produção de seus falantes um arcabouço de novos e velhos conceitos, que salvaguarda e ressignifica diferentes léxicos.

Este estudo se centra em uma das interfaces possíveis entre a antropologia e a linguística, com foco nos processos linguísticos envolvidos na formação neológica em Mëbêngôkre. Em resumo, visio entender como ocorre o processo de formação de novas categorias conceituais nesta língua, estudando os processos linguísticos envolvidos na formação desses itens lexicais. A partir disso, reflito sobre as dinâmicas socioculturais de

meus interlocutores investigando os campos semânticos de ocorrência dos novos conceitos, de origem do português.

A abordagem teórica fundamenta-se nas ciências do léxico: lexicologia e lexicografia e na antropologia linguística. A antropologia linguística permite conhecer “a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo”, sendo a língua um dos meios que transparece os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade de fala (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9). Trata-se do “estudo da fala e da linguagem no contexto da antropologia”, ou seja, a linguagem como um recurso cultural e a fala como uma prática cultural (DURANTI, 1997).

Como procedimentos metodológicos, utilizo pesquisa bibliográfica com o levantamento de lexias de origem do português em estudos publicados sobre os Kayapó, como Borges (1995), Salanova (2001), Reis Silva (2001) e Nikulin (2020). Além deste método de busca dos dados, também utilizamos como fonte de pesquisa diferentes produções discursivas de autoria Mëbêngôkre, em textos publicados nas redes sociais (Facebook), pelo falante Okreãjti Metuktire (Patxon) e outros interlocutores, com traduções para o português.

A dissertação está dividida em cinco seções. Na primeira, em considerações iniciais, apresento o delineamento da pesquisa, tais como: experiências em campo antes da pandemia, vertente interdisciplinar atrelada ao programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural, objetivos: geral e específico, justificativa e metodologia.

Na segunda seção, Mëbêngôkre – gente da nascente d’água, faço uma breve incursão sobre a história, localização do grupo, aspectos da fonética e fonologia da língua Mëbêngôkre e a situação sociolinguística de seus falantes, com ênfase nas ações da implementação da Lei 571/2019-CMSFX, que juntamente ao Português Brasileiro (PB), cooficializou a língua Mëbêngôkre (Kayapó) no município de São Félix do Xingu.

Na terceira seção, descrevo os pressupostos teóricos para a descrição dos processos de formação dos nomes para os Kayapó. Apresento alguns lexemas em Mëbêngôkre, coletados em campo virtual, exemplos de descrições em línguas da família Jê que têm correlação com o Mëbêngôkre, como os estudos de Silva da Costa (2015), na língua Xikrín do Cateté; Miranda (2014) na língua Krahô e Camargo (2015) para a língua Tapayuna, além de autores que trabalham com a morfossintaxe Mëbêngôkre, como Borges (1995), Reis Silva (2001), Salanova (2008), Salanova e Nikulin (2020) e Gomes (2021).

Na quarta seção, apresentamos conceitos teóricos sobre léxico, lexicologia e neologismos². Também analiso e descrevo os novos conceitos de origem do português inseridos na língua Mëbêngôkre, estudando os processos linguísticos envolvidos na formação desses itens lexicais. Apresento discussões sobre neologismos de forma e os sentidos semânticos dos neologismos conforme interpretação de meus interlocutores.

Na quinta seção, realizamos debates sobre protagonismos, a formação do pensamento crítico e de posições éticas, dinâmicas socioculturais e resistências cosmopolíticas. Analisamos as atitudes e agências linguísticas Kayapó, com exemplos de ações e movimentos indígenas para valorização da língua, da história e da cultura Kayapó, com análise de produções textuais, tais como o Hino Kayapó e a música do Forró NB (banda Kayapó).

A presente dissertação propõe uma investigação sobre o modo como os falantes ajustam novos conceitos a sua língua conforme suas epistemologias. Esses indivíduos são sujeitos sociais, que dialogicamente se constroem e são construídos no ato comunicativo, desvelando o protagonismo dos povos originários, bem como a importância de suas cosmovisões e produções discursivas, como bem simbólico, identitário e político. Antes de abordar essas questões, contextualizo os caminhos da pesquisa, no sentido da alteridade e da autorreflexão.

1.1.1 Caminhos da pesquisa

O interesse em estudar a língua Mëbêngôkre começou quando trabalhei como professora substituta no Instituto de estudos do Xingu – IEX, na Universidade Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, em São Félix do Xingu (SFX), no ano 2017. Durante o período de docência tive a oportunidade de conhecer alguns Kayapó, sobretudo mulheres, na casa de confecções de utensílios indígenas (hoje já extinta na cidade). A referida casa era um espaço de venda de utensílios (artefatos) e apoio às mulheres indígenas. Na ocasião, comecei a observar algumas diferenças nas falas das mulheres e dos homens, o que me motivou a começar a escrever sobre os Kayapó.

No ano de 2018, morando nas proximidades do Rio Xingu, pude acompanhar a Semana dos Povos Indígenas, um evento tradicional com programação voltada para a valorização

² “Neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um termo recentemente emprestado a um outro código linguístico” (ALVES, 1984, p. 119).

dos povos originários, cujo tema era “o empoderamento da mulher indígena”. Os Mëbêngôkre (Kayapó) que por sua vez, se preparavam ao longo do ano para compartilhar na semana seus saberes, danças, músicas, lutas e histórias.

Figura 1 - Semana dos Povos Indígenas em São Félix do Xingu, em abril de 2018



Fonte: Acervo da Autora (2018)

Durante o evento, tive a oportunidade de acompanhar a chegada dos Mëbêngôkre, vindos em cerca de 70 embarcações que se encontravam na confluência dos rios Xingu e Fresco para juntos chegarem na Orla da cidade, onde todos os esperavam atentamente. Dos períodos em que passei na cidade este foi um dos momentos em que a população não indígena da região saudou a chegada dos Kayapó. É importante ressaltar que a região já vivenciou intensos conflitos entre indígenas e não indígenas. Conforme fontes orais de moradores mais antigos quando os Kayapó estavam descontentes com o prefeito ou fazendeiros da época eles desciam das aldeias armados de arco e flecha e saqueavam os estabelecimentos comerciais, gerando grande terror na cidade. Segundo os relatos, quando isso acontecia todos se trancavam em suas casas e o comércio fechava, essas narrativas ainda permanecem vivas na memória de alguns moradores, sendo essa uma das justificativas dada para os muitos preconceitos contra os Mëbêngôkre (Kayapó) na região.

Figura 2 - Chegada dos Mëbêngôkre pelo Rio Fresco - São Félix do Xingu-PA



Fonte: Acervo da Autora (2018)

Figura 3 - Orla do Rio Fresco - Chegada dos Mëbêngôkre na cidade



Fonte: Acervo da Autora (2018)

Na cerimônia de abertura do evento, o músico e compositor Mokuká Kayapó entoou o Hino Kayapó³ na sua língua materna, grande parte dos presentes ficaram atônitos, pela força e bravura do Hino, sendo um momento rico em vivências e troca de saberes com os diferentes grupos: Xikrin, Juruna, Waiwai e Parkatêjê. As programações ocorreram no Ginásio da Praça do Triângulo, que se tornou um centro de socialização entre os presentes, além de lugar de luta para os Kayapó. Vale lembrar que nas apresentações das crianças e adolescentes a ressignificação de novos conceitos culturais e linguísticos apareceram na interpretação das músicas e danças.

Passada a semana dos povos indígenas, outras vivências marcaram a minha estada na cidade de SFX, quando passei a acompanhar as disciplinas de Estágio Supervisionado e Prática Pedagógica I e II em língua e literatura portuguesa. Nas disciplinas os discentes relataram casos de preconceito linguístico sofrido pelos Kayapó em interações com discentes não indígenas em algumas escolas públicas. Esses relatos ficaram registrados nos relatórios da graduação.

A partir daí, passei a refletir sobre os desafios da educação básica em contexto de bilinguismo, como a falta de qualificação continuada de alguns profissionais da educação formal e a ausência de materiais didáticos voltados para a diversidade da região. Em 2019, conheci a aldeia Tepdjâti, localizada na zona rural de São Félix do Xingu, na TI Kayapó, o lado direito do Rio Xingu, próximo ao Igarapé Bom Jardim, com acesso pela rodovia PA 279. Fui acompanhar uma discente do Curso de Letras da Unifesspa em seu trabalho de campo. No percurso rumo à aldeia, o que mais me chamou atenção foi a quantidade de pastos, fazendas, áreas desmatadas e a poluição dos rios locais.

³ O hino Kayapó foi escrito por uma liderança indígena, o músico, poeta e escritor Mokuká Kayapó, na língua Mëbêngôkre, na aldeia Moikarakô, localizada na Terra Indígena (TI) Kayapó, de São Félix do Xingu (PA). A letra é uma paráfrase ou (re)significação do Hino Nacional brasileiro a língua indígena, tornando-se um documento textual que descreve o universo sociocultural Kayapó e sua relação com a natureza, como veremos na seção 5.

Figura 4 - Ponte de acesso à aldeia Tepdjâti sobre o braço do Rio Xingu



Fonte: Acervo da Autora (2018)

Figura 5 - Aldeia Tepdjâti - Terra Indígena Kayapó



Fonte: Acervo da Autora (2018)

Na aldeia ficamos acomodadas na Escola Municipal Indígena Bepkurwyti, lugar onde pudemos observar os usos da língua Mëbêngôkre no contexto escolar. Foi ali que percebi a língua como um dos mais importantes símbolos de orgulho e representação do grupo. Por outro lado, também observei as dificuldades do trabalho docente no processo de ensino e aprendizagem com falta de materiais de papelaria, tais como: folhas A4, lápis, canetas e tintas. Além disso, a escola carecia de materiais, livros e dicionário/glossários voltados para

sociobiodiversidade Mëbêngôkre, sendo os recursos pedagógicos disponíveis custeados pelos próprios professores locais.

Figura 6 - Escola Municipal Indígena Bepkurwyti, Aldeia Tepdjâti



Fonte: Acervo da Autora (2018)

Destas vivências junto aos Mëbêngôkre, considerando também as reflexões sobre a educação intercultural indígena e o preconceito linguístico da região, partiu o interesse em estudar a morfologia da referida língua e contribuir de alguma forma para a produção de materiais ou estudos que servissem aos Mëbêngôkre, professores da aldeia e da cidade de SFX. Para isso, ingressei no segundo Mestrado buscando uma pesquisa na área da descrição linguística, ampliando, posteriormente, o leque de possibilidades analíticas para o entendimento das dinâmicas sociolinguísticas deste povo que está em constante trânsito (conflituoso ou não) nos espaços de lazer, instituições públicas e privadas das cidades que fazem fronteira com as aldeias.

O aprimoramento do projeto aconteceu durante o curso Mestrado em Diversidade Sociocultural (PPGDS), do Museu Emílio Goeldi (MPEG). Ao dialogar com os docentes e discentes do curso percebemos a realidade heterogênea dos complexos socioculturais da Amazônia. Nas aulas sobre povos indígenas e populações tradicionais compreendi que os princípios teóricos para estudar uma língua transcendem os espectros metodológicos

tradicionais, havendo a necessidade de debates interdisciplinares e colaborativos na construção dos projetos.

Ao longo das disciplinas o projeto ganhou novos contornos considerando tanto o amadurecimento das leituras, bem como as indicações dos docentes do curso. A partir desses debates, observei com mais detalhe algumas singularidades Kayapó. Pude perceber que o grupo não só incorpora novos conceitos à sua língua e cultura, mas também os ressignifica ao seu próprio modo de ser e estar no mundo. Assim, percebi que a língua se desvela em um arcabouço que salvaguarda e conta as dinâmicas de seu povo.

Dito isto, para entender os domínios de uso da língua e as atitudes linguísticas de um povo, passamos a considerar a linguagem, seguindo Duranti (1997), como uma prática cultural que pressupõe os modos de estar-no-mundo de um determinado povo, no caso específico deste trabalho, os Kayapó.

1.2. Objetivos

1.2.1 Gerais

A proposta do trabalho é descrever e analisar a estrutura mórfica de novas categorias conceituais de origem do português inseridas na língua Mëbêngôkre Kayapó. É uma pesquisa interdisciplinar com foco nos processos linguísticos envolvidos na formação neológica e nos campos semânticos (cosmovisões) onde ocorrem a entrada desses itens lexicais. Esse trabalho visa ainda estabelecer uma relação entre a formação dos neologismos e as atitudes linguísticas dos interlocutores Kayapó, conforme suas agências e epistemologias.

1.2.2 Específicos

Os objetivos específicos são:

- (i) Descrever e analisar a estrutura mórfica dos neologismos inseridos na língua (categoria de artefatos);
- (ii) Verificar os tipos de processos linguísticos (afixação, reduplicação e composição) envolvidos na formação de novos itens lexicais;
- (iii) Investigar em quais campos semânticos ocorre à inserção de novos itens lexicais na língua através da interface antropologia e linguística;

- (iv) Estabelecer uma relação entre o processo de formação de novas categorias conceituais e as dinâmicas socioculturais do grupo a partir da investigação dos campos semânticos onde ocorrem à entrada desses itens lexicais;
- (v) Contribuir para os estudos morfológicos e lexicográficos da língua Mëbêngôkre;
- (vi) Estabelecer uma relação entre o estudo de neologismos e as políticas linguísticas dos Mëbêngôkre Kayapó, conforme suas agências e epistemologias.

1.3 Justificativa

Esta seção aborda a relevância em descrever, analisar e documentar uma língua, em especial a língua Mëbêngôkre, considerando seus aspectos linguísticos, culturais e sociais. Discute-se, ainda, a importância de estudos sobre o estágio atual das línguas como uma forma de salvaguardar e valorizar a diversidade biosociocultural e linguística dos povos, considerando o protagonismo e agências dos próprios falantes.

1.3.1 Descrição, análise e documentação sociocultural e linguística

Como se sabe, o sistema linguístico de um povo acompanha os fenômenos sociais dele decorrente. Como consequência, a língua Mëbêngôkre tem se modificado ao longo do tempo, conforme as dinâmicas socioculturais do grupo. Como tal, essas mudanças vêm deixando suas marcas no léxico, na arte, narrativas e diferentes produções discursivas. Esse processo decorre da capacidade de produção, armazenamento, expressão, transmissão e reelaboração dos conhecimentos sobre os seres humanos e não-humanos.

Neste contexto, desde o período mais remoto os povos originários vêm deixando suas heranças simbólicas, seja na cerâmica, paisagens ou no léxico. Como consequência, observa-se que o ser amazônico não só alterou o meio ao ocupar novos sítios habitados por civilizações pretéritas, como também o modificou conforme as suas necessidades (MACHADO, 2009).

As implicações dessas transformações são impactos antrópicos que incidiram diretamente na (re)organização dos grupos, com mudanças profundas nas suas línguas e culturas. Quanto às transformações internas e externas às línguas, suas consequências dialogam profundamente com questões ligadas ao fortalecimento ou não das identidades, pensamento crítico, movimentos sociais e de posições éticas. Assim, descrever e analisar

uma língua, é assumir o compromisso com o seu povo, considerando a vulnerabilidade das línguas indígenas, especialmente no governo bolsonarista, em que políticas governamentais foram identificadas como genocidas pelos próprios povos indígenas.

Como mencionado anteriormente, é possível destacar a língua Mëbêngôkre como uma das representações máximas da história de seu povo, pois é pela oratória que eles mantêm vivas suas tradições e cosmovisões. Assim, estudar a estrutura e o funcionamento da língua, é perceber como esse povo apesar das adversidades e transformações tem conseguido se adaptar no tempo-espaço com grande representatividade e força linguística, como veremos neste trabalho.

As situações de intercâmbio entre povos que não falam as línguas uns dos outros podem gerar uma série de interferências no léxico, na gramática e na cultura, sendo o contato inevitável. Estudos com respeito à funcionalidade das línguas como meio de expressar informação, sentimentos e identidade são considerados de elevada importância (VAN DER VOORT, 2019, p.356). Nesse sentido, em primeiro lugar, cabe destacar que a língua Mëbêngôkre tem sido estudada, a partir de metodologias estritamente da linguística, sobretudo análises descritivas dos aspectos morfológicos, sintáticos, fonético e fonológicos. Além disso, muitos trabalhos estão sendo realizados em áreas de especialidade sob a ótica do tecido cultural, da etnobiologia, antropologia e história. Não obstante, estudos dialógicos entre a antropologia e linguística (e sua variante linguística antropológica), ainda são recentes, como os de Salanova e Nikulin (2020) sobre a história que conta o léxico Mëbêngôkre.

Em segundo lugar, seria importante também contribuir para o estudo da morfologia e da lexicografia Mëbêngôkre, trazendo para esses debates os universos culturais, concepções de mundo e lutas dos falantes, conforme a língua é culturalmente organizada e em uso, sendo as plataformas sociais um espaço interessante para se observar tais movimentações.

É importante também mencionar que a língua Mëbêngôkre está passando pelo processo de implementação da Lei 571/2019-CMSFX, que juntamente ao Português Brasileiro (PB), cooficializou a língua no município de São Félix do Xingu, em 2019. Assim, esta pesquisa também se faz relevante para a área de educação, uma vez que oferece reflexões interdisciplinares sobre a língua e a cultura Mëbêngôkre.

Outrossim, as análises realizadas contribuirão para produção de materiais didáticos e paradidáticos, como cartilhas de Alfabetização, dicionário ilustrado e bilingue

(Mêbêngôkre-Português), além de temas sensíveis para os indígenas e não indígenas vinculados ao projeto *São Félix do Xingu, município bilingue: políticas públicas e documentação sociocultural e linguística Mêbêngôkre*⁴.

Assim, o presente estudo é relevante tanto para os falantes da língua como para os diferentes públicos, pois além de descrever e analisar a estrutura mórfica de novas categorias conceituais visa também estudar os contextos de uso desses léxicos, conforme o conteúdo semântico (cosmovisões) da língua e da cultura. Usando para isso procedimentos metodológicos amparados na etnografia lexical em ambiente digital (ver seção 1.4.2), em decorrência da pandemia e da impossibilidade de execução de trabalho de campo.

1.4 Metodologia

O planejamento inicial do projeto previa pesquisas em campo nas aldeias Tepdjâti e Moikarakô, ambas localizadas na Terra Indígena (TI) Kayapó, de São Félix do Xingu (PA), porém em decorrência da pandemia do Sars-CoV-2 (o vírus que causa a doença Covid-19) houve a impossibilidade do campo *in loco*, implicando na busca por novos horizontes metodológicos para atingir os objetivos da pesquisa, como veremos em 1.4.1. Como abordagem interacional de busca lexical apresentamos uma pesquisa em ambiente digital, onde os indivíduos, na modalidade online e offline compartilham uma série de valores e crenças sobre o mundo (ver 1.4.2).

1.4.1 Impactos da pandemia na metodologia do projeto

O projeto inicial desta pesquisa previa a realização de trabalho de campo para o levantamento de dados lexicais. O estudo aconteceria na aldeia Moikarakô, no início de 2020. Contudo, com a chegada da pandemia, os trabalhos previamente programados tiveram que ser cancelados para a segurança das pessoas envolvidas na pesquisa.

O cancelamento das atividades presenciais e o isolamento social ocasionou inúmeros impactos na vida dos discentes de pós-graduação. Nos aspectos psicossociais podemos citar:

⁴ Projeto organizado pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), em parceria com pesquisadores de outras Instituições, como Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), financiado pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas no Pará – FAPESPA.

crises de ansiedade, adoecimento e luto pela perda de familiares; na vida acadêmica: o afastamento das bibliotecas, dos laboratórios e do campo impactaram diretamente o desenvolvimento das pesquisas, cumprimento de prazos do calendário acadêmico e a finalização de créditos das disciplinas.

Somente com o retorno das aulas remotas foi possível dar continuidade às pesquisas. Com as novas orientações acadêmicas foi percebida a necessidade de mudar a metodologia e alguns enfoques da pesquisa, pois não tínhamos dados lexicais para as análises linguísticas. Essas mudanças prolongaram o período de construção da narrativa textual, assim tivemos que contar com a flexibilidade do programa de Pós-Graduação para a continuação dos estudos.

Ainda vivendo sob o luto das perdas de entes queridos e das incertezas da pós-pandemia seguimos com as aulas síncronas e o compartilhamento das vivências etnográficas colaborativas de nossos professores. Cada nova etnografia apresentada servia de ponto de partida para reformulação metodológica de nossos projetos. E, nesse percurso, surgiu a ideia de fazer um ensaio etnográfico léxico-digital, considerando as ações e interações on-line entre os Mëbêngôkre.

O uso das ferramentas etnográficas nas esferas digitais não é novo na antropologia ou na linguística. Suas dimensões ultrapassam a tradição metodológica do trabalho etnográfico desenvolvido no campo físico. Sendo uma das possibilidades para acompanhar os fenômenos sociais da pandemia de Covid-19 com emergência de atividades remotas associadas ao campo on-line.

1.4.2 Etnografia lexical em ambiente digital

A ideia de etnografia em ambiente digital partiu dos movimentos exigidos pelas “metodologias de estudos sobre as novas plataformas de interações sociais/digitais” (FERRAZ, 2019, p.01). Essa abordagem “parte da produção de novos espaços sociais e de novas experiências subjetivas” que derivam da existência de um ciberespaço social (RAMOS; FREITAS, 2018, p.02). Um campo rico de possibilidades analíticas por ser composto de múltiplos e diversos espaços de onde emergem vozes polissêmicas.

Conforme Ramos e Freitas (2018), esse campo de investigação e de interlocução tem sido construído a partir das interações entre os indivíduos no mundo virtual, através da

relação entre agências sociais e recursos tecnológicos. Os ambientes dessas interações envolvem o uso de websites, redes sociais e mundos virtuais, correspondendo a algum fenômeno interacional, que pode ser reconhecível por todos os espectadores conectados, nas interações no mundo virtual (LEITÃO; GOMES, 2018, p.45).

Esses eventos digitais são devidamente localizados no tempo-espço, sendo também um lugar de construção/afirmação das identidades sociais, de lutas, posicionamentos e difusão de informação conforme a necessidade dos falantes. Sendo assim, a etnografia em ambiente digital conta com diferentes gêneros discursivos (mensagens de WhatsApp, e-mails, chat e class rooms, fóruns de discussões, etc.), em situações de interações on-line e off-line.

Considerando as manifestações linguísticas e culturais mediadas pelas tecnologias, usamos a etnografia digital em busca de construções textuais nas interações on-line. Como esperado, encontramos na rede social Facebook (Face) diferentes manifestações Mëbêngôkre que serviram de base para o levantamento de neologismos, de origem do português, na referida língua.

É importante mencionar que eu já tinha alguns Mëbêngôkre como amigos do Face, interagindo com eles por mensagens na sala de Bate-papo. Nas imersões iniciadas no final de 2020 dei atenção às postagens autobiográficas (fotos, vídeos e músicas) de lideranças Mëbêngôkre acompanhando seus posicionamentos, curtindo, comentando e compartilhando informações quando era solicitado. Meu foco principal consistia em publicações sobre histórias de vida, pensamentos críticos e reflexões sociais.

Entre as inúmeras postagens registrei produções artísticas-comerciais, histórias e memórias de vida. Dentre essas produções me chamou atenção o compartilhamento do Hino Kayapó, símbolo de luta e política indígena. Ainda nessa modalidade interativa passei a adicionar mais pessoas Mëbêngôkre de diferentes aldeias do Mato Grosso e São Félix do Xingu, sempre me apresentando e agradecendo por ter sido aceita na rede de conhecidos/amigos do Face, tendo cuidados concernentes à ética de pesquisa. Assim, interagia nas postagens, de modo que a minha presença era percebida ao reagir (com like, amei, força, risos, tristeza ou raiva) às postagens e não permanecer anônima.

Quando alguma informação continha aspectos linguísticos e culturais com traduções Mëbêngôkre-Português pedia aos locutores autorização para usar aquele texto na minha pesquisa ratificando o cuidado com as devidas referências. Caso fosse autorizada, capturava

a imagem da tela (*batia um print*), capturando as informações do autor, data e horário da publicação do texto, assim comecei o levantamento de léxicos (neologismos).

Pela conectividade (automática, algorítmica) os Mëbêngôkre tornaram-se os favoritos da minha *time-line* (linha do tempo), assim o próprio Face avisava sobre as novas mensagens realizadas por eles, impulsionando as minhas correspondências offline e on-line. Por isso, passava horas navegando na Internet acompanhando as postagens recentes e antigas daqueles usuários, sempre marcando a minha presença para não ser considerada uma etnógrafa-stalker.

Os textos publicados são marcados pela percepção pontual dos contextos de fala, são registros da memória e da história de seus autores. Logo, a materialização de seus pensamentos são representações simbólicas de suas concepções de mundo e de sujeitos. É importante destacar que além do Face outra plataforma digital serviu de base para constituição desta pesquisa. O WhatsApp foi o meio escolhido para conversações mais diretas. Nele foram realizadas diferentes interações, escritas e orais, que ficaram registradas no aparelho celular. Esses momentos de interação foram realizados tanto por conversação informal (espontâneas e não planejadas) sobre temas diversos e específicos sobre a língua; e por conversação formal (com planejamento prévio) para a coleta de dados elicitados, gravados em áudios do aparelho.

A etnografia digital tornou-se um dos principais meios de observação da língua Mëbêngôkre em uso. Tendo em vista que o grupo está em constante trânsito - seja nas aldeias, ou no deslocamento para executar diferentes atividades, tais como: ir ao posto de saúde, realizar transações bancárias, participar de festividades ou encontros políticos - a linguagem como uma ferramenta interacional das pessoas com o mundo, marca as representações entre os seres em um movimento dialógico com o meio ambiente. Surge desse trânsito a antropologia linguística destinada a mergulhar nas diferentes linguagens e saberes, sejam elas manifestações orais ou escritas que ao transmutarem no tempo e no espaço (físico ou digital) deixam suas marcas.

É possível observar nas interações livres e conversações formais com os Mëbêngôkre a presença de representações verbais que revelavam estados reflexivos, críticos e emocionais de seus autores. Além de falas espontâneas que foram encontradas em textos, bem como as conversas no WhatsApp, com a devida autorização dos locutores contribuíram

profundamente ao lado das leituras bibliográficas para o levantamento de léxicos da língua Mëbêngôkre no meio virtual.

1.5 Descrição metodológica

Esta pesquisa divide-se em três momentos distintos: i. Pesquisa bibliográfica; ii. Busca de dados em ambiente virtual através de um ensaio etnográfico lexical em ambiente digital; iii. Análise dos dados da pesquisa por meio de diálogos interdisciplinares, à luz do protagonismo e agências dos interlocutores Kayapó, descritos nas etapas abaixo:

i. **Pesquisa bibliográfica** - nela o aprofundamento teórico foi realizado através da leitura de teses, dissertações, livros, periódicos e artigos, usando, principalmente, os estudos dos seguintes autores: Sobre as ciências do léxico: lexicologia e lexicografia os estudos de Oliveira e Isquierdo (2001); Na antropologia linguística, no que concerne a relação entre língua, cultura e sociedade, as reflexões de Duranti (1997); No levantamento de estudos sobre a língua Mëbêngôkre (Kayapó) os estudos de Borges (1995), Salanova (2001), Reis Silva (2001) e Salanova e Nikulin (2020). E, para o suporte metodológico do ensaio etnográfico em ambiente digital, os estudos de Ramos e Freitas (2018) e Ferraz (2019).

Busca de dados - para o levantamento de lexias de origem do português inseridos na língua Mëbêngôkre realizei um trabalho de campo em ambiente virtual através do ensaio etnográfico léxico-digital. Essa parte da pesquisa se constitui na busca de léxicos a partir de textos publicadas por meus interlocutores nas redes sociais, como: narrativas, músicas, hino, contos, entre outros. A busca por essas produções textuais teve início no Facebook no final de 2020 e durou até 2022.

A abordagem contou com conversações formais e informais com seis locutores bilingües, com L1 em Mëbêngôkre e L2 em Português: **Okreãjti Metuktire (Patxon)**, liderança Metuktire, neto do cacique Raoni, 37 anos; **Mejkàre Metuktire (Kremoro)**, 42 anos, coordenador de assuntos indígenas na Secretaria de Educação de Peixoto de Azevedo/MT, morador da aldeia Kapot, na TI Kapot Jarina (na época das conversas era discente do curso de Antropologia do PPGA-UFPA); **Mydjere Kayapó Mkrangnotire**, 40 anos, vice-presidente do Instituto KABU, morador da aldeia Baú, TI Baú; **Bepjere Kayapó**, 32 anos, (foi aluno do curso de Letras da UNIFESSPA-IEEX, atualmente está concluindo o curso de licenciatura Intercultural Indígena da UEPA), era morador da aldeia Tepdjati (TI Kayapó), mas recentemente vive entre os Xikrin, na aldeia Djudje-Kô, TI Xikrin

do Cateté, no município de Água Azul do Norte/PA; **Takakma Kayapó**, 42 anos, professor formado pelo curso de licenciatura Intercultural Indígena da UEPA e coordenador pedagógico da Escola Kubenhikanhti, na aldeia Moikarakô, TI Kayapó - São Felix do Xingu/PA; e **Bepgogoti Kayapó** (professor indígena formado pelo curso de licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, aprovado no mestrado profissional de linguística da UFRJ), mora na TI Kayapó - São Felix do Xingu/PA.

Dadas as circunstâncias da pesquisa, no período da pandemia, os interlocutores mencionados nesta pesquisa residem em aldeias localizadas em diferentes regiões, TI Báu, TI Kapot Jarina e TI Kayapó. Todos são falantes do Mëbêngôkre, do Português e também entendem outras línguas Jê. Os interlocutores mencionados são professores, coordenadores, estudantes e lideranças de seu povo. São pessoas extremamente ocupadas, por isso nossas conversas para elicitación de dados aconteciam em diferentes turnos e com algumas pausas.

Mapa 1 - Localização dos interlocutores desta pesquisa



Fonte: Michelly Machado (2022)

É importante destacar que a etnografia lexical em ambiente digital só foi possível, pois grande parte desses falantes eu já conhecia dos tempos em que morei em São Felix do

Xingu. Naquele contexto, fiz amizade com alguns destes, em diferentes situações, e os adicionei ao meu grupo de amigos do Facebook. Antes mesmo da pesquisa se modificar para a busca de corpus digitais, eu curti, compartilhava e às vezes interagia com esses falantes, o que me permitiu garantir-lhes confiança, ter acesso aos seus contatos no WhatsApp e manter conversas formais e informais sobre aspectos da língua Mëbêngôkre, constituindo assim, laços de amizade em ambiente virtual.

O fato também de ter ido a campo nas aldeias Tepdjâti, antes da pandemia, me ajudou a entender, em parte, as organizações das aldeias, ter noção das relações de parentescos, conhecer um pouco de seus rituais, grafismos e cultura material. Assim, quando nos falávamos via celular sempre criava uma imagem acústica referente às experiências que vivi naqueles contextos.

Os falantes que eu ainda não tinha um contato direto e que me ajudaram na reta final da pesquisa, os adicionei no Facebook e aos poucos fomos nos comunicando, primeiramente pelo Messenger e depois no WhatsApp. Para ter acesso a um dos falantes da TI Kayapó, contei com a ajuda da professora Maria Nizan de Sousa, que também foi discente de mestrado do PPGDS-MPEG. Apesar do campo virtual parecer um espaço simples para se fazer amizades, é importante destacar que garantir a confiança e envolver os interlocutores indígenas, sobretudo lideranças, em sua pesquisa não é algo que se constrói de maneira imediata, sobretudo sem um contrato firmado “olho no olho”. Foram necessários três anos de conversas e interações para construir um estudo etnográfico e realizar um levantamento de neologismos Kayapó.

Além disso, enfatizo que este estudo foi realizado em campo digital, contando com interlocutores distintos que também dependiam de internet para a realização das eliciações, e por isso, precisavam estar na cidade para que o diálogo melhor acontecesse. Dessas vivências, tivemos interações exitosas no que compete às dinâmicas da língua Mëbêngôkre no ciberespaço, mas também muitas falhas comunicativas ocorreram. Os diários do campo digital e do processo de interação com esses locutores serão publicados posteriormente, pois destacam abordagens sobre o campo e a escrita etnográfica em tempos de pandemia, desvelando silêncios, subjetividades e afetações, com os resultados do se permitir e viver as situações do contexto (SIQUEIRA; FAVRET-SAADA, 2005).








Durante o trabalho de campo digital passava horas na internet analisando os textos publicados pelos meus interlocutores e conversando com eles sobre suas produções. Os

textos normalmente narravam a história dos Kayapó, principais lutas e descrições culturais. Meu método de pesquisa consistia em selecionar textos que estivessem em português e Mëbêngôkre, após a leitura realizava o levantamento dos itens lexicais mencionados e os registrava. Foi assim que encontrei os primeiros léxicos Mëbêngôkre na categoria de utensílios (artefatos). As neologias selecionadas eram registradas em um formulário de léxicos Português-Mëbêngôkre para posterior elicitacão (ver figura 7). Assim, constituí um banco de léxicos básicos e especializados em Mëbêngôkre.

Figura 7 - Formulário pré-elaborado de léxicos Português-Mëbêngôkre

Formulário de léxicos de origem do português

Nome: _____ Idade: _____
Aldeia: _____ Data: _____

nº	Português	Mëbêngôkre	Ilustração	Observações	Fonte
1.	Guarda-chuva	kaibëankrãdia kai. kãibã – alta/longo ankrãdia – sombrinha kai – muito grande nhãp, poste elétrico (ropoo nhãp) o que significa nha e pã.			Bëbjesë Kavapó WhatsApp 22/04/2022
2.	Sombrinha	Apicãdiã ngrice. Apicãdiã – sombrinha ngrice – pequena		Os nomes podem ocorrer com os sufixos derivacionais –ge e –ti, indicam tamanho, pequeno e grande (aumentativo),	Bëbjesë Kavapó WhatsApp 22/04/2022
3.	Poste de luz elétrica	Kwãviãdiãk nhô pã. Kwãviãdiãk - cerca/ rede elétrica nhô – elétrico/electricidade pã - poste ropoo – lâmpada			Bëbjesë Kavapó WhatsApp 22/04/2022
4.	Luz do sol	arigrã irã ã. arigrã - sol irã ã - luz			Bëbjesë Kavapó WhatsApp 25/04/2022
5.	Lâmpada	irã ãdiã. irã ã - luz diã – sozinha/isolada/presa			Bëbjesë Kavapó WhatsApp 25/04/2022
6.	Fotógrafo	mã karô onãx diã. mã - pessoa karô – imagem onãx - tirar diã - segurar		'pessoa que tira foto'	Bëbjesë Kavapó WhatsApp 25/04/2022
7.	Capacete	kamãnhvi puu nhô. maicãdiã. nhô – dele me - pessoa kãã - cabeça diã – em cima/proteção ãdiã – proteção		'proteção de cabeça'	Bëbjesë Kavapó WhatsApp 25/04/2022
8.	Moto	kamãnhvi puu ã. kãm – casco raihvi – parafuso/rápido (longo da viagem/com parafuso ou rápidos) puu ã - Rápido e longo (mal feito)			Bëbjesë Kavapó WhatsApp 25/04/2022

Fonte: Acervo da Autora (2022)

O formulário pré-elaborado serviu de base para as sessões de elicitación realizadas no WhatsApp em períodos distintos. Esse processo ocorreu através de conversas formais e informais com meus seis interlocutores, além dos léxicos encontrados nos textos outros foram surgindo e anotados com o avanço das conversas. Nas interações encaminhava fotos e mensagens perguntando sobre o significado das palavras, sua história e contexto de uso. A utilização de ilustrações e gravação de áudios explicativos⁵ serviram para confirmar o nome e o conceito dos objetos analisados, como se mostra nas figuras 8 e 9.

Figura 8 - Conversa sobre o léxico *ropno-nho-pĩn* no WhatsApp



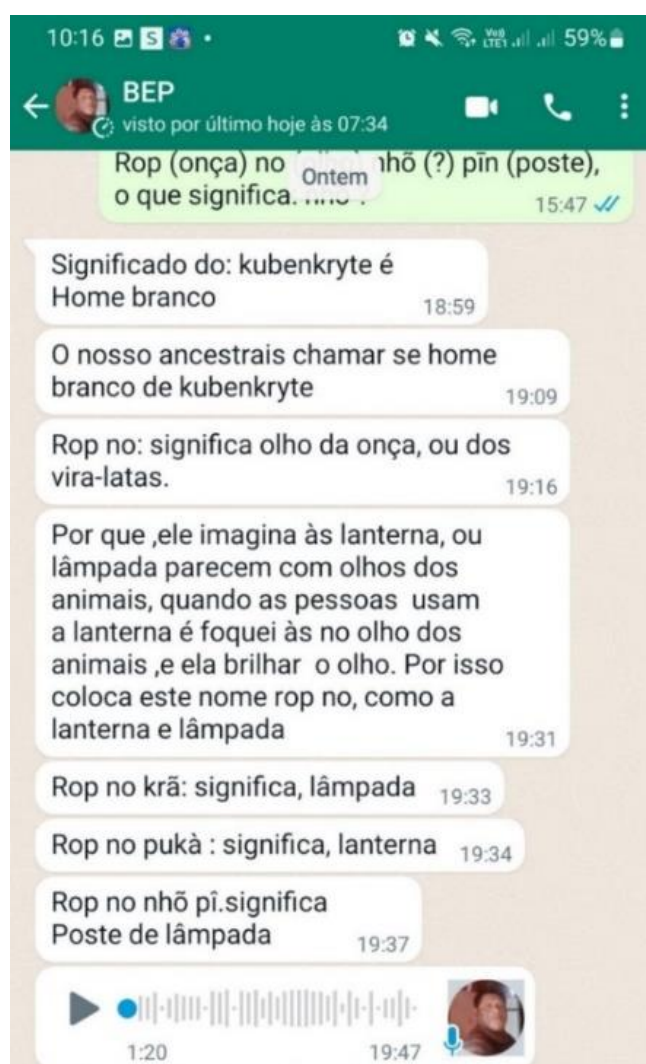
Fonte: Acervo da Autora (2022)

⁵ As mensagens, gravação de áudio e as imagens (WhatsApp e Facebook) utilizadas nesta dissertação foram devidamente autorizadas pelos meus interlocutores, cabendo a sua utilização apenas para fins acadêmicos.

Na imagem 8, um dos meus interlocutores confirma a identificação do objeto ‘poste de lâmpada’, ele anexa uma foto do mesmo item na sua aldeia. Após a identificação do objeto era realizada a descrição dos morfemas constituintes da palavra, ou como dizia um dos meus interlocutores: “ver as partes das palavras até entender o todo”. Esse momento foi um dos mais demorados da pesquisa, pois contávamos diretamente com a internet para socializar as informações.

No ambiente digital, emoticons, stickers, gravação de áudio, chamadas e foto permitiram o melhor entendimento de conceitos Kayapó, além de materializar, quando possível, expressões e termos metafóricos, como na figura 9.

Figura 9 - Conversa sobre o conceito de alguns léxicos no WhatsApp



Fonte: Acervo da Autora (2022)

Nas interações houve o levantamento de vinte (20) neologismos, na categoria semântica de artefatos ou cultura material. É importante ressaltar que o artefato não é visto simplesmente como um objeto, ele é signo e representa um universo cultural. A arte de nomeá-los envolve uma série de conhecimentos que extrapolam a perspectiva descritiva da gramática da língua, envolvendo uma rede de significados pela qual os Kayapó categorizam o mundo.

ii. **Análise dos dados da pesquisa** - após o levantamento dos neologismos foi realizado a descrição e análise dos dados investigando os processos linguísticos envolvidos na formação de novas categorias conceituais inseridas na língua Mëbêngôkre. Tendo como composição predominante a formação de nome + nome, como veremos em 4.4. Além disso, também refletimos sobre os campos semânticos de inserção destes novos itens lexicais oferecendo uma análise sobre o conhecimento de aspectos socioculturais do povo e suas agências linguísticas para manutenção da língua e dos universos conceituais dos Kayapó. A metodologia empregada visou o estudo da fala no contexto da antropologia. Essa modalidade de pesquisa permitiu observar a língua em seu contexto de uso.

2. Os Mëbêngôkre - Gente da nascente d'água

Nesta seção da dissertação apresentamos um breve estudo sobre a história dos Mëbêngôkre (Kayapó), autodenominação, localização e alguns aspectos da língua. As informações apresentadas foram levantadas em fontes bibliográficas e sobre o ponto de vista dos próprios Mëbêngôkre, a partir do levantamento de textos no Facebook, entre os anos de 2020 e 2021. Visamos oferecer uma visão geral sobre o povo da nascente d'água, nos reportando a alguns aspectos históricos e linguísticos que fazem parte dos intercâmbios dos Mëbêngôkre com os não indígenas (*kubê*) e apresentando subsídios que possibilitarão refletir sobre a situação sociolinguística do grupo.

2.1 Os Kayapó (Mëbêngôkre)

A designação Kayapó ou Caiapó foi atribuída ao grupo de forma genérica, possivelmente por algum grupo da família Tupi-Guarani com os quais se relacionaram. Esse termo possui o significado provável de: *caia* (macaco) e *pó* (semelhante) 'semelhante ao macaco' (CABRAL, 2017). Com o passar do tempo o grupo assumiu a denominação Kayapó atribuindo a ela novas significações, como nação, força e resistência.

Sobre o termo Mëbêngôkre, encontramos os seguintes significados com nossos interlocutores: gente da nascente da água, ser do fundo do rio, povo do olho d'água e povo das águas. Esses significados possivelmente fazem alusão aos rios Tocantins e Araguaia de onde os Kayapó são originários, tendo posteriormente, seguido ao longo dos rios em suas diásporas (TURNER, 1992; CABRAL, 2017, p.02). Segundo Okreãjti Metuktire (2020), em textos publicados no Facebook sobre sua origem, o termo Mëbêngôkre pode ser entendido conforme a segmentação morfológica dos designativos abaixo:

- (1) **Me-bê-ngô-kre**
 gente-ser-água-buraco
 'gente que nasce da água'

Para Okreãjti Metuktire (2020) a tradução literal dos termos Mëbêngôkre para o português é complexa, pois suas significações são próprias e características de suas realidades históricas, culturais e geográficas. De todo o modo, para o autor é sempre importante

distinguir os *ngô kréjê* dos *kubê* ‘branco’ ou pessoas de um outro grupo. Por isso, os homens brancos são chamados *kubê* e as mulheres *kubênire*.

Figura 10 - “Nós, Mulheres Kayapó - menire”



Fonte: Instituto KABU – Mëkrãgnõtire (2021)

Essa clara distinção fez-me lembrar das interações com mulheres Kayapó em São Felix do Xingu, inicialmente fui chamada de *kubênire*, depois *nire/nira*. Por meio da composição de palavras da língua Mëbêngôkre (Kayapó), podemos verificar que a palavra sintática /*kubênire*/ ‘mulher branca’ se forma pela justaposição de duas palavras fonológicas, que são /*kubê*/ ‘branco’ e /*nire*/ ‘mulher’ (BORGES, 1995, p.10).

Por meio dessas designações podemos observar a formação de vocábulos que podem ser analisados pelo viés afirmativo identitário como marcadores sociais da linguagem. Como na figura 10, na fala das *menire*: “quando começamos a falar sobre nós mesmas, costumamos a dizer: *menire tyx*, *menire djàpex kume:xi*, *menire mejkumrej*, para o português significa mulheres Kayapó fortes, trabalhadoras e belas”. Em *Me i-bê ngô kré* ‘eu sou Mëbêngôkre’, Okreãjti Metuktire (2020) afirma a sua identidade originária em contraste ao ‘outro’

(METUKTIRE, 2020). Há assim, diferentes formas de estabelecer a demarcação social dos Kayapó.

Além das designações, outros símbolos formam o modo de ser e viver Kayapó. Conforme a cosmologia oral acredita-se que os Kayapó surgiram “por meio de um buraco (fio) de tatu que interligava o espaço externo ao Planeta Terra” (CABRAL, 2017, p.02). Além dos mitos e narrativas outros conhecimentos herdados também representam a cosmologia e relação dos Kayapó com a natureza, como: a faixa raspada no centro da cabeça das mulheres e crianças; o *me à yry* (trabalhos artesanais); os trançados; a arte gráfica, *me ôk* (pintura corporal); o *me à kà* (cocar) de penas para adornar as cabeças dos *benjadwýr* (caciques) ou dos *memy* homens escolhidos; o trabalho com *angà yry* miçanga (colares, pulseiras e brincos), com toda a sua combinação de cores elaborados pelas *menire* (mulheres), entre outras representações simbólicas utilizadas em rituais, eventos políticos ou comerciais.

Figura 11 - Pintura realizada na Aldeia Tepdjâti, TI Kayapó



Fonte: Acervo da Autora (2018)

A personificação corporal ou os grafismos feitos pelas mulheres expressam os bens patrimoniais, representações da fauna e da flora, como também demarcam o lugar de fala do grupo, desvelando sua força, ancestralidade e história. Referências que além de possibilitar

visibilidade a sua origem, também demarcam seu território perante os *kubẽ*. Os *nêkrêj*⁶ Kayapó além de referência identitária se tornaram um elemento para asseguarção de direitos básicos, como autonomia e respeito.

Posey (1987, p.15) defende que o conhecimento dos Mëbêngôkre é um sistema integrado de crenças e práticas. Entre o grupo há muitos especialistas, com habilidades “em solos, em plantas, animais, colheitas, remédios e rituais”. Apesar de conviverem nas aldeias, acreditam que tanto o homem como a mulher podem sobreviver sozinhos, na floresta. Para o autor “é difícil transmitir uma completa visão ecológica Mëbêngôkre, porque isso se passa dentro de uma rede profundamente intrincada de pressuposições culturais”.

2.1.1 Aspectos Históricos

Apesar das adversidades existentes na formação do Brasil, muitos povos conseguiram resistir em defesa de sua segurança física e cultural. Dentre eles, os Kayapó. No período colonial, séculos XVII e XVIII, os ancestrais Kayapó foram tratados como povos *bárbaros* ou das *línguas travadas* por não falarem o “Tupi”⁷, línguas consideradas de mais fácil entendimento para os europeus. Assim muitos povos Jê embrenhavam-se em sítios recônditos no mato, “procurando defender a liberdade com que só longe do alcance dos europeus, poderiam contar” (AZEVEDO, 1999, p. 189).

Os Kayapó, originários da região do Cerrado, passaram por longas diásporas estabelecendo-se no Mato Grosso e na região Sul e Sudeste do Pará. Por esses deslocamentos, as Terras Kayapó apresentam uma grande biodiversidade de espécies da fauna e flora, além de plantas domesticadas que enriquecem a dieta do grupo e servem para o tratamento de enfermidades. Não é aleatório que seus territórios se tornaram a única barreira contra a devastação das florestas.

Considerando o que falam os próprios Kayapó sobre a sua história, utilizo trechos de uma publicação do locutor Okreãjti Metuktire (2020), em suas pesquisas sobre os mais velhos Kayapó. Para o autor, o grupo tem origem a partir dos Gorotire, destaca a tese segundo a qual o “grupo ancestral” se subdividiu em três grupos principais (Irã’ãmãnhre, Goroti Kumrem [ancestrais dos Kayapó] e Porekry ou Purukarwýt [ancestrais dos Xikrin]).

⁶ *Nêkrêj* são as “riquezas” para os Mëbêngôkre (LEA, 2012), podem ser ferramentas, utensílios, adornos plumários, itens rituais, entre outros.

⁷ Como era referida por muitos, de forma genérica, a Língua Geral Amazônica.

Para Verswijver e Gordon (2002) citado por Metuktire (2020), os Irã'ãmrãnhre (“os que passeiam nas planícies” ou “os que andam sob a claridade da lua”) eram assim chamados apenas por ironia da palavra, pois na verdade, segundo Metuktire em pesquisas com a sua avó, esse grupo só atacava inimigos de noite ou de madrugada, por isso este nome. Os Goroti Kumrem (“os homens do verdadeiro grupo grande”), se estabeleceram ao norte; e, finalmente, os Porekry (“os homens dos pequenos bambus”), viviam a noroeste do Rio Pau D'Arco (METUKTIRE, 2020; VERSWIJVER; GORDON, 2002).

Atualmente os Goroti Kumrem estariam divididos nos seguintes subgrupos e aldeias: Gorotire (TI Kaiapó, aldeias Gorotire, Kikretum e Las Casas). Os Gorotire novamente dividiram-se, criando os subgrupos Kubenkrankêi (aldeia homônima) e Mekrãgnoti (“os homens com grandes pinturas vermelhas no rosto”). Os Mekrãgnoti fracionaram-se em: Mekrãgnoti (TI Baú, aldeias: Kubenkokre, Kenjam, Pykani) e Metyktirè (que vivem nas aldeias Kremoro [Kapoto], Metyktirè, Piaráçu).

Já os Pore-kry dividiram-se em três subgrupos: os Djore (extintos na década de 1930); os Xikrin que vivem atualmente na TI Xikrin do Rio Cateté, nas aldeias Pykatingrät e Djudjêkô, cujos nomes querem dizer, respectivamente, “praia”, ou “lugar com areia” e “pau d'arco”. Um outro grupo Xikrin, os Kokorekré, estaria na TI Trincheira Bacajá. Todos esses grupos são da mesma etnia, e, portanto, são também conhecidos como Kayapó (METUKTIRE, 2020, online; VERSWIJVER; GORDON, 2002).

Como outros povos originários, os Kayapó possuem uma relação particular com entidades sencientes. Em narrativas publicadas por Okreãjti Metuktire é possível notar a presença de diferentes entidades que interagem ou interagiram com ancestrais Kayapó: água, terra, floresta, plantas e céu, demonstrando uma relação entre humanos e não-humanos, como veremos nas seções 4 e 5. A própria denominação da língua Mëbêngôkre ‘gente que nasce da água’ faz referência a essa interconexão entre o povo e os elementos da natureza.

São esses elementos que aparecem nas diferentes produções textuais, tais como: narrativas, composições, músicas, léxicos e histórias. No caso do sistema de nomeação de seres e artefatos, muitos nomes derivam de termos para animais e partes de plantas, como veremos em alguns neologismos da seção 4.

2.1.2 Os Kayapó - Região do rio Araguaia e Tocantins

Sobre a história de contato entre os Kayapó e os primeiros missionários da região Sul do Pará, podemos destacar os registros encontrados no livro ‘Cem anos da Diocese em Missão’ organizado pela Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia (2008) e disponível na biblioteca da Prefeitura de Santana do Araguaia. No referido material é possível observar algumas descrições atribuídas aos Kayapó pelos primeiros missionários que se estabeleceram na região dos rios Araguaia e Tocantins.

Segundo o levantamento da Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia (2008, p.01), em um recorte de 1897 a 1947, os Kayapó já apareciam em dispersão na região que compreende ao sul e sudeste do Pará. Quando em 1897, o Frei francês Gil de Vilanova desembarcou nas terras com “alguns imigrantes do norte de Goiás (hoje Tocantins), deparou-se com um cenário paradisíaco, um imenso jardim do Édem” (DIOCESE DA SANTÍSSIMA CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, 2008, p.01).

A história ocidental contada sobre o município de Conceição do Araguaia remonta ao deslocamento de missionários para o trabalho de catequização dos índios que viviam na bacia Araguaia-Tocantins, sobretudo Kayapó e Xavante. O núcleo foi fundado pelo Frei Gil de Vilanova. Conforme as narrativas locais Frei Gil rezou missa debaixo de um pequizeiro e ergueu uma barraca, na qual morou durante anos (FERREIRA, 2003; SCHMINK & WOOD, 2012).

Quando me refiro à história contada, gostaria de destacar o fato de a referida região dos rios Araguaia-Tocantins ser habitada pelos povos originários em condições pretéritas ao contato com os europeus. Como veremos no tópico sobre a língua Mëbêngôkre, as referidas áreas fazem parte da diáspora dos falantes do Proto-Jê Setentrional e do Ramo Jê de Goyaz (Salanova e Nikulin, 2020, p.03). Contudo, se observarmos os léxicos onomástico-toponímicos da mesorregião do sudeste paraense (Conceição do Araguaia, Bom Jesus do Tocantins, São Félix do Xingu, São Domingos do Araguaia, São Geraldo do Araguaia, entre outros.) verifica-se a hegemonia da Igreja Católica Apostólica Romana, como representação simbólica da fundação histórica-social do Brasil (FEITOSA, 2021).

O próprio Frei Gil de Vilanova reconhecia que quem cuidava do imenso jardim ou das áreas próximas aos rios Araguaia e Tocantins eram os povos da floresta e das águas: os índios “Caiapós, Carajás, Tapirapés”, entre outros (DIOCESE DA SANTÍSSIMA CONCEIÇÃO

DO ARAGUAIA, 2008, p.01). É importante lembrar que cuidar não significa possuir, portanto não cabia aos povos da floresta, naquele contexto, ter a posse da terra ou nomear localidades.

A história dos Kayapó se entrelaça à história de desenvolvimento da região Sul do Pará. Conforme as narrativas dos missionários, já existia um profundo diálogo entre os nativos locais, mesmo falando línguas aparentemente diferentes, todos se entendiam “através de cada elemento da natureza, como também da música, da dança e rituais” (DIOCESE DA SANTÍSSIMA CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, 2008, p.01-02).

No século XX, no período de 1945-1965, os missionários da Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia (2008, p.02) relataram a chegada dos garimpeiros e a corrida pelo ouro. Para eles, “progressivamente, os índios que não se deixaram integrar pela sociedade do homem branco são afastados das próprias terras e repelidos para o coração da mata virgem”. Paralelo a isso, é citado também pela Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia (2008, p.02) o enriquecimento de muitas “aldeias indígenas pelo extrativismo e pela exploração do ouro que introduziu uma mentalidade bem diferente daquelas recebida dos Padres dominicanos”. Conforme a Diocese, quando conflitos estouravam entre os índios e brancos, cabia ao bispo se esforçar pela reconciliação.

A esse respeito, Okreãjti Metuktire (2020) afirma que é constitucional e legal que cada povo indígena tenha uma autonomia para decidir o que fazer para se manter sob as novas perspectivas econômicas. Interessante que “repudiamos algumas iniciativas, mas não impedimos que certos programas cheguem nas aldeias, sempre atentos ao cronograma cultural” (METUKTIRE, 2020, online).

O que conhecemos hoje como a TI Kayapó, sofreu um intenso processo de colonização a partir da década de 60, com a abertura das rodovias Belém-Brasília (BR-010), Cuiabá-Santarém (BR-163) e finalmente a Transamazônica (BR-230). Assim, a reocupação da região foi constituída a partir de um viés econômico com um grande fluxo migratório de indivíduos procedentes de outros pontos do país (DIOCESE DA SANTÍSSIMA CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, 2008, p.01-02).

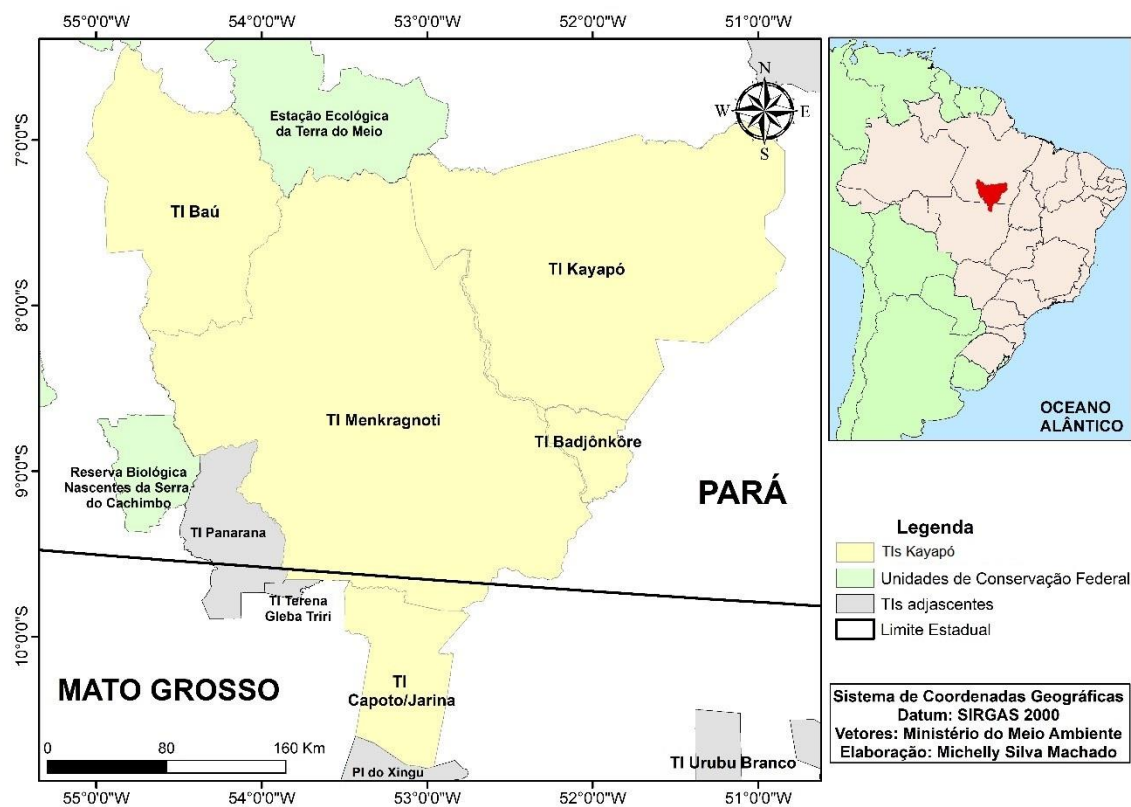
Esse processo gerou o crescente desmatamento para a implementação de grandes empresas e o estabelecimento da atividade pecuária, de modo que a TI Kayapó ficou rodeada por pastos e, mais recentemente, por lavouras de soja. O desmatamento, com o crescente esgotamento dos recursos naturais nos entornos da Terras Kayapó, representa um dos

maiores riscos à sobrevivência das florestas e dos modos de vida Mëbêngôkre (VILLAS-BÔAS, 2019).

2.2 Localização

Os Mëbêngôkre (Kayapó) estão localizados em uma grande área que se estende do norte do Mato Grosso (AI KapôtjJarina), à região sul do Pará (AI Baú: Mekranotire, AI Mekranoti, AI Kayapó e AI Badjonkôre), desde os afluentes do Rio Fresco (afluente do Xingu) ao leste, até os afluentes do Rio Curuá. A oeste, há alguns Kayapó que vivem no baixo curso do Rio Iriri, na AI Kararaó. Os Xikrin habitam duas regiões descontínuas no Pará: a AI Cateté, situada em torno ao rio homônimo, afluente do Itacaiúnas, que por sua vez tem sua foz no Araguaia, e a AI Bacajá (VILLAS-BÔAS, 2019).

Mapa 2 - Terras Indígenas Kayapó



Fonte: Michelly S. Machado (2022)

A TI Kayapó: Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kararaó, Kayapó, Las Casas, Mëkrãgnoti, Xikrin do Cateté e Trincheira/Bacajá, está localizada no sul do Estado do Pará

e norte do Estado do Mato Grosso, situada na borda sudeste do ecossistema amazônico, em uma área de transição entre a Floresta Tropical e o Cerrado do Brasil Central (VILLAS-BÔAS, 2019).

2.2.1 Interconexão língua, cultura e território

Um olhar sobre a geopolítica das línguas indígenas nos remete a pensar no que diz a Constituição (BRASIL, 1988): “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições”. Como aponta Freire (2014, p.379) língua e território estão reunidos no mesmo artigo 231, “determinando o reconhecimento das línguas indígenas e dos direitos originários sobre as terras tradicionalmente ocupadas”. Na figura abaixo, podemos observar um *post* de 2018, realizado por Mokuká Kayapó, acerca de sua visão sobre o território indígena e patrimônio cultural brasileiro:

Figura 12 - ‘Nossa cidadania, nossa pátria é a nossa terra’



Fonte: Mokuká Kayapó (2018) - Facebook

Freire (2014, p.363) destaca ainda que “historicamente, língua e território costumam andar de mãos dadas, constituindo um binômio inseparável”. Para o autor, uma língua contém todo o território onde é falada, sendo um critério importante para o reconhecimento das identidades, delimitação de fronteiras linguísticas e limites de jurisdição sobre as áreas ocupadas. De acordo com Carneiro da Cunha e Cesarino (2014, p. 13) a função identitária (língua e cultura) por excelência, hoje, é a que afirma a indianidade de uma sociedade diante do Estado brasileiro.

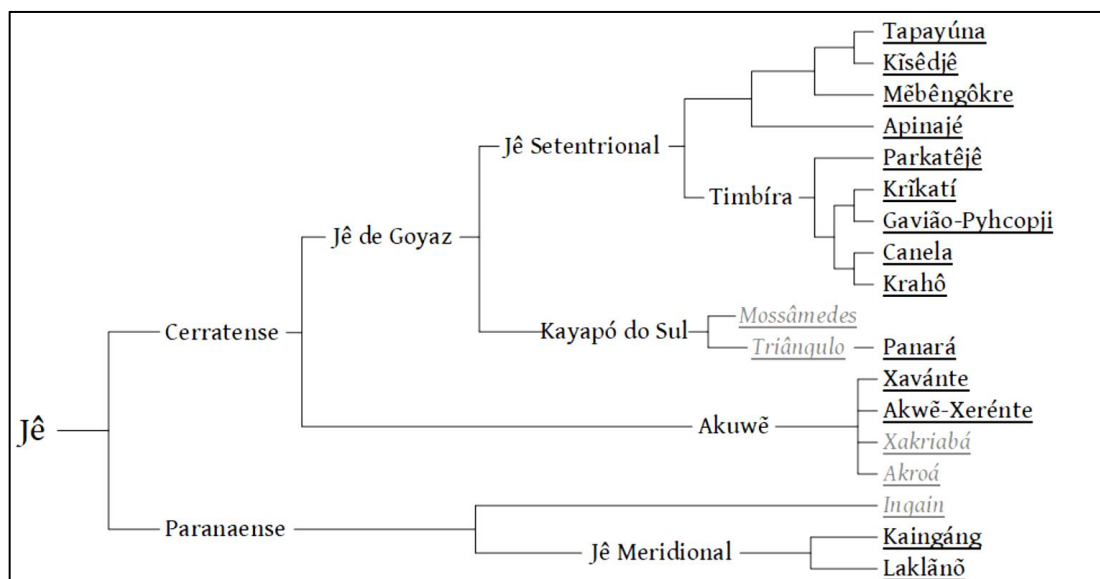
Conforme Mokuká, a cidadania Kayapó está fundamentada em seu território, nas terras por onde passaram e viveram seus ancestrais. Nesse sentido, se pensarmos nos territórios linguísticos Kayapó, além de fronteira linguística temos toda uma biodiversidade representada nos léxicos e na organização interna da língua. Saberes, nomes, neologismos e as representações simbólicas do grupo salvaguardam a flora, a fauna, a geografia, os seres, os ancestrais, as memórias e os conhecimentos cosmológicos vivenciados naquele lugar. Logo, as lutas pelas línguas indígenas são também lutas pela manutenção das florestas, sobrevivência e permanência territorial.

2.3 Língua Mëbêngôkre

Conforme Salanova (2001, p.01) Mëbêngôkre é o nome da língua falada por duas nações do centro-norte do Brasil, os Xikrin e os Kayapó. No passado, os Kayapó e Xikrin eram inimigos tradicionais, por isso passaram a ser mencionados, como: “Mëbêngôkre-Kayapó” e “Kayapó-Xikrin”, pela questão da autoconsciência étnica destes povos.

Tanto os Kayapó como os Xikrin estão divididos em diversos grupos e apesar das guerras do passado, atualmente se reconhecem como nações únicas. Conforme Salanova e Nikulin (2020, p.02) o Mëbêngôkre (Xikrin e Kayapó) é umas das línguas mais faladas da família Jê, existindo cerca de 13,5 mil falantes (embora não existam dados precisos recentes quanto ao número total de falantes, segundo os autores).

Na literatura Kayapó, a língua Mëbêngôkre é classificada como pertencente ao sub-ramo Setentrional da família linguística Jê, junto “às línguas Kĩsêdjê (Suyá), Tapayúna (Kajkwakhrattxi), Apinajé, e às múltiplas variedades do complexo linguístico Timbira: Parkatêjê, Gavião-Pyhcopji (Pykobjê), Krĩkatí, Canela e Krahô” (SALANOVA E NIKULIN, 2020, p.02-03). Na classificação mais recente de Nikulin (2020), as línguas Jê Setentrionais integram o sub-ramo denominado Jê de Goyaz, do ramo Cerratense, conforme a Figura 13.

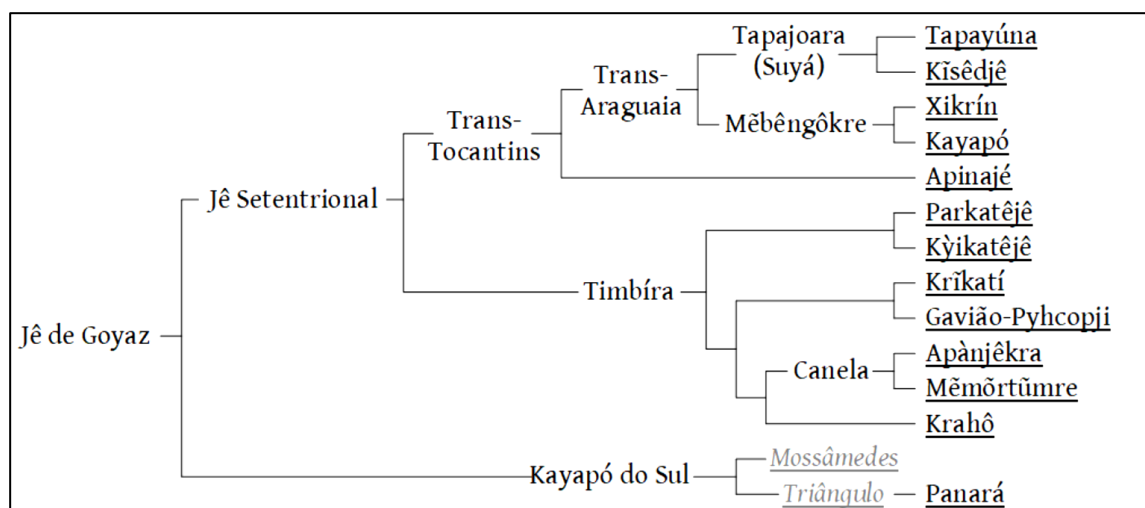
Figura 13 - Classificação mais recente da família Jê

Fonte: Salanova e Nikulin (2020, p.03)⁸

Sobre dispersão histórica e linguística dentro do sub-ramo Jê Setentrional, o artigo de Salanova e Nikulin (2020), aponta informações importantes sobre as proximidades das línguas Mẽbêngôkre, Kĩsêdjê e Tapayúna (as duas últimas são faladas no Alto Xingu, no entanto originárias da bacia do Tapajós). Para Nikulin (2019) citado por Salanova e Nikulin (2020, p.54), “essas três línguas compartilham 82–86% de cognatos na lista de 110 palavras de Swadesh”, sendo agrupadas nas línguas Trans-Araguaia.

Considerando ainda a identificação de cognatos na lista de 110 palavras de Swadesh, as línguas Trans-Araguaia são mais próximas ao Apinajé (compartilham 74–83% de cognatos na mesma lista), já com as variedades Timbira (compartilham 69–80%) (SALANOVA E NIKULIN, 2020). Ainda segundo esses autores, o sub-ramo Jê Setentrional, foi subdividido em dois grandes agrupamentos: Timbira e o chamado Trans-Tocantins (com o Apinajé, o Mẽbêngôkre, o Kĩsêdjê e o Tapayúna), como podemos observar na Figura 14.

⁸ Conforme a legenda, “nas Figuras 1 e 2, os rótulos sublinhados se referem a variedades linguísticas atestadas. Os demais rótulos dizem respeito a agrupamentos genéticos específicos. As variedades cujos rótulos estão grafados em cinza e itálico se encontram em desuso (extintas ou dormentes)” (Salanova e Nikulin, 2020, p.03).

Figura 14 - Ramo Jê de Goyaz

Fonte: Salanova e Nikulin (2020, p.03)⁹

Conforme os autores citados, a *glotocronologia* permite observar que os ancestrais dos Mêbêngôkre se separaram dos Kîsêdjê e dos Tapayúna entre os séculos VIII e X, os Apinajé teriam se separado do grupo ancestral desses três povos entre os séculos V e IX, já a cisão dos falantes do Proto-Jê Setentrional em Timbira e Trans-Tocantins teria acontecido entre os séculos II e VI. Esse tipo de hipótese revela o quanto o estudo das línguas é importante para o conhecimento da história de um povo.

2.3.1 Sons da língua e a representação ortográfica

O inventário das consoantes e vogais em Mêbêngôkre foi descrito por Stout & Thompson (1974), Salanova (2001) e Salanova e Nikulin (2020). Entre parênteses, utilizo os equivalentes ortográficos de cada segmento, (cf. Salanova e Nikulin, 2020, p.65-66):

⁹ Conforme a legenda, “nas Figuras 1 e 2, os rótulos sublinhados se referem a variedades linguísticas atestadas. Os demais rótulos dizem respeito a agrupamentos genéticos específicos. As variedades cujos rótulos estão grafados em cinza e itálico se encontram em desuso (extintas ou dormentes)” (Salanova e Nikulin, 2020, p.03).

Quadro 1 - As consoantes do Mëbêngôkre

	bilabiais	alveolares	palatais	velares	Glotal
obstruintes surdas	p (p)	t (t)	tʃ (x)	k (k)	ʔ (')
obstruintes sonoras	b (b)	d (d)	ɟʒ (dj)	g (g)	
Nasais	m (m)	n (n)	ɲ (nh)	ŋ (ng)	
soantes orais	w (w)	r (r)	j (j)		

Fonte: Salanova e Nikulin (2020)

Quadro 2 - As vogais do Mëbêngôkre

	vogais orais	vogais orais	vogais orais	vogais nasais	vogais nasais	vogais nasais
altas	i (i)	u (y)	u (u)	ĩ (ĩ)	ũ (ỹ)	ũ (ũ)
médias-altas	e (ê)	ɤ (ý)	o (ô)	ẽ (ẽ)	ã (ã)	õ (õ)
médias-baixas	ɛ (e)	ʌ (à)	ɔ (o)			
baixas		a (a)			ã (ã)	

Fonte: Adaptado de Salanova e Nikulin (2020)

2.4 Situação sociolinguística

Considerando os anos de contato “os índios Kayapó sofreram uma série de transformações em sua organização social e estrutura cultural nos quase quatrocentos anos de sua existência” (TURNER, 1992, p.312). Apesar das transformações socioculturais e o forte intercâmbio com não indígenas, a língua Mëbêngôkre continuou sendo usada como veículo diário de comunicação tanto nas aldeias e como fora dela.

Dada à separação geográfica dos povos das línguas Jê, é possível dizer que seus grupos passaram por longas diásporas localizando-se em diferentes pontos do Brasil. Sobre os Jê Setentrional, especificamente o Mëbêngôkre, acredita-se que o processo de ocupação e expansão territorial deste povo culminou em variações dialetais entre os Kayapó e Xikrín. Contudo, ambos se autodenominam *kaben mex* (aqueles que falam bem), destacando o prestígio da língua para os seus povos.

Essa constante transformação que vive a língua Mëbêngôkre nos reporta ao que tem sido uma das maiores preocupações da linguística contemporânea: a vitalidade das línguas, especialmente em contextos de grande contato linguístico (VIOTTI, 2020). Se pensarmos no conceito de vitalidade linguística, Amaral (2020) menciona os fatores de vitalidade conforme indicações levantadas por um painel de especialistas a pedido da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nesse sentido, os fatores de vitalidade linguística podem ser observados nos seguintes critérios (AMARAL, 2020, p.08): i. número de falantes; ii. uso da língua; iii. educação; iv. atitudes (internas e externas); e v. documentação. Dentro desse quadro, os paradigmas colocados aqui são:

- i. Número de falantes: o grau de transmissão intergeracional, número absoluto de falantes e proporção de falantes na população;
- ii. Uso da língua: domínios de uso da língua e Adaptação a novos domínios;
- iii. Educação: materiais existentes para educação;
- iv. Atitudes internas e externas: políticas públicas e reconhecimento institucional, e atitudes linguísticas da comunidade;
- v. Documentação: quantidade e qualidade da documentação linguística.

Se usarmos esses paradigmas de vitalidade linguística para entender o contexto linguístico Kayapó, podemos desvelar alguns aspectos que representam a força, resistência e organização da língua tanto em condições pretéritas, como no atual contexto político brasileiro. A situação atual da língua Mëbêngôkre indica um caso de vitalidade linguística, mas que requer certos cuidados e incentivos em relação aos aspectos de políticas públicas e educacionais, como veremos nas discussões dos cinco itens a seguir:

Sobre o primeiro item, o Mëbêngôkre é a terceira língua mais falada da família Jê, conforme Nikulin (2020). Segundo o banco de dados de idiomas *Glottolog*, há aproximadamente 7,266 falantes Mëbêngôkre ao redor do mundo e de acordo com dados da Secretaria Municipal de Cultura (SEMCULT), somente no município de São Félix do Xingu (2020) existem cerca de 2008 indígenas Kayapó, distribuídos em 30 aldeias.

A língua é utilizada como veículo diário de comunicação nas aldeias e a maioria dos Mëbêngôkre adultos são falantes bilíngues (Mëbêngôkre - Português), aprendendo a língua indígena ainda na infância e o português na escola. Portanto, os Mëbêngôkre (Kayapó)

possuem grande densidade populacional e têm usado a língua ancestral como meio de comunicação direto nas aldeias apesar dos anos de contato com não indígenas.

Acerca do segundo item sobre os domínios de uso da língua, Reis Silva (2001) já observava em seus estudos que praticamente todas as crianças e adolescente até mais ou menos 15 anos eram monolíngues em Mëbêngôkre. Passados vinte anos da pesquisa da autora, sabemos que esse número tem se modificado com a ampliação das escolas indígenas e a inserção do currículo e calendário da educação formal em muitas escolas das aldeias. A esse respeito, em conversas informais com alguns Kayapó, foi mencionado que apesar do grupo preservar sua língua materna, estava acontecendo a entrada de alguns empréstimos do português, algo que estava lhes preocupando, cogitando-se a necessidade de uma ortografia comum para todos os Kayapó fortalecerem a sua língua e produzirem mais materiais didáticos autênticos e de autoria indígena. Atualmente o grupo possui duas ortografias: uma produzida pela missão evangélica americana *Summer Institute of Linguistics* (SIL) e outra organizada pelos professores indígenas que atuam nas aldeias e fizeram o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena¹⁰ da Universidade do Estado do Pará.

De todo o modo, as crianças Kayapó continuam aprendendo a língua Mëbêngôkre no seio familiar, estudando o português somente nos processos de escolarização. Análises recentes na TI Kayapó, apontam que as crianças até mais ou menos nove anos são monolíngues em Mëbêngôkre. Esse aspecto é importante, pois essas crianças não esquecerão sua língua materna e mesmo que no futuro aprendam outra língua, os códigos linguísticos dos ancestrais estarão armazenados na memória do falante. Dessa forma, conclui-se que existe alta transmissão da língua Mëbêngôkre dentro da comunidade de fala Kayapó.

Ainda no segundo item, sobre adaptação a novos domínios, esse quesito nos chama atenção, pois dialoga diretamente com a proposta investigativa dessa dissertação, que consiste em descrever e analisar a estrutura mórfica de novas categorias conceituais de origem do português inseridas na língua Mëbêngôkre, como na seção 5, no qual analisamos diferentes produções discursivas Kayapó em ambiente digital, tais como: músicas, narrativas, e a paráfrase do hino nacional Kayapó, escrita por Mokuká Kayapó. Na seção 4.3 estudamos os processos linguísticos envolvidos na formação neológica de artefatos inseridos na língua

¹⁰ O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena é coordenado e oferecido pelo Núcleo de Formação Indígena (NUFI), uma unidade da Pró-Reitoria de Graduação, formando professores e estudantes indígenas em nível superior, de acordo com as especificidades culturais e necessidades das comunidades indígenas.

e na cultura Mëbêngôkre (Kayapó). Essas seções nos ajudam a entender como a língua tem se adaptado no tempo e no espaço conforme as necessidades comunicativas de seus falantes, sendo ao mesmo tempo instrumento de posicionamentos políticos-culturais e de luta indígena.

Sobre o item três, educação e produção de materiais na língua Mëbêngôkre, podemos citar: a “gramática pedagógica Kayapó”, produzida por Kathleen Jefferson (1980), o material não descreve o funcionamento da língua, mas apresenta um manual de conversação voltada à aprendizagem do Mëbêngôkre. As Cartilhas *Me Banhõ Pi'ók* (SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS, 1977), publicada em três volumes distintos. As cartilhas produzidas pela Missão Evangélica aos Índios do Brasil (MEIB), pelos professores indígenas e organizações como a Associação Floresta Protegida (AFP), tais como: o livro *Mëprîre kute Mëbêngôkre kabên mari kadjy ã'pi'ók neja* (ver figura 15)¹¹ (TRONCARELLI, 2012) e o livro *Mëbêngôkre kabên mari kadjy 'ã pi'ók nê já*, de alfabetização na língua Mëbêngôkre (TRONCARELLI, 2015).

As cartilhas apresentam narrativas, histórias das aldeias Kayapó, ortografia Mëbêngôkre, atividades com traduções para português, imagens do cotidiano indígena, diferentes vocabulários na língua, além de desenhos produzidos pelos próprios Mëbêngôkre. Apesar da escrita da língua indígena ser uma modalidade recente, vários textos e materiais foram produzidos pelos professores indígenas em parceria com docentes não indígenas, como na figura 15.

¹¹ Foi pensado para a alfabetização na língua Mëbêngôkre, produzido pela Associação Floresta Protegida e organizado por Maria Cristina Troncarelli (2015).

Figura 15 - Cartilha *Mêprĩre kute Mëbêngôkre kabên mari kadjy ã'pi'ôk neja*

Mêprĩre kute Mëbêngôkre kabên
mari kadjy ã'pi'ôk neja
Livro de alfabetização na língua Mëbêngôkre



Fonte: Troncarelli (2012)

Contudo, como bem destaca Quaresma (2012, p.06), esses materiais Mëbêngôkre pouco se diferem ao tratamento dado à escrita nas cartilhas produzidas pelo SIL, na década de 1960. Portanto, grande parte dos materiais estão defasados, havendo a necessidade de novas publicações ou novos volumes que correspondam ao contexto atual da língua Mëbêngôkre, através de textos produzidos pelos autores indígenas.

Quaresma (2012, p.170) considera que a produção de livros didáticos produzidos na língua Mëbêngôkre com textos autênticos é possível, pois existem produções indígenas sobre narrativas, cantos, mitos, entre outros, que podem cumprir esse papel nos materiais didáticos. Acrescento que materiais de autoria Kayapó existem, embora muitos deles estejam guardados, dispersos nas aldeias.

Sobre trabalhos acadêmicos em língua Mëbêngôkre, cito o primeiro Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido e escrito na língua Mëbêngôkre na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), do professor Bep Punu Kayapó (2019), sob o tema: *Be Jakam Bet Djá Gu Me Arym Ba Arym Kaben o Ba Bit Noro Ket* – ‘Se nós escrevemos a nossa língua a gente não se esquece’.

Figura 16 - Pela primeira vez TCC é defendido na língua Mëbêngôkre



Fonte: Bep Punú Kayapó (2019) *Facebook*

Em relação a produção de materiais colaborativos com a participação de autores indígenas, linguistas, pedagogos, etc., essa prática precisa ser amadurecida e implementada, haja vista que os textos de autoria indígena, se constituem como um diferencial para o fortalecimento da língua, tanto nas aldeias como fora dela (QUARESMA, 2012).

Apesar de alguns avanços na educação intercultural indígena e a primeira produção acadêmica na língua Mëbêngôkre, são necessárias medidas urgentes para fortalecer a língua e a cultura nos materiais didáticos e nos processos educacionais como um todo.

Considerando o item quatro, atitudes internas e externas dos sujeitos e as políticas públicas e de reconhecimento institucional, podemos citar o caso da cooficialização da língua Mëbêngôkre, de 27 de agosto de 2019, em São Félix do Xingu (2019). Esse projeto trouxe novas aspirações para algumas lideranças indígenas e para a comunidade de fala que viu a possibilidade de ter seus direitos de livre expressão cosmológica assegurados por Lei.

Como estratégia de fortalecimento linguístico ocorreu o processo de implementação da Lei 571/2019-CMSFX que cooficializou a língua Mëbêngôkre (Kayapó), juntamente ao Português Brasileiro (PB), no Município de São Félix do Xingu (2019), incluindo o incentivo da disciplina de estudo da língua no currículo escolar, nas escolas da rede municipal de ensino localizadas nas regiões em que predominam a população descendente dos Kayapó no município. Essa iniciativa partiu de alguns professores e discentes de mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, que atuam nas aldeias da TI Kayapó, e de lideranças indígenas.

Figura 17 - Campanha de cooficialização da língua Mëbêngôkre em SFX



Fonte: CBN, São Félix do Xingu Notícias (2019) – Facebook

Sabemos que a cooficialização é um grande passo para as políticas linguísticas indígenas. Contudo sua implementação passa por muitos desafios na prática, tais como: as intransigências de certos moradores da cidade de São Felix do Xingu que não reconhecem a autonomia dos povos originários e lutam pela diminuição da TI Kayapó para a construção de pastos e o desenvolvimento econômico da região, os preconceitos linguísticos locais, a falta de infraestrutura para aplicação da Lei, mudanças no currículo escolar para trabalhar a língua nas escolas, entre outras questões que fogem do escopo do presente trabalho e serão abordadas em outro momento da pesquisa.

Segundo informações de professores indígenas, as atividades de aplicação da referida Lei foram suspensas no período da pandemia da COVID-19. Até o presente momento não foi possível verificar nas instituições públicas e privadas mudanças significativas influenciadas pela Lei 571/2019. De todo o modo, sua implementação apresenta avanços e agências linguísticas em relação ao reconhecimento da diversidade linguística brasileira, faltando ainda o suporte governamental para a sua eficácia, além de um trabalho de conscientização com a sociedade não indígena para o seu fortalecimento.

Segundo Freire (2014, p. 381) a cooficialização de uma língua implica atribuir novas funções a essas línguas, obrigando os órgãos competentes, como as prefeituras usarem a língua na documentação oficial juntamente com o português, bem como prestar serviços públicos nas áreas de saúde, educação e segurança nas duas línguas. Ainda segundo esse autor, as prefeituras devem se comprometer e apoiar o ensino das línguas indígenas nas escolas do município e nos meios de comunicação locais.

Sobre essa questão, citamos que em 2021 foi aprovado o projeto “São Félix do Xingu, município bilíngue: políticas públicas e documentação sociocultural e linguística Mëbêngôkre”, organizado pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), em parceria com lideranças Mëbêngôkre, professores de São Félix do Xingu e do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena e pesquisadores de outras instituições, como do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-UFGA). O projeto foi financiado pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas no Pará - FAPESPA, e tem o intuito de contribuir para o processo de cooficialização da língua a partir da produção de materiais didáticos e paradidáticos, como cartilhas de alfabetização, dicionário ilustrado e bilíngue (Mëbêngôkre-Português), além de temas sensíveis para os indígenas e não-indígenas. Até o momento, esse é um único projeto voltado para o fortalecimento da língua Mëbêngôkre na região.

Do ponto de vista das políticas culturais e linguísticas dos índios para os índios (CARNEIRO DA CUNHA; CESARINO, 2014, p.09), a cooficialização da língua Mëbêngôkre é um marco histórico para sua população. Podemos entender essas iniciativas como reações ao sistema classificatório e monolíngue das políticas linguísticas nacionais que durante anos desconsideraram os diferentes grupos e famílias linguísticas existentes no Brasil.

Com base nos fatores descritos acima, aplicando os critérios de vitalidade linguística apresentados em Amaral (2020) ao contexto sociolinguístico do Mëbêngôkre (Kayapó), concluímos que apesar da língua Mëbêngôkre parecer com alta vitalidade, sua manutenção implica em uma série de ações políticas internas e externas à língua, considerando a força dominante do português e a precariedade na implementação de uma educação bilíngue e diferenciada.

Com relação à força da língua para esse povo, é importante destacar uma estimativa realizada em 1920 pelo padre Antonio Maria Sala, no ensaio da gramática Kayapó (SALA,

1920), segundo a qual se especulava sobre a provável extinção da língua em dez anos. Contudo, conforme informações etnográficas, hoje, um século após essa estimativa, o número de falantes da língua nativa se multiplicou, tendo em vista a grande capacidade adaptativa do grupo de (re)significar diferentes conceitos culturais (materiais e imateriais) aos seus próprios estilos de vida.

Fontes orais e digitais evidenciam a agência do grupo pela valorização de seu patrimônio material e imaterial, com ações cotidianas internas e externas a língua, no espaço físico e virtual, como se mostra na figura 18.

Figura 18 - Defesa pela cooficialização do Mëbêngôkre



Fonte: Bepdja Kayapó (2019) - Facebook

Os Mëbêngôkre (Kayapó) passaram a adaptar o *kukràdjà* (conhecimento) aos novos paradigmas sociais através de adaptações com base no *Mejkumerex*. O conceito *Mejkumerex* - *mej* (beleza, bonito) e *kumerex* (tradição) estabelece “a dimensão teórica e prática dos modos de operacionalização da cultura Mëbêngôkre, bem como seus pressupostos morais, éticos e estéticos”, conforme Cabral (2017, p.02).

Desde o início do século XX, os Kayapó têm se organizado em associações em prol dos direitos indígenas, passando a estabelecer relações comerciais e políticas com as cidades

vizinhas, incentivando a produção do artesanato, organização interna, conservação ambiental e articulações políticas.

Conforme Chalhoub (2001, p.25) essas ações e intenções dos sujeitos, que em determinado momento empregam determinados valores em suas vidas, é uma forma de afirmação constituída por convenções, que leva em consideração critérios como: inclusão e exclusão social; vantagens; conquistas; proteção; reconhecimento e necessidades internas e coletivas.

Essas relações comerciais incentivaram o deslocamento de muitas famílias indígenas rumo às cidades fronteiriças¹², em busca de melhores condições de vida, acesso à escola e a saúde. Essas famílias se estabeleceram na periferia da cidade, próximo as cabeceiras do rio Fresco, em casas de madeira ou de barro. Também matricularam seus filhos nas escolas municipais ou estaduais, tentando conciliar o saber tradicional ao contexto da cidade.

Segundo informações da Secretaria de Educação de São Félix do Xingu (2018) nos anos de 2018 e início de 2019, existiam cerca de 50 (cinquenta) alunos indígenas matriculados nas escolas municipais de São Felix do Xingu. De acordo com Turner (1992, p.312), apesar das dispersões territoriais e interferências culturais, os Kayapó conseguiram “preservar e até mesmo expandir seu controle sobre assuntos comunitários internos”, tendo a língua como um dos maiores patrimônios de seu povo.

Tendo em vista o papel da língua Mëbêngôkre nas sociedades que as falam, descrevê-las e analisá-las é de fundamental importância não só pela riqueza da sociobiodiversidade agregadas a ela, mas, sobretudo, pelas consequências dos impactos sociais que os coletivos étnicos vêm sofrendo por políticas desenvolvimentistas, conflitos fundiários, depredação ambiental, contaminação das águas, desmatamento, garimpo ilegal, serrarias, a PL 490 com a proposta de marco temporal para a demarcação das TIs e, atualmente, no enfrentamento do Sars-CoV-2 (o vírus que causa a doença covid-19) que continua circulando no país.

Nesse contexto, entendemos que a língua Mëbêngôkre é um conjunto de códigos articulados que expressa a história, as crenças e a cosmologia de seus falantes, além disso exerce uma função social, como um instrumento de defesa, de luta e de manifestação identitária, conforme as atitudes da comunidade linguística e de seu entendimento de mundo.

¹² Consideramos fronteiriças as cidades que fazem limite com as aldeias Mëbêngôkre (Kayapó) ou servem de apoio para articulações políticas, tais como: São Félix do Xingu, Xinguara, Marabá, Ourilândia do Norte, Tucumã, Redenção, Parauapebas e Santana do Araguaia.

De acordo com Carneiro da Cunha e Cesarino (2014) a língua e a cultura servem também para demarcar os espaços ou as fronteiras do grupo, constituída em ambientes propícios para a verbalização identitária, personificação corporal, demarcação de fala, de força e de ancestralidade, utilizadas pelos indivíduos e seus respectivos grupos para assegurar direitos sociais, como: autonomia, respeito e reconhecimento. Dessa forma, não só a língua, mas todos os sinais diacríticos dos Kayapó têm sido elemento fundamental para o fortalecimento identitário, demarcação e permanência territorial, como veremos na seção 5.

3. Os nomes em Mëbêngôkre (Kayapó)

Este trabalho partiu de uma questão problema que consistia em entender como os Mëbêngôkre tem conseguido ao longo do tempo preservar a sua língua indígena diante do colonialismo brasileiro. Nessa linha de entendimento, comecei a perceber um conjunto de ações internas e externas da língua Mëbêngôkre, conforme as organizações e o modo ser Kayapó. Dessas reflexões e de estudos da etnologia indígena propus o conceito de agência linguística, a partir do entendimento que os povos originários através de suas dinâmicas socioculturais têm alterado as paisagens, domesticado florestas e adaptado o meio ambiente para sua sobrevivência, assim comecei a pensar na língua como uma fonte desses registros e dessas experiências de vida. Desse modo, precisava ir além das minhas percepções mais usuais e tentar estudar na língua Mëbêngôkre as marcas dessas dinâmicas e encontros (ou desencontros) linguísticos e culturais. Então, parti para o estudo do léxico, ciente de que neles encontraria respostas para entender algumas das reações Kayapó diante do intercâmbio cultural com os *kubẽ*.

Enfoco nas contrapartidas linguísticas Kayapó para sobreviver ao contato, que em muitos casos, ocorreu de maneira violenta, contudo sempre ciente de que a cosmovisão Kayapó é algo muito além das breves descrições analisadas. Nesse sentido, chegamos à seção que para mim foi uma das mais desafiadoras, pois sempre trabalhei na interface entre história, antropologia e linguagem. Estudar diretamente aspectos da descrição e da análise linguística foi um desafio, considerando minhas limitações teóricas na linguística. Mas, ainda assim precisava continuar e focar na tese desta dissertação que consiste no “processo de formação de novas categorias conceituais e as agências linguísticas Mëbêngôkre Kayapó”.

Contudo, antes de estudar propriamente os neologismos, precisei entender os principais processos de formação dos nomes em Mëbêngôkre. Portanto, nesta seção, apresento dados e estudos do Mëbêngôkre e de outras línguas da família Jê que têm correlação com a língua Mëbêngôkre, como Silva da Costa (2015, p.50) acerca da língua Xikrín do Cateté, Miranda (2014, p.70) para língua Krahô e Camargo (2015) com a língua Tapayuna. Cito alguns autores que trabalham com a morfossintaxe Mëbêngôkre, como Borges (1995), Reis Silva (2001), Salanova (2008), Salanova e Nikulin (2020) e Gomes (2021). Esses autores foram imprescindíveis para a descrição de alguns processos da morfologia Mëbêngôkre. Alguns lexemas em Mëbêngôkre coletados em campo virtual já são apresentados enquanto disserto sobre o processo de formação de nomes, porém os neologismos formais, são descritos e

analisados na seção 4. Os dados aqui discutidos foram construídos em conjunto com os colaboradores indígenas.

A presente seção organiza-se nas seguintes subseções: 3.1, as palavras, as classes e seus critérios. Em 3.2, apresentamos a classe dos nomes. No tópico, 3.2.1, descrevo os nomes relativos, 3.2.2, os nomes descritivos e 3.2.3 os nomes absolutos. A morfologia derivacional dos nomes é estudada em 3.3. Em 3.3.1, abordamos os processos derivacionais de atenuação e intensificação. E, posteriormente, em 3.3.2, a composição.

3.1 As palavras, as classes e seus critérios

De acordo com Marcus Maia (2006, p.83) ao falarmos, reunimos em nossas produções (orais ou escritas) palavras pertencentes a diferentes categorias gramaticais, tais como: substantivo, verbo, adjetivo, preposição, entre outros. Os falantes de uma língua, mesmo não tendo passado pelos processos de escolarização, “têm o conhecimento de que as palavras pertencem a famílias distintas, reunindo-as, adequadamente, em suas frases” (MAIA, 2006, p.83) e reconhecendo sentenças agramaticais.

Considerando os estudos de Givón (2001, p.44) sobre vocabulário lexical e gramatical, as palavras de uma língua natural podem ser divididas em dois tipos principais:

- Palavras lexicais (‘conteúdo’);
- Palavras não lexicais (‘função’);
 - Morfemas gramaticais;
 - Morfemas derivacionais.

As classes mencionadas - palavras lexicais, morfemas gramaticais e morfemas derivacionais se diferem substancialmente quanto à sua função dentro do sistema de comunicação. As palavras lexicais descrevem conceitos e significados, representam o nosso universo físico, cultural e interno compartilhado, são representadas por um número de classes abertas, tais como: nomes, verbos, adjetivos e advérbios. As palavras não lexicais, codificam funções gramaticais e são expressas por um número de classes relativamente fechadas. A classe aberta é aquela em que se pode sempre acrescentar novos itens, a classe fechada, é a classe que, geralmente, apresenta um conjunto limitado ou finito de itens

(GIVÓN, 2001, p.44-45). Os Morfemas derivacionais são geralmente usados para criar (derivar) novas palavras léxicas a partir de elementos já existentes. Os morfemas gramaticais e derivacionais são, em sua maioria, formados por afixos, que se juntam às palavras.

As categorias lexicais são, comumente, classes abertas, enquanto que as categorias funcionais são classes fechadas. Para definir se uma palavra pertence a uma ou outra classe, há critérios de classificação que precisam ser verificados. Para as palavras lexicais (nomes, verbos, adjetivos, advérbios) são três: semântico, morfológico e sintático. Para as palavras não lexicais (os morfemas), além desses três, há ainda os critérios morfotáticos.

Marcus Maia (2006, p. 85) também apresenta os mesmos critérios semânticos, morfológicos e funcionais (equivalente ao sintático) para definir as classes de palavras e ilustra a aplicação desses critérios na identificação das dez classes de palavras da língua portuguesa: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição. Importante destacar, como ressalta Maia (ibid.), que nem sempre essas classes podem ser identificadas em outras línguas, pois a conceituação de classes de palavras é bastante complexa, não só em função dos critérios definidores, como também pelo fato de que tais classes podem variar conforme a organização de cada língua (MAIA, 2006, p. 85). Assim, para uma análise de dados mais segura com relação à identificação das classes de palavras de uma língua, é fundamental entender os diferentes critérios de acordo com os campos semântico, morfológico, fonológico, sintático e funcional.

Silva da Costa (2015, p.50), em sua análise sobre as classes de palavras em Xikrín, variedade com características próximas ao Mëbêngôkre (Kayapó), considera nove classes de palavras, a saber: nomes, pronomes, verbos, posposições, advérbios, conjunções, palavras aspectuais, palavras modalizadoras, e interjeições.

Os nomes e os verbos fazem parte das classes abertas e permitem a inclusão de novas palavras, além de serem adaptativas, conforme o uso do falante (SCHACHTER E SHOPEN, 2007). As classes fechadas possuem “um número fixo e limitado de itens, normalmente, invariáveis de um falante ao outro” (SCHACHTER E SHOPEN, 2007, p.03), e podem ser formados por marcadores, clíticos, complementizadores, relativizadores, preposições, posposições, adposições e interjeições.

De maneira geral, há duas classes reconhecidas em línguas do tronco Macro-Jê, nomes e verbos, apesar de cada língua apresentar propriedades específicas. Na perspectiva da morfologia, Rodrigues (1999) e Miranda et al. (2020, p. 246) destacam que parte das línguas

Jê se caracteriza por ser do tipo analítica, apesar de algumas exibir propriedades flexionais, como flexão relacional. Outras categorias gramaticais, por sua vez, exibem graus variados de integração morfológica e transparência semântica, indo do mais lexical/independente ao mais gramatical/preso ou coexistência de novas formas gramaticais com as mais antigas, podendo ou não levar à substituição gradativa destas por aquelas (MIRANDA et al., 2020, p. 246), cabendo investigar as formas que têm se estabilizado para designar novos conceitos.

Em Mëbêngôkre, as duas classes de palavras maiores são o nome e o verbo. Nos próximos tópicos nesta dissertação estudaremos apenas os nomes com o intuito de estudar o processo de formação de novos itens lexicais em Kayapó.

A classificação dos nomes tem sido abordada em diversos trabalhos de cunho descritivo de línguas da família Jê. O Mëbêngôkre, possui várias raízes que podem tanto ser associadas a nomes quanto a verbos (REIS SILVA, 2001, p.22); ambas recebem as marcas morfológicas de pronomes pessoais. No caso dos nomes as marcas pronominais expressam a relação de posse. Assim, a posse é uma das subcategorias importantes para a categorização nominal nessa língua.

No estudo sobre “Os aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó”, Marília Ferreira Borges (1995, p.31), ressalta que os nomes na língua Mëbêngôkre podem ser dependentes e independentes. A noção de dependência e independência corresponde à noção de posse alienável e inalienável. Nas palavras da autora, uma relação de dependência é caracterizada pelo fato de uma entidade só se conceber pela implicação da existência de outra. Assim, os nomes dependentes aparecem diretamente ligados às marcas de referência pessoal (BORGES, 1995, p.32). Semanticamente os nomes dependentes referem-se a termos da anatomia e a termos de parentesco. Já os nomes independentes designam outros seres e objetos (BORGES, 1995 p.02-01).

Essa classificação apresentada por Borges (ibid.) para Mëbêngôkre reflete uma divisão tipologicamente comum em várias línguas, segundo a qual a classe nominal divide-se em nomes possuídos e não possuídos. Por exemplo, TELLES (2007, p.128) ao descrever a flexão nominal em Umutina informa que entre os nomes possuídos nessa língua costumam estar aqueles que expressam relação de posse alienável, de propriedade acessória, permanente ou necessária (objetos pessoais, utensílios, roça) e inalienável, cuja relação de posse é inerente, (parte do corpo e termos de parentesco, relações mitológicas). Os nomes não-possuídos, por

- b. *paʔ kra*
 paʔ *kra*
 incl filho ‘nosso filho’

Sintagmas possessivos em Mëbêngôkre apresentam estrutura semelhante à estrutura encontrada em Apãniekrá, como descrita por Castro-Alves (2004), como se pode observar nos exemplos em (3a-e), que apresentam palavras para termos de parentesco e partes do corpo em Mëbêngôkre, mencionados por Reis Silva (2001, p.22-23):

- (3) a. *i-pa*
 1SG-braço
 ‘meu braço’ / ‘eu tenho braço’
- b. *a-prõ*
 2SG-mulher
 ‘tua mulher’ / ‘você tem mulher’
- c. *i-prõt*
 1SG-corro
 ‘eu corro / minha corrida’
- d. *i-ɖʒudʒm*
 1SG-feitiço
 ‘meu feitiço / eu sou feiticeiro’
- e. *i-kaben*
 1SG-fala
 ‘minha fala / eu falo’

Nos exemplos citados por Reis Silva, podemos verificar algumas partículas presas aos nomes e aos verbos. Trata-se dos pronomes na língua Mëbêngôkre. Na referida língua existe uma série de pronomes (pessoais, pronomes demonstrativos, pronomes interrogativos, entre outros), que podem se comportar de maneira livre ou dependente. Os pronomes dependentes ocorrem prefixados a um núcleo lexical (verbo, posposição ou nome). Gomes (2021, p. 65), em sua tese de doutorado, estabelece a distribuição das duas séries de pronomes livres e presos conforme o alinhamento morfossintático da língua Mëbêngôkre¹³. No caso dos neologismos aqui apresentados os pronomes são prefixados a nomes, verbos e posposições. A 1ª pessoa é marcada com o prefixo *i-* e a 2ª pessoa com o prefixo *a-*.

¹³ Para uma consulta mais detalhada sobre os pronomes em Mëbêngôkré, remetemos o leitor aos trabalhos de Reis Silva (2001); Silva da Costa (2015) e Gomes (2021).

3.2 Nomes

Devido à importância da definição das classes de palavras, com a adoção de critérios semânticos, morfológico e sintáticos, começamos a próxima seção com a classe de nome, baseado nos estudos de Silva da Costa (2015) e Miranda (2014). Neste trabalho, nos baseamos nos estudos realizados por Silva da Costa (2015) para o Xikrín, por se tratar de uma variedade da língua Kayapó com características próximas ao Mëbêngôkre (Kayapó) e procuramos estabelecer uma comparação com os morfemas gramaticais desta língua. As semelhanças semânticas e estruturais dos sintagmas nominais entre essas duas variedades podem ser observadas nos exemplos citados abaixo, nas seções 3.2.1, 3.2.2 e 3.2.3. Partindo dessa perspectiva, agrupamos os nomes na língua Mëbêngôkre em: (i) relativos, (ii) descritivos, e (iii) absolutos. Conforme detalhamento abaixo para cada subtipo:

3.2.1 Nomes relativos

Os nomes relativos são definidos pela conjugação dos critérios semânticos e morfossintáticos. Semanticamente, são nomes relativos todos aqueles cujos referentes têm existência relativa a algo ou a alguém. Morfológicamente, em Xikrin e Mëbêngôkre (Kayapó) esta classe de nomes compreende partes do corpo humano, a partes dos animais, a partes das plantas, a relações de parentesco e a alguns termos referentes a utensílios e/ou adornos corporais, exemplos típicos da cultura material Xikrín e Mëbêngôkre (Kayapó).

Partes do corpo humano

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.51) para língua Xikrin):

- (4) a. Poi Ø-nɔ
 Poy R¹-olho
 ‘olho de Poy’
- b. i Ø-nɔ
 1SG R¹-olho
 ‘olho de mim’ (meu olho)

- d. kukryt j-anhkwa
anta R¹-boca
'boca da anta'
- e. rop j-anhkwa
onça R¹-boca
'boca da onça'
- f. rop Ø-kamrô
onça R¹-sangue
'sangue da onça'
- g. pĩ Ø-ô
árvore R¹-folha
'folha de árvore'
- h. tyryti Ø-ô
bananeira R¹-folha
'folha de bananeira'

Relações de parentesco

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.53) para língua Xikrin):

- (8) a. a Ø-bãm
2SG R¹-pai
'teu pai'
- b. i dʒ-umrɛŋet
1SG R¹-sogro
'meu sogro'

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre):

- (9) a. Bepgogoti kan̄kwynh
N.PROP 'irmã de ego feminino'
'irmã de Bepgogoti'
- b. i-nhõ i-bám
1SG-GEN R¹-pai
'meu pai'
- c. a-nhõ a-bám
2SG-GEN R¹-pai
'teu pai'

- d. i-nhõ i-nà
 1SG-GEN R¹-mãe
 ‘minha mãe’

Utensílios e adornos corporais

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.53) para língua Xikrin):

- (10) a. Ikro ŋ-ikrakamɾΛj
 Ikro R¹-anel
 ‘anel de Ikrô’
- b. i Ø-kĩdʒedʒΛ
 1SG R¹-prendedor de cabelo
 ‘meu prendedor de cabelo’

3.2.2 Nomes descritivos

Para Silva da Costa (2015, p.54) os nomes descritivos são aqueles que, sob a perspectiva semântica, expressam noções que dizem respeito “à qualidade, à sensação física, a estado mental e à dinamicidade e, sob a perspectiva morfossintática, são sempre seguidos de seus determinantes aos quais se ligam por meio de flexão relacional”. Conforme Miranda (2014, p. 73), para língua Krahô, os nomes desse subtipo, assim como os nomes relativos, são dependentes dos referentes aos quais se associam, cuja relação de dependência morfossintática se expressa na morfologia por meio da flexão relacional. Assim, os nomes descritivos podem desempenhar a função de modificadores e núcleo de predicados nominais, ou seja, são modificadores de nomes relativos, conforme mostram os exemplos abaixo:

Qualidade

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.54) para língua Xikrin):

- (11) a. křĩ ŋ-ipok
 aldeia R¹-redondo
 ‘o redondo da aldeia’
 (lit. ‘aldeia redonda’)
- b. ŋo Ø-kɔɾɔɾɔɾɛ
 rio R¹-raso
 ‘o raso do rio’
 (‘o rio está raso’)

- c. a Ø-kĩ j-abje
 2SG R¹-cabelo R¹-comprido
 ‘o comprido do meu cabelo’
 (‘meu cabelo é comprido’)

Estados mentais

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.55-57) para língua Xikrin):

- (12) a. mēnire Ø-kapĩre
 mulher R¹-tristeza
 ‘a tristeza da mulher’
 (‘a mulher está triste’)
- b. benadɣwərə Ø-kĩj
 chefe R¹-alegria
 ‘a alegria do chefe’
 (‘o chefe está alegre’)

Dinamicidade

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.56-57) para língua Xikrin):

- (13) a. ga na ga a Ø-prõt
 2SG RLS 2 2 R¹-corrida
 ‘existiu tua corrida’
 (‘tu correste’)
- b. ga na ga arəp a Ø-kato
 2SG RLS 2 já 2 R¹-saída
 ‘já existiu tua saída’
 (‘tu saíste’)
- c. ba na ba i Ø-kabēn
 1 RLS 1 1 R¹-fala
 ‘existiu minha fala’
 (‘eu falei’)

3.2.3 Nomes absolutos

Os nomes absolutos, são independentes, segundo o critério morfológico e sintático, e do ponto de vista semântico têm existência própria. Para Silva da Costa (2015, p.57), os nomes absolutos da língua Xikrin constituem uma subclasse de temas nominais cujos referentes não

dependem de outra entidade para existir. Estes nomes apresentam entidades referentes à fauna, à flora, a elementos da natureza e a nomes de pessoas, assim como veremos para os Xikrin e Kayapó:

Nomes referentes à fauna

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.57) para língua Xikrin):

- | | | | |
|------|----|---------|----------|
| (14) | a. | kukrit | ‘anta’ |
| | b. | aŋro | ‘porcão’ |
| | c. | kaprã̃n | ‘jabuti’ |
| | d. | mɔt | ‘arara’ |

(Exemplos extraídos da cartilha Troncarelli (2015, p.152) para língua Mëbêngôkre):

- | | | | |
|------|----|---------|----------|
| (15) | a. | angrô | ‘porcão’ |
| | b. | kaprã̃n | ‘jabuti’ |
| | c. | apjêti | ‘tatu’ |
| | d. | mât | ‘arara’ |

Nomes referentes à flora

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.57) para língua Xikrin):

- | | | | |
|------|----|---------|----------|
| (16) | a. | pidzorã | ‘flor’ |
| | b. | pi | ‘urucum’ |
| | c. | aw | ‘mogno’ |
| | d. | moj | ‘jatobá’ |

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre):

- | | | | |
|------|----|-------|------------|
| (17) | a. | ngrwa | ‘buriti’ |
| | b. | pi’y | ‘castanha’ |
| | c. | bây | ‘milho’ |
| | d. | pique | ‘prin’ |

Nomes referentes a elementos da natureza

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.57) para língua Xikrin):

- | | | | |
|------|----|----------|-----------|
| (18) | a. | pika | ‘terra’ |
| | b. | kɔjkwa | ‘céu’ |
| | c. | mitirwə | ‘lua’ |
| | d. | mit | ‘sol’ |
| | e. | kapetire | ‘estrela’ |

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre):

- (19) a. ngô ‘água’
 b. pyka ‘terra’
 c. myt tyrwy ‘lua’
 d. myt ‘sol’

Ainda segundo Silva da Costa (2015, p. 58) na língua Xikrin¹⁴, os nomes referentes a manufaturas, a objetos da cultura material, nomes referenciais tomados de empréstimo da língua portuguesa, “por força do contato com a sociedade circundante, e, ainda, nomes absolutos, quando ocorrem numa relação de dependência, são vinculados indiretamente a seus determinantes, mediados pelo nome *-õ* ‘pertence’¹⁵” Silva da Costa (2002, p. 82) citado por Silva da Costa (2015, p.58). Os exemplos seguintes mostram esse morfema:

- (20) a. i j-õ ko
 i j-õ ko
 I R¹-PERTENCE borduna
 ‘meu pertence, a borduna’
- b. ba i j-õ mãmãj
 ba i j-õ mãmãj
 1SG I R¹-PERTENCE mamãe
 ‘minha mamãe’
- c. Kënpoti j-õ selulah
 Kënpoti j-õ selulah
 Kenpoti R¹-PERTENCE celular
 ‘celular de Kenpoti’

Conforme notado pelo autor, em (20b), ‘mãmãj’ é um empréstimo do Português, razão pela qual é tratada como termo absoluto. Miranda (2014, p.70) nos estudos dos nomes absolutos na língua Krahô (família Jê), ressalta que os nomes de objetos que foram introduzidos na cultura Krahô por meio de contato com não-índios, e que designam artefatos e animais domésticos ou nomes absolutos, quando ocorrem em uma relação de determinação nominal, essa relação é mediada pelo morfema *õ*, o qual se combina com prefixos relacionais. Conforme os exemplos seguintes:

¹⁴ Nas construções para o Xikrin, nós preservamos as glosas de Silva da Costa.

¹⁵ Nas construções (20a-c) a construções com o morfema *õ*, a palavra possessiva é descrita por Silva da Costa (2015) como PERTENCE ‘pertence’. Nos exemplos para o Mëbêngôkre a palavra possessiva *õ* é marcado como GEN ‘Genitivo’.

- (21) a. I j-õ katõk
 1SG R¹-REL espingarda
 ‘minha espingarda’
- b. h-õ rɔp
 h-õ rɔp
 R²-REL cachorro
 O cachorro (de alguém)

Em exemplos de Reis Silva (2001, p.44), na língua Mëbêngôkre, em construções possessivas alienáveis, que inclui termos referentes a utensílios domésticos, utensílios de pesca, armas, entre outros, podemos observar o mesmo morfema *-õ*. Em exemplos de Reis Silva (2001, p.44)¹⁴, na língua Mëbêngôkre, em construções possessivas alienáveis, que inclui termos referentes a utensílios domésticos, utensílios de pesca, armas, entre outros, podemos observar o mesmo morfema *õ*, combinado com prefixo relacional *ɲ-*.

- (22) a. i-ɲõ kikrɛ
 1SG-GEN-casa
 ‘minha casa’
- b. a-ɲõ kikrɛ
 2SG-GEN-casa
 ‘tua casa’
- c. gu ba-ɲõ kikrɛ
 1PL-1-GEN-casa
 ‘nossa casa (dual)’
- d. ara-ɲõ kikrɛ
 2PL-GEN-casa
 ‘casa de vocês’

Segundo Borges (1995, p.31), em Mëbêngôkre, na relação genitiva de posse, que envolve nomes independentes, necessita além da marca de referência nominal, do morfema de posse *õ*, cujo sentido é “coisa bem material” (BORGES, 1995).

- (23) a. i-ɲõ-rɔp
 1SG-GEN-cachorro
 ‘meu cachorro’
- b. mēmĩ-no-rɔp nẽ tẽ
 homen-GEN-cachorro TOP ir
 ‘o cachorro foi embora’

Observa-se que as línguas Mëbêngôkre, Xikrin e Krahô possuem formas correspondentes para nomes absolutos e têm em comum o mesmo processo para exprimir a posse de nomes, ocorrendo nestes tipos de estrutura o prefixo relacional *ɲ-* e o marcador de posse *õ* para formar uma unidade, o morfema *ɲõ* ‘genitivo’.

3.3 Morfologia derivacional dos nomes

Como estamos interessadas em descrever neologismos na língua Mëbêngôkre, em princípio, é necessário entender a morfologia derivacional dos nomes e depois os neologismos derivacionais. Segundo Miranda (2014, p.89) com relação às propriedades derivacionais dos nomes, “estas têm por finalidade formar novos itens lexicais, seja por meio de recursos próprios da língua ou por meio de empréstimos linguísticos”.

Para melhor compreender os processos de formação de nomes, para morfologia derivacional, os estudos de Camargo (2015) sobre os Tapayuna (família Jê), Miranda (2014) sobre os Krahô (família Jê) e Silva da Costa (2015) sobre os Xikrin são fundamentais, uma vez que se tratam de línguas da mesma família do Mëbêngôkre e identificamos semelhanças entre essas línguas nesse quesito.

Conforme Camargo (2015, p.79), os nomes no Tapayuna podem ser classificados como simples ou derivados. Alguns nomes simples são: *kà* ‘pele, seio, casca’; *mẽ* ‘pessoa, gente’; *ngo* ‘água’. Borges (1995, p.11), para língua Mëbêngôkre, também cita as palavras simples ou livres, que podem ser constituídas por um único morfema e que podem ocorrer como um constituinte do sintagma, como: *mrum* ‘formiga’ e *ɲo* ‘água’. Conforme Camargo, os principais recursos para formação dos nomes em Tapayuna por derivação são:

(i) afixação: acréscimo de afixos às raízes.

(ii) composição: combinação de raízes, como: nome + nome; nome + verbo intransitivo estativo; nome + verbo; nome + verbo intransitivo estativo + verbo.

Miranda (2014, p.89), para descrever as propriedades derivacionais exclusiva da classe dos nomes e os principais processos morfológicos para formar outros nomes em Krahô, utiliza os critérios de atenuação e intensificação, composição e nominalização. Silva da Costa (2015, p. 66) sobre a morfologia derivacional dos nomes em Xikrin, descreve os processos de atenuação e intensificação, e composição.

Nesta seção, para formar novos nomes em Mëbêngôkre, descrevemos os processos de formação de neologismos seguindo critérios de derivação via sufixação (atenuação e intensificação), composição (N+N, N+V, entre outros), nominalização (itens lexicais formados a partir de verbos que geralmente se referem a instrumentos ou agentes relacionados à atividade descrita pela raiz) e a incorporação. Como veremos, muitos neologismos em Mëbêngôkre são formados através do processo de nominalização.

3.3.1 Derivação: atenuação e intensificação

Na língua Krahô, os nomes, em geral, recebem os sufixos derivacionais *-re* e *-ti*, os quais expressam, respectivamente, atenuação e intensificação. Os mesmos sufixos também são encontrados na língua Mëbêngôkre, *-re* ‘atenuativo’ e *-ti* ‘intensivo’, para indicar que atenuam e intensificam dimensão física (exemplos 24a-b e 25a-c) ou sensações (26a-b), qualidades, entre outras categorias semânticas.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

(24)	a.	mrum		‘formiga’
	b.	mrum-ti	formiga-INTENS	‘formigão’
(25)	a.	rɔp		‘cachorro’
	b.	rɔp-ti	cachorro-INTENS	‘onça’
	c.	rɔp-re	cachorro-ATEN	‘gato-do-mato’

(Exemplos extraídos de Silva da Costa (2015, p.68) para língua Xikrin):

(26)	a.	kɾi		‘frio’
	b.	kɾi-re	frio-ATEN	‘friozinho’
	c.	kɾi-ti	frio-INTENS	‘frio intenso’
(27)	a.	mẽ ni-re ø-kapri-re HUM fêmea-ATEN R ¹ -triste-ATEN		‘a mulher está tristonha’

Os sufixos derivacionais *-re* e *-ti* podem ocorrer em um mesmo nome. Como nos exemplos apresentados por Salanova e Nikulin (2020, p.70), “em que o diminutivo =*re*, é encontrado também com frequência junto ao aumentativo (tônico) *-ti* para produzir um

sentido de coletividade{-*tirɛ*}”, semelhante do que há em outras línguas Jê. Como em: *Mẽ tyk-ti-re*, *Goro-ti-re*, e outros nomes de grupos (Mẽbêngôkre).

Outra estratégia usada para expressar atenuação e intensificação consiste no uso das formas livres *raj* ‘grande’ e *ɲri* ‘pequeno’, *kra* ‘filho’ e *kri-rɛ* ‘muito pequeno’ justapostos aos nomes que modificam. *raj* ‘grande’ é uma das formas mais recorrentes em Mẽbêngôkre. Essas formas tem a função de ressaltar a dimensão física do referente com o qual se relacionam, modificando-o. Essas palavras, em alguns casos, ocorrem na composição de novos itens lexicais, envolvendo nomes absolutos, como em (28) para língua Mẽbêngôkre:

- (28) *kri raj*
 kri *raj*
 aldeia grande
 ‘cidade’
 (lit. ‘aldeia grande’)

(Exemplos extraídos de Reis Silva (2001, p.31) para língua Mẽbêngôkre):

- (29) *Kaitire krĩ raj mɔ tẽ*
 Kaitire-aldeia-grande-para-ir
 ‘Kaitire vai para a cidade’

Exemplos extraídos de Gomes (2021, p.172) para língua Mẽbêngôkre):

- (30) *ku-bê beɲadʒori raj*
 3SG-LOC ser.chefe grande
 ‘ele, o Raoni. é o grande cacique’

3.3.2 Composição

Composição é o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais itens lexicais de uma mesma classe ou de classes diferentes para formar novos nomes na língua, como na composição de um nome em (31). Ela ocorre pela composição de palavras independentes e que já existem na língua:

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (31) arigrõ irã'ã
 arigrõ + irã'ã
 sol luz
 ' luz do sol'
 (lit. ' luz do sol')

Em (31) temos a seguinte composição N+N, *arigrõ* 'sol' + *irã'ã* 'luz' = 'luz do sol'. A formação de novos itens lexicais em Mëbêngôkre pode ocorrer mediante a justaposição, quando os elementos mantêm sua integridade fonológica e formal, e por meio da composição por aglutinação, (quando em dois ou mais vocábulos ocorre a supressão de um ou mais de seus elementos fonéticos. A composição por aglutinação ocorre, por exemplo, em português, nos nomes planalto e aguardente. Essa estratégia morfológica é comum para os empréstimos na língua Mëbêngôkre).

Nesta dissertação não trabalharemos com os empréstimos, mas apenas com os neologismos na língua Mëbêngôkre, estudando o seu processo de formação e conceitos semânticos, como veremos na seção 4. Embora descrevemos os mecanismos morfológicos próprios à formação de palavras, também observaremos indiretamente as formas que têm se estabilizado para designar novos conceitos em Mëbêngôkre, sobretudo no campo de utensílios-objetos.

Quando se trata de cultura material, cada artefato tem um significado específico, sendo de uso comum ou próprio para celebrações com grande valor simbólico e identitário para a sua população de origem. Nesse sentido, analisaremos a estrutura mórfica de novos itens conceituais, na categoria de artefatos, de origem de nomes do português inseridos na língua Mëbêngôkre Kayapó, com foco nos processos linguísticos envolvidos na formação neológica e nos campos semânticos (cosmovisões) onde ocorre a entrada desses itens lexicais. São abordagens alicerçadas na antropologia linguística, que parte da perspectiva descritiva da gramática da língua e aciona uma rede de significados.

4. Formação de novas categorias conceituais

A presente seção tem como objetivo estudar o processo de formação de novos conceitos, de origem do português, inseridos na língua Mëbêngôkre. Para tanto, estudo os processos linguísticos (derivação, composição, nominalização, incorporação e ideofones) envolvidos na formação destes itens lexicais. A análise se baseia em um levantamento de utensílios e elementos da cultura material que passaram a fazer parte do universo contextual Mëbêngôkre a partir de seus intercâmbios culturais com os *kubě* (não indígenas).

Os exemplos analisados demonstram a criação de neologismos formais, em que os referentes novos são formados a partir de elementos gramaticais já existentes na língua. Todos os termos e expressões em Mëbêngôkre coletados por elicitación e também através da observação de produções de falantes da língua, através de etnografia digital (ver seção 01), seguem a ortografia usada por meus interlocutores. Não utilizo, em grande parte dos exemplos, a terminologia técnica da linguística para as análises e traduções: baseio-me em interpretações construídas em conjunto com meus interlocutores.

A seção organiza-se nos seguintes tópicos: 4.1, o contato e as contrapartidas linguísticas; 4.2, definições sobre léxico, neologismo e empréstimo linguístico. 4.3. Neologismos em Mëbêngôkre. 4.3.1 Composição lexical. 4.3.2 Morfemas derivacionais (*-re* ‘atenuativo’ e *-ti* ‘intensivo’). 4.3.3 Formativo *mě*. 4.3.4 Nominalização. 4.3.5 Incorporação nominal. 4.3.6 Ideofones. 4.4. Outras considerações.

4.1 O contato e as contrapartidas linguísticas

Conforme Dorais (1970, p.65) em todos os continentes, contatos frequentes entre representantes de diferentes línguas e culturas têm causado, entre outras consequências, a introdução de uma série de novas realidades. Se considerarmos a história dos povos originários nas américas, em especial os Kayapó, esses grupos nunca foram entidades isoladas. Antes mesmo do colonialismo europeu, já mantinham intercâmbios culturais e linguísticos com povos de diferentes famílias linguísticas. Várias trocas de bens, plantas e produtos sempre os ligaram aos outros povos. Contudo, com a colonização, os intercâmbios passaram se intensificar com os não indígenas, que trouxeram técnicas ocidentais,

ferramentas, materiais e alimentos, os quais, têm sido adotados, ainda que em proporções diferentes, pelas populações locais, de forma violenta ou não (DORAIS, 1970, p.65).

Na história das línguas dos povos originários no Brasil, as situações resultantes do contato variam bastante. Segundo estudos da área, “estima-se que cerca de 75% das línguas indígenas se perderam ao longo de 500 anos” (MOORE; GALUCIO; GABAS JÚNIOR, 2008, p. 37). Atualmente, 150 línguas indígenas são faladas no Brasil, considerando os critérios de inteligibilidade mútua (op. cit. p. 38). Em estimativas apontadas pelos autores, havia cerca de 230.000 falantes, porém para um quantitativo preciso é necessário um censo linguístico que “distinga a população de um grupo com o número de indivíduos que falam a língua” (MOORE; GALUCIO; GABAS JÚNIOR, 2008, p. 38).

Dadas a situação das línguas originárias e a complexidade envolvida na tarefa de documentá-las e mantê-las ativas nas suas comunidades de fala, não é fácil prever o futuro dessas línguas, contudo a sua transmissão às gerações seguintes, seguida de políticas linguísticas, sem dúvida é um dos pilares para sua vitalidade (MOORE; GALUCIO; GABAS JÚNIOR, 2008, p. 38). Outro fator importante são as atitudes linguísticas dos locutores ante ao contato e como isso afeta as línguas seja no léxico, na fonologia, na sintaxe, entre outros sistemas linguísticos.

Em relação às contrapartidas linguísticas, nos concentraremos no léxico, especificamente os neologismos. Procuraremos evidenciar as formas que os Kayapó usam para nomear as novas realidades que vêm sendo criadas a partir do contato com os *kubẽ*. Mas, antes de me concentrar no estudo conceitual do léxico, gostaria de evidenciar o ponto de vista de um Kayapó sobre léxico, intercâmbios e mudanças socioculturais. O relato abaixo mostra como Okreãjti Metuktire (também conhecido como Patxon), um líder, escritor e pensador Kayapó, neto do cacique Raoni Metuktire, percebe os intercâmbios culturais e linguísticos:

“Desde que meu povo, assim como várias outras etnias indígenas do Brasil, teve contato com homem branco houve interferência cultural e linguística. Afinal nós, embora duvidoso, “somos bem-vindo” desde então a este mundo moderno em que o contato entre diferentes nações e culturas do mundo dá-se por vários meios e, portanto, é inevitável que as línguas sofram influências de outras e passem a admitir em seu vocabulário palavras de origem, digamos, estrangeira ou de outro povo, outra nação” (METUKTIRE, 2020)¹⁶.

¹⁶ Texto publicado no Facebook (METUKTIRE, 2020).

Com base nessa citação, percebe-se que Okreãjti Metuktire vê o contato como algo inevitável, sobretudo no mundo moderno. Nesse texto, Metuktire ressalta ainda a normalidade das línguas sofrerem influências uma das outras e admitirem em seus vocabulários palavras de origem estrangeira. Ademais, é importante destacar que apesar do reconhecimento das trocas do contato por parte de Patxon, existe uma série de restrições e regras internas Kayapó que limitam e ressignificam certos usos na língua, como veremos nesta dissertação. Talvez essa dentre outras, seja uma das contrapartidas linguísticas Kayapó para lidar com os anos de contato, naquilo que venho chamando de agência linguística, considerando a importância de entender as línguas também como sistemas culturalmente organizados.

Na próxima subseção, passaremos ao estudo conceitual do léxico tendo em vista que, como destaca Louis-Jacques (1970), nas dinâmicas das línguas naturais “alguns termos desaparecerão, para abrir caminho para novas palavras. Outros permanecerão na língua, mas com um novo significado”. E, assim, o vocabulário se ajustará aos diferentes contextos culturais (LOUIS-JACQUES, 1970, p.65).

4.2 Definições sobre léxico, neologismo e empréstimo linguístico

De acordo com Maria Biderman (2001, p.13), o léxico “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. A criação dos léxicos ocorre por meio de atos de cognição da realidade e da categorização de mundo das experiências humanas. Assim, tanto o neologismo como o empréstimo refletem as relações e adaptações linguísticas de um povo a uma nova realidade ou situação, sejam elas sociais, políticas econômicas e culturais.

Segundo Schlee e Costa (2021, p.04), o empréstimo apresenta diferentes níveis. Inicialmente o elemento emprestado ao ser inserido em um sistema linguístico que não é o seu original, é sentido pelos falantes como um elemento externo ao léxico da sua língua receptora. Quando a grafia do sistema linguístico do qual advém o empréstimo é mantida, temos um caso de estrangeirismo. Existe também o caso quando o elemento não integra o léxico da língua receptora e seu processo de integração ocorre por adaptação gráfica, morfológica ou semântica, ainda que se observe frequentemente a concorrência entre a grafia original do item lexical e a forma adaptada, como ocorre em: shampoo e xampu. Em outras situações, o emprego recorrente de um estrangeirismo pode fazer com que a sua forma

original passe a ser parte integrante do acervo lexical da língua, como ocorre em: facebook, jeans e show, por exemplo.

Para Schlee e Costa (2021, p.04), é consenso nas gramáticas e manuais linguísticos designar a criação de novas unidades léxicas como neologia e as formas que delas resultam como neologismos. O neologismo pode ser definido “como uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua” (ALVES, 2006, p.132).

Podemos ilustrar essa criação, a partir da capacidade de cada sujeito de aceitar ou não conhecimentos ou elementos linguístico-culturais novos. Esse processo é caracterizado por Burke (2008, p. 91) como práticas de descontextualização e re-contextualização, quando se retira um item de determinado local e o incorpora a um novo ambiente, de forma modificada. Para esse autor, as variedades de resultados do processo de contato cultural e linguístico, concentraram-se, em longo prazo, em reações conscientes ou inconscientes.

Podemos definir o contato de línguas como um tipo de interação entre diferentes línguas/povos, em que o falante e o ouvinte possuem sistemas linguísticos diferentes e interagem, de forma harmoniosa ou não. Esse fenômeno acontece em situações próprias, como: em processos de migração; conquista; colonialismo; contiguidade geográfica e interações sociais.

Como fenômenos resultantes do contato linguístico, podemos observar as situações de bilinguismo, diglossia (usual em ex-colônias), transferências, perda linguística, empréstimos de palavras, neologismos, mudança linguística, alterações fonológicas e gramaticais, fenômenos de alternância (code-switching e code-mixing) e misturas de línguas (pidgins e crioulos). Essas consequências estão associadas tanto a fatores de ordem estruturais como extralinguísticos. Como destaca Couto (2009):

[...] manter a gramática e substituir o vocabulário, ou vice-versa, tem a ver com a atitude dos falantes da língua que está mudando. Se oferecerem resistência à assimilação da língua mais forte, tendem a manter pelo menos parte do vocabulário. [...]. Isso tem a ver diretamente com a questão do poder. Quem o tem, geralmente impõe o nome das coisas. O fato só não acontecerá se houver uma forte resistência cultural, resistência essa que se transformará em um tipo de poder (COUTO, 2009, p.56).

Sobre a atitude dos falantes da língua, gostaria mencionar o posicionamento de um Kayapó, de São Félix do Xingu, que me chamou bastante atenção. Na ocasião, estávamos no I Simpósio de Línguas Indígenas do IEX, que ocorreu de 16 a 18 de abril de 2018. Naquela época, um ancião, chamado Bepdyre, relatou sua preocupação com o uso de empréstimos do português. Disse que preferia os nomes na sua língua, pois acreditava que o uso contínuo de palavras do português poderia resultar na substituição da sua língua. Embora, esse assunto esteja além do escopo deste trabalho, gostaria de deixar registrado a percepção que me foi repassada. Estudos mais específicos sobre essa questão podem ajudar a compreender melhor as causas dessa percepção e como isso poderia estar ligado ao histórico de ameaças sofridas pelas línguas indígenas.

As mudanças de uma língua, sejam reflexos da história ou dos movimentos da sociedade, podem ser modificados ou readaptados por reações sócio-políticas e ideológicas constituídas dentro da comunidade de fala (LUCCHESI, 2003, p. 200). Esse aspecto será melhor evidenciado em nossas análises sobre produções textuais Kayapó (seção 5), nesta seção vamos estudar as formações neológicas na língua Mëbêngôkre.

4.3. Neologismos em Mëbêngôkre

Com base nos critérios de derivação, atenuação e intensificação, composição, nominalização, entre outras, estudados na seção 4, apresentaremos os nossos dados, cuja elicitação ocorreu de forma digital. Também apresentamos alguns exemplos extraídos de estudos sobre o Mëbêngôkre em diferentes épocas, como: Sala (1920), Kathleen Jefferson (1980 [2013]), Borges (1995), Reis Silva (2001), Salanova e Nikulin (2020) e Gomes (2021) e, para língua Xikrin, o estudo de Silva da Costa (2015), de modo a observar e descrever os neologismos citados nesses estudos.

Ao analisar o processo de formação de novos nomes e o seu significado verificamos que os novos conceitos léxico/semânticos não necessariamente correspondem a soma individual de suas partes constituintes. A esse respeito, Borges (1995, p.08) destaca que a tarefa de definir ou mesmo agrupar morfemas em classes específicas, com base em características semânticas não é tão simples, visto que tais unidades não se comportam de maneira uniforme. É importante mencionar que o sentido de alguns componentes lexicais não é tão transparente,

pois muitos conteúdos de base são metafóricos, por isso utilizamos as explicações literais de nossos interlocutores, conforme suas perspectivas e ontologias.

Os neologismos na língua Mëbêngôkre foram descritos na sua forma ortográfica, os exemplos extraídos de citações bibliográficas estão na sua forma original, exceto para aqueles que não tinha glosas, usamos a nossa.

Meu levantamento demonstra a criação de neologismos formais. De acordo com Alves (1984) e Biderman (1998) existem dois tipos de neologismos: i. *neologismo formal*, criado por meio de derivação, composição, siglas, redução de palavras ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem um valor significante inédito; ii. *neologismo semântico ou de sentido*: criado pela atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico ou quando um determinado vocábulo adquire novo significado (ALVES, 1984, p. 119).

Os neologismos em Mëbêngôkre são referentes novos construídos a partir de elementos gramaticais já existentes na língua. Estes neologismos respeitam a gramática da língua Mëbêngôkre. Todos os exemplos apresentados utilizam palavras já existentes para formar novos lexemas a partir da aplicação de processos regulares de formação de palavras na língua Mëbêngôkre (composição, derivação, incorporação nominal, etc.). Usam formas já existentes como partes desses processos, mas o resultado das novas formações é distinto dos significados individuais.

Os exemplos a seguir na língua Mëbêngôkre demonstram a criação de neologismos formais, ou seja, de referentes novos a partir de elementos gramaticais já existentes na língua, como veremos:

4.3.1 Composição

Em Mëbêngôkre, as palavras compostas são formadas através da justaposição de duas ou mais unidades lexicais, obtendo-se, desta forma, uma nova palavra. As palavras compostas ocorrem a partir da junção de dois ou mais itens lexicais de uma mesma classe ou de classes diferentes para formar novos nomes na língua.

Em um dos trabalhos linguísticos mais antigo sobre os Kayapó o “Ensaio de Gramática Kaiapó”, o missionário católico Antonio Maria Sala (1920) trabalhou com um grupo Kayapó, o Irã’ã mräjre. O Ensaio contém uma breve descrição gramatical da língua, além de uma lista vocabular com diferentes termos. Dentre as análises realizadas pelo missionário uma delas

descreve os neologismos da língua Kayapó. Sala (1920 p.398), se surpreendia com a facilidade do grupo de criar novos termos através de múltiplos modos de formação, sobretudo de N+N (nome + nome), como em: *niep tara* ‘guarda-chuva’ (lit. ‘asa de morcego’), *no kam kot* ‘óculos’ (lit. ferro que se põe nos olhos), *mkra kam kot* ‘anel’ (lit. ferro na mão), ‘a cabeça da garrafa’ para uma rolha de vinho e ‘ferro que canta’ para um gramofone (cf. SALA, 1920, p.398-399). De forma genérica, ainda disse: “fazem flécha de todo páo e inventam todas as combinações possíveis” (op. cit)¹⁷.

Os missionários não viam com bons olhos a formação de neologismos nas línguas indígenas. Afinal, essa realização da língua fugia ao controle pedagógico-missionário. De acordo com Costa e Brandão (2019, p.67) ao citar Carvalho (1989), “a adoção do empréstimo nas línguas indígenas é mais comum e prática do que o processo neológico”, pois a criação de um novo termo demandaria mais tempo e interesse, enquanto que a adoção de empréstimos seria instantânea. Essas reações estão ligadas a questão de atitude e ideologia linguística.

Os dados citados pelo missionário são interessantes, pois nos léxicos que coletamos, praticamente cem anos após a publicação da gramática, muitos nomes já utilizados naquela época ainda são usados apresentando o mesmo processo de composição lexical descrito por Sala. Nos exemplos (32) e (33), apresentamos dois neologismos, na categoria de artefatos, registrados no “Ensaio de Gramática Kaiapó”:

Padre Sala (1920, p.398)

- (32) *niep tara*
 niep + *tara*
 morcego asa
 ‘guarda-chuva’
 (lit. asa de morcego)

Em, (32) vemos a composição de N+N, *niep* ‘morcego’ + *tara* ‘asa’ = guarda-chuva”. Sobre a criação metafórica de ‘*niep tara*’ (lit. asa de morcego), nosso informante Bepbjere Kayapó, de 32 anos, explicitou o seguinte significado:

njêp é uma palavra que tem uma forma diferente na linguagem da tradução. *njêp* quer dizer ‘morcego’, *njêp tara* é ‘asa morcego’. Mas, o guarda-chuva também tem três tipos de traduções, chama: *apkrãdjà ngrire*, *arigrô kam mē mrãnh djà*, *nà kam mē mrãnh djà*. Nas três traduções, onde tem o sol quente, né. Você pode andar com a sombrinha no meio desse sol quente, de boa! Além disso, também pode andar na chuva (KAYAPÓ, Bepbjere, 2021).

¹⁷ Usamos a escrita do português da época, conforme a citação do missionário.

Percebo que Bepbjere Kayapó (2021) queria destacar que hoje em dia existem formas diferentes para o nome guarda-chuva, embora o termo *niép tara* ainda esteja em uso e seja reconhecido pelos falantes. No decorrer da conversa virtual, Bepbjere falou sobre as dinâmicas da língua Mëbêngôkre e das falas dos anciões:

Antigamente, nossos velhos e nossas velhas que usavam essa palavra guarda-chuva, que chama *njêp*, né. E, hoje, como a geração nova estão também usando *njêp*, mas só alguns, pois a palavra pode chamar *apkrãdjà ngrire*¹⁸, o que a gente tá usando também (KAYAPÓ, Bepbjere, 2021).

Podemos dizer que *njêp tara* ‘guarda-chuva’ ainda é compreensível para a comunidade de fala, porém segundo Bepbjere as primeiras interpretações (metáforas) eram dos velhos e velhas. Para Bepbjere, a língua Mëbêngôkre está mudando, mas ainda que o termo *njêp tara* não seja usado com tanta frequência pelos mais jovens ele permanece na memória Kayapó e de algumas gerações. Vejamos outro exemplo da “Gramática Kaiapó”:

Padre Sala (1920, p.398)

- (33) no kam kot
 no kam kot
 olho LOC ?
 ‘óculos’
 (lit. ferro que se põe nos olhos)

No exemplo (33), perguntei aos nossos informantes sobre o significado do termo *kot*, nenhum deles reconheceu o termo. Acerca da formação do nome, verificamos que a formação N+(LOC)+N segue um padrão comum para nomear ou indicar itens lexicais. O neologismo ‘óculos’ também foi citado por Salanova e Nikulin (2020), com a composição *no kam ixê* (lit. espelho que se põe nos olhos):

Salanova e Nikulin (2020)

- (34) no kam ixê
 no kam ixê
 olho LOC espelho
 ‘óculos’
 (lit. espelho no olho)

¹⁸ *apkrãdjà ngrire*, *apkrãdjà* ‘sombriinha’ + *ngrire* ‘pequena’, (lit. sombrinha pequena).

A formação do nome *no kam ixê* ocorre da seguinte forma: *no* ‘olho’ + LOC *kam* + *ixê* ‘espelho’ = ‘óculos’ (lit. espelho no olho). É possível notar que a relação entre N+N é mediada pelo locativo *kãm*, em (33) e (34).

Salanova e Nikulin (2020) apresentam a hipótese de que *ixe(re)* ‘espelho’ [ʃɛɾɛ] é um empréstimo de origem não nativa. A tese é reforçada pelo fato de não “haver cognatos conhecidos dessa palavra em outras línguas Jê, bem como pela ocorrência da africada x /tʃ/ em um ambiente atípico (em ataque silábico diante de uma vogal que não seja ê /e/)”. Neste trabalho, consideramos ‘óculos’ um neologismo, pois apesar de *ixe* ser um empréstimo, sua composição com outro termo resulta em novo designativo, *no kam ixê* ‘óculos’.

Borges (1995, p.14), em seus estudos sobre o Mëbêngôkre, em (35a-b), também destacou a composição de nome + nome. Vejamos:

(Borges, 1995, p.14)

- (35) a. *kubê nire*
 kubê + *nire*
 não indígena fêmea
 ‘mulher não indígena’
- b. *kubê yaê*
 kubê + *yaê*
 não indígena pendurar
 ‘rede’
 (lit. ‘ninho de não-indígena’ ou ‘penduração de não indígena’)

A respeito do campo semântico, para constatar se a palavra *kubê yaê* ‘rede’ continuava em uso em Mëbêngôkre, perguntamos a um de nossos interlocutores sobre o seu significado, tendo a seguinte composição: *kubê* ‘não indígena’ + *yaê* ‘ninho’ = ‘rede de dormir do *kubê*’ (lit. ‘ninho do não indígena’). Vemos em (35b) o termo ‘pendurar’ citado por Borges, conforme explicação de nossos interlocutores ‘ninho de pássaro’ é a correspondência semântica mais usual na língua, pois além de suspenso o ‘ninho’ também é uma forma de abrigo.

De acordo Salanova e Nikulin (2020, p.43), na língua Mëbêngôkre, “em princípio é possível identificar os compostos pela fonologia, pois estes mantêm uma acentuação secundária em todos os temas subordinados”:

(Salanova e Nikulin, 2020, p.43)

- (36) a. rop no
 rop + no
 onça olho
 [ˌrɔmˈnɔ]
 ‘lanterna; lâmpada’
- b. pari kà
 pari + kà
 pé pele; casca
 [ˌpariˈkʌ]
 ‘calçado’

Os exemplos acima são formados pela composição de N+N. Sobre a significação lexical e conceitual do nome *rop no* ‘lanterna; lâmpada’, perguntamos ao estudante Bepgogoti Kayapó, (ver figura 9, seção 1), de 35 anos, que refletiu:

rop no, (36a), significa olho da onça, ou dos vira-latas. Nossos ancestrais viam que as lanternas ou lâmpadas parecem com olhos dos animais, pois quando as pessoas usam a lanterna e focam nos olhos dos animais, elas brilham o olho. Por isso, coloca este nome *rop no*, como a lanterna e a lâmpada (KAYAPÓ, Bepgogoti, 2022).

Sobre os aspectos léxico/semânticos do termo ‘calça’, *kà* ‘pele; casca’, o mesmo é comparado a uma casca de árvore, também descrita como se fosse uma segunda pele, por isso ‘calçado’ (lit. casca do pé). Em (37), descrevemos a composição do neologismo *kubẽ kà* ‘calça/vestido’ [kubẽkʌ].

(Dados coletados pela autora para língua Mẽbêngôkre)

- (37) kubẽ kà
 kubẽ + kà
 não indígena casca
 ‘calça; vestido’

O termo *kubẽ*, (35a-b) e (37), ocorre na composição de vários itens lexicais. Os compostos *kubẽ-X* têm grande produtividade em Mẽbêngôkre, pois são inúmeras as formas assim constituídas atualmente. Conforme nossas análises, é possível identificar esses compostos como do tipo endocêntrico (com interpretação partindo do núcleo, da base lexical). No passado, o termo *kubẽ* era aplicado a qualquer grupo não-Mẽbêngôkre, mas também se aplica “a subgrupos Mẽbêngôkre, como: *Kubẽkàkre* e *Kubẽkrākênh*”

(SALANOVA & NIKULIN, 2020). O termo *kubẽ* também aparece na literatura empregado para ‘branco’, ‘bárbaro’ e ‘não índio’. É importante mencionar que esses termos acompanham o desvelar da etnologia indígena, se adaptando aos contextos sociais dos falantes e dos pesquisadores (linguistas, antropólogos, historiadores). Nesta dissertação usamos o termo *kubẽ* como ‘não indígena’. Gordon (2006, p. 120) destaca que a tradução de *kubẽ* seria mais propriamente para identificar aquilo que é externo ao grupo local. Concordamos com o autor, na medida em que os itens lexicais apresentam um aspecto específico para identificar aquilo que é ‘externo’ ou ‘que vem de fora do grupo’.

Compostos de *kubẽ-X* são também muito comuns nos dias de hoje, *kubẽkà* ‘calça’, *kubẽtse* ‘tecido’, *kubẽkrare* ‘filho de não indígena’ e *kubẽkrytekryte* (lit. algo falso, um tipo de ofensa), entre outros. Silva da Costa (2015, p.110), suscitou um exemplo interessante na língua Xikrin, *kubẽnire-ka-krã-tik-re* para ‘não indígena negra’. Em Mẽbêngôkre, os termos para ‘não indígena negra’, são: *kàtyre* ou *kubẽnirekàtyre*.

Além dos Compostos de *kubẽ-X*, em Mẽbêngôkre, observa-se certos padrões produtivos de nomes compostos, como a junção de um argumento não-nuclear (um locativo) entre os nomes, como em (33) e (34), formando-se, assim, um novo item lexical, como em (38):

(Salanova e Nikulin, 2020, p.43)

[glosas nossas]

- (38) krã kam ngôj
 krã kam ngôj
 cabeça LOC panela
 ‘soldado’
 (lit. ‘panela na cabeça’)

No item (34) ‘óculos’ e (38) ‘soldado’, vemos o mesmo processo de composição. Em (38) temos: *krã* ‘cabeça’ + LOC *kam* + *noj* ‘panela’ = ‘soldado’ (lit. ‘panela na cabeça’). No exemplo (39), ocorre uma composição a partir do nome *rop no* ‘lâmpada’ para designar ‘poste de lâmpada’ através da composição nome+(posse)+nome:

(Dados coletados pela autora para língua Mẽbêngôkre)

- (39) rop no nho pñ
 rop no nhõ pin
 onça olho GEN poste
 ‘poste elétrico’
 (lit. poste de lâmpada).

O item lexical ‘poste elétrico’ é formado por meio de dois processos de composição: *rop* ‘onça’ + *no* ‘olho’ = lâmpada; essa base *rop no* ‘lâmpada’ combina-se com GEN *nõ* + nome para formar *rop no + nho + pñ* ‘lâmpada’ (N + GEN + N). Como foi mencionado na seção 3, na formação de nomes em Mëbêngôkre, é possível notar o processo de construções possessivas e/ou modificadoras para diferentes utensílios ou nomes absolutos. No exemplo abaixo temos um processo de construção simples N + N:

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (40) *pi’ók kaprñ*
 pi’ok *kaprñ*
 folha triste
 ‘dinheiro’
 (lit. ‘folha triste’)

Para entender o termo ‘dinheiro’ a partir da conceituação ‘folha triste’ recorri à literatura das línguas Jê, observando que essa mesma palavra também ocorre na língua Xikrin, contudo não há esclarecimentos precisos quanto ao seu processo de significação nos trabalhos de Silva da Costa (2015).

No processo de entendimento do termo *pi’ok kaprñ* (folha triste), perguntei a um informante Mydjere Kayapó, de 42 anos, o que ele poderia me explicar a respeito desse processo de significação:

Bom, deixa eu te falar. Tu já viu a folha do Dólar? Então, para nós esse dinheiro não é... é um papel que não tem alegria, a gente chama de papel triste, chama de *pi?okapri*, entendeu. Bom, isso só quem pode dizer é algum ancião, só sei que a gente chama assim, porque é um papel meio cinza. Sabe. a gente chama isso de *pi?okapri*. (MEKRANGNOTIRE, 2021).

Como se vê, o processo de significação de um léxico envolve uma série de significados, inclusive fundamenta-se também em aspectos sócio-históricos registrados na língua, como o do intercâmbio cultural com norte-americanos e a possível entrada do dólar nas aldeias Kayapó, marcado pela cor do papel. Hoje, além de do dólar, *pi’ok kaprñ* designa qualquer tipo de dinheiro. A perspectiva do locutor Kayapó conceituando o dinheiro como ‘algo triste’ também desvela o entendimento de mundo desse sujeito e como o contato com os europeus e *kubê* marcou profundamente a memória do povo.

É importante destacar que o conceito ‘folha triste’ pode variar de acordo com a faixa-etária e a localização geográfica do informante¹⁹. Perguntei a um falante kayapó que atualmente mora em terras Xikrin, de 32 anos, sobre o termo “dinheiro” [piʔokapɾĩ], ele ressaltou que a significação correspondia (“folha de cor com escritos”). Essa resposta, assim como outras elencadas por nossos interlocutores, me faz intuir que o termo foi designado pelos anciões, os mais jovens reconhecem e usam o termo, contudo o sentido está se modificando, prevalecendo a relação com a questão da cor. Podemos supor também que há diferenças conceituais entre falantes Mëbêngôkre (Kayapó) e Xikrin. O interlocutor Xikrin é de uma geração mais jovem e também mora em uma aldeia localizada em Água Azul do Norte/PA.

Continuando na busca do entendimento da dimensão semântica desse termo, também verifiquei em algumas fontes on-line, como em um canal do Youtube dedicado à valorização e apresentação das línguas indígenas, no episódio língua Kayapó (Mëbêngôkre)²⁰. Em uma parte do vídeo, amostra de vocabulário, é apresentada uma sequência de neologismos da língua, a qual o termo *pi'ok kaprîn* ‘dinheiro’ foi citado e descrito como ‘folha triste’.

Figura 19 - Língua Kayapó (Mëbêngôkre) em um canal do Youtube



Fonte: Divulgalinguística (2022)

¹⁹ Existe também a hipótese socializada pelo Prof. Hein Van Der Voort de que o Dólar sempre teve a representação de um rosto (em geral triste) de algum presidente dos Estados Unidos da América. Talvez por isso temos a associação inicial de um rosto triste e a ideia de cor cinza veio somente depois.

²⁰ Língua Kayapó (Mëbêngôkre) - Fascinante língua indígena brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n5llaKBn-QY&ab_channel=MOPCLingu%C3%ADstica>.

Entretanto, nesse vídeo, a fala do apresentador contradiz a ideia de valorização da língua, percebida na hashtag #divulgalinguística. Como esta dissertação se propõe a estudar “os processos de formação conceituais na língua Mëbêngôkre”, não poderia silenciar as falas do autor do vídeo a respeito dos neologismos Kayapó. No texto veiculado no vídeo o autor apresenta a seguinte observação sobre os neologismos em Mëbêngôkre: “Aqui é um trecho de coisas **civilizadas** que eles tiveram que adaptar na cultura deles... **Dinheiro é o composto mais estranho que eu vi na língua deles**” (Grifo nosso). Além de manifestar estranhamento ao processo de conceituação semântica Kayapó, o autor do vídeo demonstra falta de empatia quanto ao entendimento da cosmovisão do povo estudado. Além disso, o comentário está centrado na dicotomia: civilizado e não civilizado, pois para o autor, os objetos dos *kubê* (não indígenas) são os objetos civilizados. Esse vídeo postado em 2020, apresenta semelhanças com opiniões identificadas em tempos pretéritos. O mesmo tipo de analogia é proferida por missionários sobre os neologismos Kayapó, vejamos: eles “**fazem flecha de todo páo e inventam todas as combinações possíveis**” (SALA, 1920, p.398). Apesar da tentativa de engajamento quanto à valorização das línguas no ambiente virtual, com a citação de autores que são referências nos estudos da língua Mëbêngôkre, a narração do vídeo “Língua Kayapó (Mëbêngôkre)” foi marcada pela reprodução de termos estereotipados que fazem a manutenção de uma visão distorcida das agências e dinâmicas das línguas indígenas.

Para conhecer e entender os neologismos de uma língua temos que entender os diferentes sentidos que um povo constrói para nomear ‘as coisas’ a partir de seus saberes e crenças e, mesmo que entendamos apenas parcialmente o universo do outro, porque fomos escolarizados no escopo ocidental, é necessário o esforço para entender os processos pelos quais outros povos se organizam e veem o mundo. Por tudo que se expôs, podemos dizer que os neologismos apresentados possuem conteúdos semânticos de base metafórica, que revelam a relação direta entre os Kayapó e as multiespécies.

As novas palavras foram formadas através da composição de N+N, ou seja, os itens lexicais foram combinados para expressar um novo conceito. Como se sabe, os usuários de uma língua, também recorrem, muitas vezes, a outros padrões de composição. No caso dos Kayapó assim como outras línguas da famílias Jê, temos os termos de classe.

O uso de termos de classe tem sido abordado em diferentes descrições morfológicas, como nas línguas Krahô, Xikrin e Parkatêjê. Segundo Miranda (2014, p. 97) e Dourado (2001, p. 206), o termo de classe é o nível básico da categorização, essa categoria ocorre como núcleo de nomes compostos, tendo no nível do léxico uma função classificatória

semelhante à dos classificadores (MIRANDA, 2014; DOURADO, 2001). Em Mëbêngôkre identificamos alguns nomes que assumem essa função classificatória para designar forma, posição, tamanho, entre outros, como o termo *kà*, citados em (36b) *pari kà* ‘calçado’ e (37) *kubẽ kà* ‘calça; vestido’.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (41) a. *i-nó* *kà*
 1SG-costa casca
 ‘camisa’
 (lit. ‘pele da costa’)
- b. *màtkà*
 màt *kà*
 arara casca
 ‘avião’
 (lit. ‘casco de arara’)

O termo de classe *kà* ‘casca/pele’ são recorrentes na formação de compostos em Mëbêngôkre: nome+*kà*, *màt* ‘avião’+*kà* ‘pele; casaca’; *i-nókà* ‘camisa’ *nó* ‘costa’ + *kà* ‘casco; casca’. Conforme interpretação oferecida por nosso locutor Mydjere Kayapó, o termo para designar ‘avião’, na cosmovisão Mëbêngôkre, pode ser interpretado também como ‘casco que voa igual uma arara’, a qual é uma ave comum nas regiões dos Mekrangnotire, além de outras regiões das TIs Kayapó.

Figura 20 - *Màt amajkrut*, aldeia Tepdjâti



Fonte: Acervo da autora (2018)

A figura 20, retrata um pouco da relação entre os Kayapó e os animais, em especial a *màt* ‘arara’. Em minha visita a aldeia Tepdjâti, TI Kayapó, costumava observar esse casal de araras, espécie de animais de estimação da casa.

Silva da Costa (2015), para língua Xikrín, destaca que há também itens lexicais que também desempenham a função de termo de classe, como: *krã* ‘cabeça’ e *pɔj* ‘achatado’. Termos relacionados foram identificados para neologismos na língua Mëbêngôkre, são formativos a partir de nome + classificador *krã* ‘cabeça’. Esse classificador, normalmente, combina-se com itens lexicais que indicam o formato ‘arredondado’ do referente. Já *pɔj* ‘achatado’ combina-se a morfemas lexicais indicando seu formato achatado, como veremos na formação nome + *krã* ‘cabeça’:

(Salanova e Nikulin, 2020, p.43)

[glosas nossas]

- (42) ngôj krã
 ngôj krã
 panela cabeça
 ‘copo’
 (‘panela em forma de cabeça’, em que *krã* ‘cabeça’ é empregado como um termo de classe para objetos redondos).

Nos exemplos abaixo, em Mëbêngôkre, vemos o processo de formação de nome + *pɔj* ‘achatado’ para formar novos nomes. O classificador ‘*pɔj*’ [pɔj] é mencionado na ortografia Mëbêngôkre de duas formas (*pôj* e *proro*), conforme nossas pesquisas todos os nomes fazem referência ao conceito ‘achatado’.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (43) a. pĩ pôj
 pĩ pôj
 pau achatado
 ‘mesa’
 (lit. ‘pau achatado’)
- b. djowypôj
 djowy pôj
 comida achatado
 ‘biscoito; bolacha’
 (lit. ‘comida achatada’)

(Salanova e Nikulin, 2020, p.43)

[glosas nossas]

- (44) a. kàj²¹ proro
 kàj proro
 faca achatada
 ‘enxada’
 (lit. ‘faca achatada’)
- b. kàx proro²²
 kàx proro
 faca achatada
 ‘gilete’
 (lit. ‘faca achatada’)

Como vimos nos exemplos (43a-b) e (44a-b), o *pôj* ‘achatado’ funciona como um termo de classe, assim como descrito para Xikrin (SILVA DA COSTA, 2015, p.76). A função desse termo tem sido recorrente na morfologia Mëbêngôkre assim como o item classificador *kaŋo* ‘líquido’.

Em Xikrín e Mëbêngôkre (Kayapó), quando um item lexical refere a líquido, geralmente, vem acompanhado do termo de classe *kaŋo*. A seguir, em Mëbêngôkre, elencamos alguns exemplos de nomes acompanhados do termo de classe *kaŋo*.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (45) a. kàdjatikàngô
 kàdjati kàngô
 cana de açúcar caldo/líquido
 ‘cachaça’
 (lit. ‘líquido/caldo de cana de açúcar’)
- b. pidjokàngô
 pidjo kàngô
 fruta caldo/líquido
 ‘refrigerante’
 (lit. ‘líquido/caldo de fruta’)

²¹ Algumas variações ortográficas entre os falantes foram verificadas neste estudo, como a variação de <j>, <i> e <x> para um mesmo fonema /j/, tais como: *kàj* ou *kàx* [kɔj] ‘faca’; *Moikàràkô* e *Moxkàràkô* [Mojkɔɔɔkɔ] e *Kokraimôr* e *Kokraxmôr* [kokɔɔɔmɔɔ], <nh> e <n> para o fonema /ɲ/, todos em escritas livres. Essa variação pode ser decorrente do processo de alfabetização da língua Mëbêngôkre desses falantes, porém não possuímos informações que permitam determinar objetivamente a causa dessas variações.

²² Apesar de haver diferença semântica entre os exemplos (44a) e (44b), não há diferença formal na composição morfológica da palavra, ambos lexemas ‘enxada’ e ‘gilete’ são formados a partir dos mesmos componentes.

Nos termos (45a-b) é possível observar a composição de nome + *kaŋo* ‘líquido’. A neologia para *pidjokàngô* ‘refrigerante’ nasce nas relações socioculturais Kayapó, conforme nossos interlocutores existe também o fato dos primeiros refrigerantes que entraram nas aldeias serem normalmente do sabor guaraná, como a linha Baré, muito conhecida na região norte na década de 1980.

Nesta dissertação também encontramos outro item lexical que também desempenha a função de termo de classe, o nome *nhikāj*, usado para designar objetos torcidos ou entortados, estes neologismos são formados por nome + *nhikāj* ‘torcido’.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (46) a. akronhikāj
 akro nhikāj
 cipó torcido
 ‘bicicleta’
 (lit. ‘cipó torcido’)
- b. akronhikāj itu
 akro nhikāj itu
 cipó torcido R-barriga
 ‘roda de bicicleta’
 (lit. ‘barriga de cipó torcido’)

Nos exemplos (46a-b) acima, nota-se o emprego do termo de classe *nhikāj* para objetos torcidos ou entortados. Quanto ao *tu* ‘barriga’, semanticamente o morfema relaciona a forma da barriga ao formato do pneu ou da roda.



Referente



Conceitualização

Para me explicar a associação da barriga ao pneu, o locutor Mydjere Kayapó usou vários exemplos comparativos, como lombada ou curva. Contudo, o arquétipo mais próximo da perspectiva Kayapó foi a associação à barriga de um *tuti* ‘pombo gordo’ (lit. barriga grande ou barrigudo), portanto a roda ou pneu do carro corresponde ao formato de barriga do pombo

(barrigudo). Os conceitos de referente e conceituação fazem parte do “percurso de denominação” entre a realidade percebida e a expressão linguística, conforme definidos por Odile Renault-Lescure (2002), no artigo “As palavras e as coisas do contato: os neologismos em Kali’na”.

Nas explicações do exemplo (46b) por nosso interlocutor, observamos que houve um acréscimo de *-ti* ao nome *tu* para ‘pombo’, ocorrendo a construção *tu+ti* para ‘barriga grande’ ou ‘barrigudo’. Trata-se dos morfemas derivacionais atenuativos ou intensivos, comumente usados na formação de palavras em Mëbêngôkre.

4.3.2 Morfemas derivacionais (*-rɛ* ‘atenuativo’ e *-ti* ‘intensivo’)

Como vimos na seção 3 acima, Silva da Costa (2015, p.67) destaca os mesmos processos de atenuação e intensificação em Xikrin e informa que os nomes, em geral, nessa língua, se combinam com os morfemas derivacionais *-rɛ* ‘atenuativo’ e *-ti* ‘intensivo’, que atenuam e intensificam respectivamente formas físicas ou sentimentos, estados de espírito, entre outros.

Em estudo sobre Parkatêjê (famílias Jê), Ferreira-Silva (2011, p.12) explica que o sufixo *-ti*, ocorre também com os verbos, porém, nesse caso, não faz referência a tamanho, mas indica ênfase sobre a ação, apontando para a sua intensidade ou para características do sujeito ou do objeto (FERREIRA-SILVA, 2011, p.13). Para os nomes, em Mëbêngôkre, os sufixos derivacionais (*-rɛ* ‘atenuativo’ e *-ti* ‘intensivo’), ocorrem como intensificadores, como veremos nos exemplos (47 e 48) abaixo.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (47) kàxpôti
 kàx pô ti
 faca achatado grande
 ‘enxada’
 (lit. ‘grande faca achatada’)

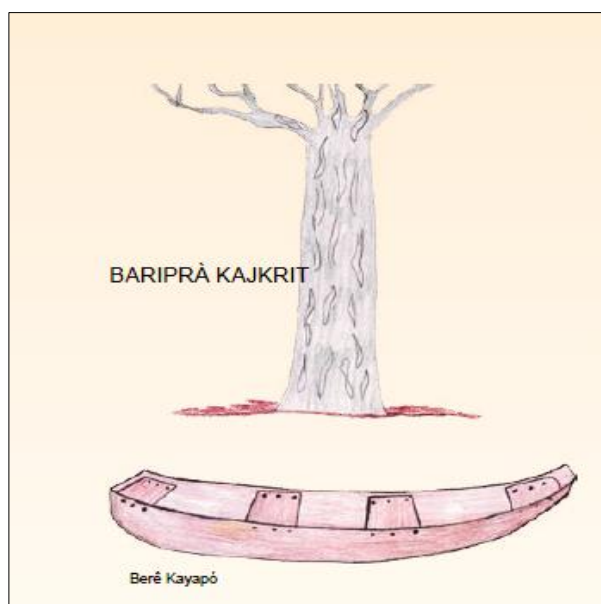
Em (47), temos a formação: nome + *pɔj* ‘achatado’ + *-ti* ‘intensificador’. No exemplo (48) temos uma composição um pouco mais complexa para *-ti* ~ *-ty*. Esse caso é análogo ao que Ferreira-Silva (2011, p.13) destacou, o *-ty* ocorre também com os verbos, mas nesse caso, não faz referência a tamanho, mas indica ênfase sobre a ação, apontando para a sua intensidade ou para características do objeto:

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (48) kàmrajty
 kà ø-mra-j ty
 casco R¹-andar-NLZ INTENS
 ‘carro’
 (lit. ‘casco rápido’ ou ‘casco de caminhar forte’)

No exemplo (48) temos uma composição a partir da formação N + V-NLZ + -ty ‘intensificador’. Posteriormente retornaremos a esse exemplo para falar de composições que ocorrem com lexemas de diferentes classes gramaticais. Em exemplos anteriores já havíamos descrito o termo de classe *kà* ‘casca/pele’, como forma recorrente na formação de compostos em Mëbêngôkre, para ampliar o conceito semântico do termo. Apresentamos o desenho abaixo de Barê kayapó:

Figura 21 - kà (casco, casca)



Fonte: Troncarelli (2015, p. 83)

A estrutura *kàmrajtyj* combina diferentes elementos para descrever o nome ‘automóvel’. *kà*, como mostrado no desenho de Berê Kayapó, é um dos diferentes tipos de madeira que os Mëbêngôkre fazem canoa (casco). *Bariprà Kajkrit* certamente é umas dessas espécies da região do Xingu (Rio Xingu e Rio Fresco). Além disso, entre as combinações lexicais, existe ênfase na ação ‘andar’ por meio dos morfemas derivacionais de intensidade da canoa, ampliando o conceito do objeto para ‘canoa rápida’.

Em (49), descrevemos uma formação com o morfema *-re* ou *-ri* ‘atenuativo’, para descrever uma faca menor, o ‘canivete’.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (49) kàj djwa ngri
 kàj djwa ngri
 faca dente pequeno
 ‘canivete’
 (lit. ‘dente de faca pequeno’)

Em (49), trazemos a composição N + N + ‘atenuativo’. Nos outros exemplos apresentados os itens lexicais formados por morfemas derivacionais (*-re* ‘atenuativo’ e *-ti* ‘intensivo’). Em nossos dados, o morfema *-ti* ‘intensivo’ teve maior regularidade. Ainda no inventário de nomes Kayapó encontramos o uso do formativo *më* para designar o elemento semântico [+humano].

4.3.3 Formativo *më*

Ainda nos processos de composição lexical alguns nomes são antecidos pelos pluralizador *më* (cf. SILVA DA COSTA, 2015; MIRANDA, 2014). Nas propriedades gramaticais dos nomes, o morfema *më*, é citado na literatura como pertencente à categoria gramatical ‘número’, podendo ocorrer anteposto a nomes, pronomes dependentes da série absoluta e pronomes indefinidos cujos referentes têm o traço semântico exclusivamente [+humano] e posposto a pronomes independentes da série nominativa (MIRANDA, 2014; FERREIRA-SILVA, 2011, p.13).

Este formativo também ocorre em certas formas pronominais, indicando suas formas plurais. Contudo, em certos contextos, *më* é plural e, em outros, marca o traço [+humano] de determinados nomes. Semanticamente, refere-se a pessoa ou gente e assim é descrito pelos Kayapó. Nos exemplos a seguir, em Mëbêngôkre, *më* ocorre anteposto ao nome.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (50) mëkarum
 më karum
 HUM imagem/sombra
 ‘televisão’
 (lit. ‘sombra de gente/pessoas’)

Uma interpretação oferecida pelos meus locutores para o exemplo (50) define o lexema ‘televisão’ como “a pessoa que você pode ver, mas não pode tocar”, assim como os espíritos. Como podemos observar, em Kayapó *mẽ* é definido semanticamente se referindo a pessoa, pessoas ou gente e assim é descrito pelos meus interlocutores Kayapó.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (51) a. *mẽ i-nhukà*
mẽ i-nhu kà
 HUM R¹-bico casca
 ‘máscara’
 (‘lit. pele do bico da pessoa’).
- b. *mẽ i-jakrekà*
mẽ i-já kre kà
 HUM R¹-nariz buraco casca
 ‘máscara’
 ‘pele do buraco do nariz’ ou ‘pele que cobre o nariz’
- c. *mẽ i-kràkà*
mẽ i-krà kà
 HUM R¹-dedo casca
 ‘luva’
 ‘pele do dedo da pessoa’ ou ‘pele que cobre os dedos’

Em (51a-c), temos a utilização do *mẽ* anteposto a nomes para designar o traço semântico [+humano], também há os prefixos presos ao nome, marcando a 1ª pessoa com *i-*, (os exemplos com marcas pronominais presas designam a classe dos nomes inalienáveis, subclasse que inclui termos relativos à parte de um todo, como termos das partes do corpo humano), mais o item classificador *kà* ‘pele; casca’.

Os neologismos (51a-c), foram coletados no período da pandemia da Covid-19, embora já existissem na língua Mëbêngôkre, tornaram-se mais usuais no cotidiano Kayapó.

4.3.4 Nominalização

Estudos sobre o mecanismo de nominalização foram realizados por Salanova (2008) para língua Mëbêngôkre, Silva da Costa (2015) para o Xikrin e, Miranda (2014), na língua Krahô. A nominalização designa um processo de transposição categorial de que resultam nomes. Os itens derivados da nominalização relacionam-se semanticamente às suas bases lexicais.

Conforme Salanova (2008, p.05) a maioria dos neologismos em Měbêngôkre tomam esta forma e as expressões formadas “geralmente adquirem sentidos convencionais mais específicos, mas a sua composição semântica é em quase todos os casos perfeitamente transparente”.

Nos exemplos de neologismos em Měbêngôkre observamos a nominalização na formação de nomes a partir de palavras de outras classes. Assim, temos a derivação de nomes de agente e de circunstância através de verbos nominalizados pelas palavras *d̥wɔxj*, *d̥wɔ̀j*, *d̥wɔ̀nh* e *d̥ɔ*.

Conforme Salanova (2008, p.05), em Měbêngôkre, *d̥wɔxj* e *d̥ɔ* são enclíticos usados para nominalizações de agente e, de lugar, tempo ou instrumento. Do mesmo modo, em nossos exemplos os nominalizadores *d̥wɔxj*, *d̥wɔ̀j*, *d̥wɔ̀nh* e *d̥ɔ* derivam respectivamente nomes de agente e nomes de circunstância (local, instrumento, evento), como veremos nos exemplos (52) abaixo. Os exemplos de nomes de agente são marcados por *d̥wəj*, *d̥wɔ̀j* e *d̥wɔ̀nh* ‘nominalizador de agente’:

(Salanova e Nikulin, 2020, p.43)

[glosas nossas]

- (52) pi'ôk jakre d̥wɔ̀nh
 pi'ôk j-akre d̥wɔ̀nh
 folha R¹-mostrar NLZ
 ‘professor’
 (lit. ‘mostrador de folha’)

(Silva da Costa, 2015, p.105)

- (53) a. mē Ø-kanε d̥wəj
 HUM R²-tratar.doença NLZ
 ‘médico’
 lit. ‘aquele que trata doença’ ou ‘aquele que cura’ ou ‘curador’
- b. kàmrajtyj Ø-mraj d̥wɔ̀j
 kàmrajtyj mraj d̥wɔ̀j
 carro R¹-andar-NLZ NLZ
 ‘motorista’
 ‘aquele que dirige carros’

*dʒ*Λ ‘nominalizador de instrumento, local e evento’:

Um nome de circunstância é geralmente formado da combinação de um verbo com o morfema nominalizador *dʒ*Λ, mas também encontramos outras combinações, como um nome já derivado (57).

Atualmente podemos observar também a formação de novos conceitos baseados na produção de cultura no ciberespaço, além de alguns aparelhos de informação (56). Os exemplos, em Mëbêngôkre, ilustram a ocorrência de nomes de circunstância que fazem referência a instrumento ou lugar, como em (56) e (57).

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (56) *mëkabëndjà*
 më *kabën* *djà*
 HUM falar NLZ
 ‘celular’
 (lit. ‘instrumento/lugar de falar’)
- (57) *pi’òk kaprïn djà*
 pi’ok *kaprïn* *djà*
 folha triste NLZ
 ‘cartão de crédito’
 (lit. ‘coisa de dinheiro [folha triste]’)

Na cosmovisão Mëbêngôkre, (56) *mëkabëndjà* pode ser entendido como um instrumento, servindo tanto para telefone fixo e celular. No exemplo para ‘cartão de crédito’ (57), há o mesmo processo, o emprego do NLZ *djà* deriva um nome que pode representar tanto um instrumento de proteção como o lugar/local de onde sai o dinheiro ou também ‘o que protege o dinheiro’.

Embora o nominalizador *djà* seja descrito como um ‘nominalizador de instrumento, local e evento’, como vimos nos exemplos acima, esse morfema também pode ser usado como um nominalizador de agente. No exemplo (58), o NLZ *djà* faz referência à pessoa que tira as fotos/imagens.

(Dados coletados pela autora para língua Měbêngôkre)

- (58) mē karō opôx djà
 mē karō opôx djà
 HUM imagem tirar NLZ
 ‘fotógrafo’
 ‘pessoa que tira foto’

4.3.5 Incorporação nominal

O termo ‘incorporação’ tem sido usado amplamente para abranger vários tipos de morfologização, em que elementos nominais, pronominais, adverbiais, causativos ou outros são encontrados dentro de palavras, especialmente verbos (ASHER; SIMPSON, 1994, p.5024). No caso dos neologismos em Měbêngôkre veremos a composição substantivo-verbo para designar novos itens lexicais. Trata-se da incorporação do objeto ao verbo para formar um verbo complexo, o qual pode ser nominalizado para formar um nome. Na incorporação prototípica, o composto substantivo-verbo constitui uma única palavra fonológica, em conformidade com os padrões gerais e fonológicos da língua, como em (59a).

(Dados coletados pela autora para língua Měbêngôkre)

- (59) a. ngôj kurũm pi'ôk-kaprĩn opôx djà
 ngôj kurũm pi'ôk-kaprĩn opôx djà
 ferro ABL folha-triste sair NLZ
 “caixa eletrônico”
 (lit. ‘de onde sai a folha triste’ ou ‘folha triste que sai do ferro’ ou ‘ferro de onde sai a folha triste’)
- b. ba amuja'ã [ngôj kurũm pi'ôk-kaprĩn opôx djà]²³
 eu ontem ferro ABL folha-triste sair NLZ
 eu ontem caixa eletrônico
- kriraj kam õum
 aldeia.grande LOC ver
 ‘Eu vi um caixa eletrônico na cidade ontem’.

²³ Ocorre também o uso de empréstimo para designar ‘caixa eletrônico’, como em:

- (i) ba amuja'ã kaxa eretrônikô kriraj-kam õumu
 eu ontem kaxa eretrônikô aldeia.grande-loc-ver
 ‘eu vi um caixa eletrônico na cidade ontem’

No exemplo (59a) temos uma construção que envolve (N-ABL) + composição (N+ N) + V + NLZ. Observa-se uma construção mais complexa na língua. A complexidade ocorre devido às funções do objeto que está sendo referenciado, o que exige dos falantes Mëbêngôkre muitas combinações para designar o novo termo. Sobre a representação semântica-cognitiva, o ferro designa a estrutura da caixa, contudo a ênfase do significado incide sobre o lugar que guarda a ‘folha triste’ ou de onde sai a ‘folha triste’, o dinheiro. Em (59b), esse item lexical complexo é usado como objeto do verbo *õmu* ‘ver’.

No exemplo (60) temos outro caso de neologismo, onde se observa uma formação lexical complexa, com a seguinte composição: N + HUM + N + V. Na cosmovisão Mëbêngôkre *kôjrum më kabênprôn* ‘whatsapp’ pode também desvelar uma comunicação rápida que vem de cima, do alto, por satélite.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (60) *kôjrum më kabên prôn*
 kôjrum më kabên prôn
 alto/em cima HUM fala correr
 ‘whatsapp’
 (‘fala rápida que vem do alto’ ou ‘o que vem rápido do alto para falar’)

Os exemplos (59a) e (60) foram confirmados por dois locutores, contudo esses neologismos não são reconhecidos por toda comunidade de fala, sobretudo para aqueles que ainda não tiveram contato com esse tipo de utensílio.

Nos exemplos a seguir temos criações formadas pela combinação de um verbo combinado com o *dʒa*. Assim, temos em (61) a seguinte composição: HUM + V + NLZ, no campo semântico pode ter a seguinte tradução: “aquilo que serve para pessoa cantar”. Os exemplos foram coletados por Reis Silva (2001) em algumas construções para nomear instrumentos:

Reis Silva (2001, p. 26)

- (61) a. *më ɲrɛɛ dʒa*
 HUM cantar NMINST
 ‘gravador/radio’
 (lit. instrumento de gente cantar)

- b. mē kane pumuŋ dʒΛ
 HUM doença ver NMINST
 ‘microscópio’
 (lit. instrumento de a pessoa ver a doença)

Nos exemplos acima, a forma finita do verbo correspondente é dada entre parênteses. Reis Silva (2001, p. 26) não faz uma análise morfológica das estruturas, mas ressalta que as palavras ao serem traduzidas para o Português remetem à estrutura de uma relativa. No exemplo (61b) temos a formação HUM + (N+V) + NLZ.

A incorporação de substantivos desempenha várias funções. De acordo com Mithun (1984), a incorporação nominal é um processo morfológico com propriedades notadamente sintáticas para designar itens lexicais novos. Na maioria das vezes, os compostos lexicais derivam atividades recorrentes ou estados com vários graus de produtividade.

Silva da Costa (2015, p.11)

- (62) a. mē Ø-kabēn-mari dʒΛ
 HUM R²-fala-saber NLZ
 ‘rádio’
- b. mē Ø-krĩ dʒΛ
 HUM R²-sentar NLZ
 ‘cadeira’

Em (62a) HUM + (N+V) + NLZ, já em (62b), temos a formação HUM + V + NLZ. Na língua Mëbêngôkre esses processos são altamente produtivos. No caso do (62a), o substantivo e um verbo podem ser simplesmente justapostos para formar uma unidade sintática, cada um mantendo seu status como uma palavra fonológica separada.

4.3.6 Ideofones

Conforme meus interlocutores, os lexemas abaixo possuem uma relação com alguns sons e assim os registramos. Os nomes partem de percepções específicas e algumas delas foram narradas na primeira versão da cartilha (Troncarelli, 2012) para língua Mëbêngôkre, como veremos em (63a) e (64a).

Os ideofones são recursos linguísticos que representam sons, mas podem também representar movimentos ou sensações. “Na maioria dos casos, essas formas conformam uma

categoria lexical distinta das demais, com estruturas silábicas ou segmentos fonéticos que não se encontram em outros lexemas, e com propriedades morfológicas diferentes”, conforme Epps e Salanova (2012, p.21). De tal modo, os exemplos abaixo podem ser classificados como uma espécie de ideofones.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (63) a. kàtōk
 kà tōk
 casca explosão
 ‘espingarda’
 (lit. ‘objeto que explode’)
- b. kàdjakê
 kà dja kê
 casca NLZ som
 ‘relógio’
 (lit. ‘som que arranha na pele’)

Em (63b), o termo para designar ‘relógio’, na cosmovisão Mëbêngôkre, pode ser interpretado conforme Mydjere Kayapó em alusão ao “relógio de ponteiro, que faz um som, como se estivesse arranhando”. Para o exemplo (63a), encontramos o seguinte material linguístico descrito na cartilha de alfabetização na língua Mëbêngôkre (Troncarelli, 2012, p.13).

Katōk

Ajbir ne me katōk jamỳ. Katōk-obit me
 kunĩ àpar. Nhym amrêbê me abatành ne me
 kute katōk-o àpar kêt. Ajbir ne me
 abatànhja katōk jamỳ ne kam o àpar. Kam
 katōk-o kukōk-re pa, katōk-o ijêk-re pa,
 katōk-o kubyt pa, o kukryt pa.

A espingarda

Há pouco tempo que os índios possuem espingarda. Todos agora matam
 caça com espingarda. Os antepassados não caçavam com espingarda.
 Agora até os índios mais idosos caçam com espingarda. Eles matam com
 espingarda: macaco prego, cuxiu, guariba e anta.

Em termos de significado, o referido texto representa a interpretação dos professores indígenas na incorporação da ‘espingarda’ no cotidiano Kayapó. Do mesmo modo, observamos o recurso da língua Mëbêngôkre para descrever essas entradas e contribuir para o processo de alfabetização, de maneira contextualizada, a partir da perspectiva indígena. Na apresentação dos exemplos (64a-b) podemos observar a reduplicação nos elementos linguísticos *gogo* e *krekre* ao demonstrar ações repetidas.

(Dados coletados pela autora para língua Mëbêngôkre)

- (64) a. kàkrekreti
 kà krekre-ti
 casco barulho-INTENS
 ‘motor de gerador’
 (lit. ‘barulho de casco’)
- b. bàygogo
 bày gogo
 milho som/barulho
 ‘arroz’
 (lit. ‘barulho de milho’)

No exemplo (64a), observamos a formação nome + ideofone + INTENS. O *-ti* intensifica o barulho do casco ‘motor’. Em (64b), a formação ocorre por nome + ideofone. Na representação semântica-cognitiva temos uma especificidade que destaca o som, *gogo*, como uma espécie de chiado quando se retira a casca do milho, no processo de debulhar, segundo nossos interlocutores. Na língua Mëbêngôkre, os ideofones aparecem nos diálogos cotidianos e nas diferentes produções textuais Kayapó, por isso para entendê-los é necessário alcançar seus contextos de uso. O texto *Me’ õ prĩ-re bãm kukij*, extraído da cartilha de alfabetização Mëbêngôkre (TRONCARELLI, 2012), demonstra uma das formas linguísticas usadas pelos Kayapó para representar barulhos naturais dos seres humanos e não-humanos, o chiado, representado por *gogo* ‘som; barulho; chiado’:

Me’ õ prĩ-re bãm kukij

Beptôri kute bãm kukjêr prãm. Kute
 akati kunĩ-kôt bãm kukjêr. Ne kum,
 - Djünwã, mỳj ne *gogo*? Gop imã arê, ane.
 Nhym bãm kum,

- Akmê-re, mỳjja kumex ne **gogo**.
- Mỳjja krãptĩ **gogo**, ane.
- Ajte Beptô bãm kukij.
- Djũnwã, gop imã mỳjja kunĩ jarẽ. Ije mar prãm, ane.
- Nhy, kam bãm kum,
- Nã, mỳjja kumey ne **gogo**. Akmê-re,
- na ne **gogo**, ngô ne **gogo**, bô'ô ngrã ne **gogo**,
- akrêx ne **gogo**. Mry nhỹ ne **gogo**, ane.
- Nhym ajte Beptôri bãm-mã,
- Djũnwã, bày-djwỳ, bày**gogo**-djwỳ, ane.
- Nhym kam bãm kum,
- Nã, bàygogo ney **gogo**. Ne kam ba`y ne `ô **gogo**, ane.
- Nhym ajte bãm-mã,
- Mrãmri, Djũnwã, arỳm ga imã prĩ-ne arẽ. Mỳjja krãptĩ ne **gogo**, ane.

A criança pergunta ao pai

- Beptôri gosta de perguntar ao pai e lhe diz:
- Papai o que é que causa chiado? Explique-me.
- Meu filhinho, muitas coisas causam chiado.
- Papai, explique-me tudo que causa chiado.
- Sim, muitas coisas causam chiado: a chuva, o rio, as folhas secas de palmeira, as folhas secas e a caça causam chiado.
- Beptôri acrescenta:
- Papai, o milho e o arroz também causam chiado?
- O pai responde:
- Sim, é a semente de arroz que chia e a folha do milho também.
- O filho diz alegremente:
- Sim, papai, agora o senhor me explicou tudo que tem chiado!

Como se pode depreender no diálogo entre Beptôri e o pai, vários sons representados na narrativa podem demonstrar intensidade e expressividade, como: a chuva, o rio, as folhas secas de palmeira, a semente de arroz e a folha do milho. A categorização de 'chiado',

portanto, é proporcional à construção cognitiva dos falantes Mëbêngôkre e de seus modos de representar e conceituar suas experiências e interações.

4.4 Outras considerações

De acordo com Epps e Salanova (2012, p.10), no artigo “A linguística amazônica hoje”, uma das características elencadas sobre os sistemas de classificação nominal “é o fato de que a pertinência a uma certa classe pode, à primeira vista, parecer arbitrária, mas com frequência é influenciada por associações entre entidades que são determinadas pela cultura”. Conforme os autores, “as entidades podem ser agrupadas em certos conjuntos e, com o tempo, reagrupadas na base de experiências específicas a uma determinada comunidade” (EPPS; SALANOVA, 2012, p.10).

Como vimos nos exemplos discutidos acima, o falante Mëbêngôkre faz uma mescla de metáforas para construir expressões específicas da língua, para designar elementos espaciais, fazer comparações entre objetos e animais, e ainda, para utilizar ideias correspondentes a palavras de origem portuguesa. Vimos o processo de metaforização da arara para designar o casco que voa ‘avião’, o olho da onça atribuído à ‘lanterna’ e a asa de morcego para ‘sombriinha’. Assim, foram criados muitos neologismos que ainda permanecem na língua e são reconhecidos pelos falantes. Estes processos demonstram a relação que o povo Kayapó possui com as multiespécies, algo muito além do que podemos descrever nesta dissertação, mas a forma de significar as novas palavras através das metáforas com elementos da fauna e da flora representa um pouco de suas perspectivas. Padrão similar foi descrito em relação às formas utilizadas por falantes Karajá, estudados por Fialho (2002, p.112), além de outros grupos da família Jê que utilizam do mesmo processo de significação. A metaforização envolve diferentes classes gramaticais simultaneamente e, além disso, o falante constrói um caminho próprio para metaforizar sua construção, e em seguida essa representação é usada coletivamente.

Nos neologismos apresentados vemos que a formação das palavras respeita a gramática da língua Mëbêngôkre: quase não ocorrem nestas segmentações empréstimos fonéticos, fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. Todos os exemplos de neologismos apresentados utilizam palavras já existentes para formar novos lexemas, a partir da aplicação de processos regulares de formação de palavras na língua Mëbêngôkre (composição,

derivação e nominalização). Usam formas já existentes como partes desses processos, mas o resultado das novas formações é distinto dos significados individuais.

Os nomes podem ocorrer com os sufixos derivacionais *-re* ‘diminutivo’ e com *-ti* ‘aumentativo’. Muitos neologismos em Mëbêngôkre são formados através do processo de nominalização, como a derivação de nomes de agente e de circunstância através de raízes verbais nominalizados, como: *-dʒwɔj* e *-dʒɔ*. Além disso, observamos os diferentes processos de composição lexical, cuja combinação de nome + nome, desde os primeiros registros da língua pelo missionário Antonio Sala em 1920, ainda permanece em uso, como foi destacado nos exemplos discutidos. Vimos também exemplos de incorporação nominal e alguns ideofones e a sua relação com entendimento de mundo dos Kayapó.

No estudo com a língua Mëbêngôkre, no campo semântico da cultura material, os neologismos aqui analisados ocorrem em conformidade com os aspectos morfossintáticos do Mëbêngôkre, sendo formados com as mais variadas combinações. Contudo, no campo semântico dos artefatos, a formação de nomes através do processo de composição e nominalização tem tido maior regularidade nesta língua.

Os conceitos de introdução recente através de contato com os *kubẽ* não são designados por empréstimos do português, como é o caso em muitas outras línguas do Brasil, mas sim a partir de recursos próprios da língua, além das combinações e ajustes para nomear um novo conceito a partir nomes já existentes. Nossa hipótese é que isto se deve, aos esforços dos falantes em continuar usando e ensinando a língua Mëbêngôkre.

Considerando as agências e reações das populações nativas diante dos novos fenômenos que atingiram as línguas, o léxico ou o ato de nomear artefatos e utensílios (camisa, óculos, celular), tornou-se um arcabouço de trajetórias, heranças simbólicas e agência Kayapó. É interessante observar como a prática de ressignificar conceitos inseridos na língua e na cultura para nomear novos itens se manteve profícua ao longo dos anos. Os Kayapó submetem os novos conceitos e novas tecnologias adquiridos através do contato com o português a sua própria morfologia e cosmovisão, o que retrata a vitalidade da língua Mëbêngôkre.

Como vimos nesta seção, os nomes são formas utilizadas para representar coisas que existem ou que ocorrem/acontecem no mundo. Ao se associar uma coisa a um nome, um povo faz representações, registrando propriedades atribuídas a essas coisas (FERREIRA-SILVA, 2011, p.10). A correlação entre traço cultural e traço linguístico é uma relação que

implica uma série de movimentações na língua e isso está relacionado a políticas internas de criação e motivações dos falantes. Na seção 5 falaremos das atitudes externas e internas da língua Mëbêngôkre e os movimentos indígenas em prol da valorização das línguas, cultura, permanência territorial, entre outros.

5. Agências linguísticas Mëbêngôkre (Kayapó)

Nesta dissertação, apresento o conceito de agência linguística para exemplificar um conjunto de ações Kayapó, incluindo ações relacionadas à língua Mëbêngôkre e outras de cunho mais amplo. Estou denominando as primeiras de ações internas à língua e as últimas de ações externas à língua. Considero neste trabalho os encontros entre os Kayapó e os *kubê*, mas reporto-me aos saberes tradicionais e a diferentes fontes que têm sido vias comunicativas e de registro das experiências Kayapó. Na seção 4 vimos manifestações das agências internas, na perspectiva da formação de novos conceitos e seu sentido semântico de acordo com a cosmovisão dos interlocutores Kayapó. Nesta seção 5, ampliamos as possibilidades analíticas e tratamos das ações externas à língua. Assim, suponho que ambas as atitudes, dentre outras destes falantes, incidem na agência, manutenção e salvaguarda da língua Mëbêngôkre.

Portanto, apresentamos reflexões sobre o papel da língua/linguagem no processo de interação e agências Kayapó. Para isso, inicialmente historiamos os debates relacionados aos temas dos protagonismos e agências indígenas na história indígena e indigenista do Brasil e à formação do pensamento crítico e de posições éticas, dinâmicas socioculturais, ações, resistências, cosmopolíticas e agências linguísticas Mëbêngôkre. Analisaremos ainda, algumas produções Kayapó, como o Hino Kayapó e a música *Arym kam boj* do grupo Forró NB, desvelando o papel da língua/linguagem como episteme de fala e ato cosmolinguístico. Destaco conceitos relacionados às formas como os Kayapó caracterizam e textualizam o mundo. A partir dessa discussão procuramos mostrar que a língua Mëbêngôkre tem importância tanto identitária como política para o povo Mëbêngôkre Kayapó, tendo se adaptado às mais variadas adversidades para se manter ao longo do tempo.

Usaremos os conceitos de protagonismo e agência indígena para analisar a presença e atuação dos povos originários na defesa de seus direitos (SANTOS; FELIPPE, 2016, p.18). O conceito de agência linguística aqui apresentado foi inspirado na obra *Agency in Language* do antropólogo linguista Alessandro Duranti. A partir do princípio da agência, conforme defendido por Duranti (2004), entendemos que diferentes seres podem agir através da linguagem ou mediados pela mesma. Para o autor (2004, p.452), “a agência é representada na (e através) da linguagem”, ela constitui também a propriedade daquelas entidades que têm algum grau de “controle sobre seu próprio comportamento, cujas ações

no mundo afetam outras entidades e cujas ações são objeto de avaliação” (DURANTI, 2004, p.454).

Conforme Laura Ahearn (2001), no artigo “Linguagem e agência”, existem muitas maneiras pelas quais o conceito de agência foi abordado na academia nas últimas décadas. Reflete que embora o termo seja bastante utilizado nas diferentes áreas do conhecimento, sua definição precisa ser ampliada para uma significação mais abrangente na perspectiva da linguagem, intencionalidade e situação. Assim, a autora propõe uma definição esquemática para o termo agência e sugere um olhar atencioso dos pesquisadores para a linguagem e a forma linguística.

Para a autora, “agência se refere à capacidade de agir mediada socioculturalmente”. Amplio essa definição para: a capacidade dos indivíduos e coletivos de intencionalmente agirem mediados pelas relações socioculturais e contextuais. Na perspectiva dialógica inspirada nos estudos de Bakhtin, “a linguagem é entendida como uma forma de ação” (AHEARN, 2001, p.128). No caso das línguas e das manifestações da linguagem, a agência pode ser exercida de muitas maneiras e tipos. Nesta dissertação analisamos exemplos concretos de ação social, como as criações neológicas e as atitudes linguísticas Kayapó.

Dessa forma, o conceito de agência aqui abordado não se resume apenas às ações de resistência à dominação, embora deva-se considerar as influências do colonialismo no contexto brasileiro. Como já mencionado, cada povo reagiu de forma diferente ao contato com os europeus. No caso dos povos indígenas suas ações, organizações, estruturas linguísticas, relações de parentesco, mitos, rituais, danças e modos de ver o mundo são pretéritas ao colonialismo. Contudo, tem se alterado no tempo e no espaço (físico ou digital) pela capacidade dos(as) indivíduos(as) de significar, caracterizar e transmitir seus conhecimentos ao longo das gerações.

A definição de agência linguística está fundamentada no entendimento do caráter dialógico, interacional e da constante auto-organização cultural e linguística Kayapó, o que garante, atualmente, a existência e resistência desses povos no encaminhamento das políticas culturais dos índios e para os índios em conformação a cada momento de sua existência (VIOTTI, 2020; CARNEIRO DA CUNHA; CESARINO, 2014).

5.1 Protagonismo e agência indígena na história indígena e indigenista

Neste trabalho visamos estabelecer uma relação entre a formação dos neologismos e as políticas linguísticas dos Mëbêngôkre Kayapó, conforme suas agências e epistemologias. Assim, para estudar esses processos é necessário mergulhar nas interfaces entre história, antropologia e linguística, nos concentrando na chamada “Nova História Indígena” (MONTEIRO, 1994), especificamente nas pesquisas sobre as ações e reações de atores indígenas às políticas coloniais e imperiais (DE ALMEIDA, 2013). Essa temática profícua está pautada na desconstrução e superação das antigas dicotomias (selvagem e civilizado) sobre a presença dos indígenas na História, sendo narrada a partir do ponto de vista dos europeus (SANTOS; FELIPPE, 2016, p. 01).

A historiografia tradicionalmente encarou as populações originárias como vítimas passivas do colonialismo brasileiro. Não obstante, com a chamada “virada histórica”, nas décadas de 1960-70, podemos observar o movimento dos historiadores em busca de fontes documentais que versassem sobre os indígenas como protagonistas do passado colonial e de suas histórias.

As novas abordagens historiográficas visam entender as múltiplas formas de agência e participação das populações autóctones na construção da nação (OLIVEIRA, 2016, p.07). Essa perspectiva analítica rompe com a consolidação de um Brasil constituído a partir de narrativas advindas de um colonialismo histórico e estrangeiro, pouco receptivo a outros modos de conhecimento distintos da formação universal, racional e ocidental (OLIVEIRA, 2016, p.10).

As perspectivas epistêmicas avançam frente ao compromisso ético dos profissionais envolvidos nas pesquisas com os diferentes coletivos étnicos. Segundo Moraes-Wichers (2021, p.228) para operar nas “fissuras da colonialidade” as novas abordagens devem se preocupar com “o porquê e para quem são os resultados das pesquisas”. Sejam elas arqueológicas, historiográficas, antropológicas ou linguísticas, é necessário pensar nas políticas de restituição através de estudos dialógicos.

A ideia de protagonismo indígena é subsidiada, portanto, nas maneiras pelas quais os próprios povos indígenas articulam ou articularam as suas formas de conhecimento, seus saberes e lutas (CARNEIRO DA CUNHA, 1992). Portanto, se reexaminamos criticamente

as interpretações atribuídas aos povos originários veremos que esses povos vêm estabelecendo complexas redes e negociações em busca de autoridade, lucro e participação comercial, conforme aponta Bárbara Sommer (2005).

Em situações pretéritas, mesmo com as técnicas de pacificação/catequização dos jesuítas, no início do processo colonizatório, e, mais tarde, das ações do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), no intuito de apresentar um índio tutelado e civilizado, diversas estratégias foram tomadas pelos povos indígenas em defesa da sua sobrevivência (SOUZA LIMA, 1995).

Em “Os índios, a Amazônia e os conceitos de escravidão e liberdade”, Camila Loureiro Dias (2019, p.246) destaca as práticas de resistência e boicote indígena em trabalhos nos aldeamentos. Para a autora, relatos de moradores encontrados em fontes da época ressaltavam a quantidade de “produtos necessários para convencer os índios a trabalhar nas expedições exploratórias, tais como: aguardentes, tecidos, avelórios e outros manufaturados europeus”. Como se vê, a ideia de submissão não representa a história das populações indígenas, pois cada povo reagiu de uma forma diferente ao colonialismo. No passado histórico, trocas, negociações e boicotes fizeram parte dos intercâmbios culturais. Um aspecto bastante afetado nessas relações foi a língua tradicional de cada povo. Hoje, no Brasil, como consequência do colonialismo evidencia-se situações de enfraquecimento, mas também de vitalidade linguística. Os fenômenos resultantes dessas situações dependem das atitudes linguísticas dos locutores ante as línguas, léxicos e cultura material de outros (não indígenas) ou, até mesmo, das reações às situações de contato (FRANCHETTO, 2022).

Daí a importância de (re)entender a nossa própria história de formação, sendo necessário ouvirmos o que os povos autóctones têm a dizer (GOW, 2006). Dessa forma, as agências e negociações do ponto de vista do indígena precisam ser divulgadas e entendidas, mas para isso “precisamos compreender os significados culturais de suas ações, tanto agora quanto no passado” Peter Gow (2006, p.01).

Conforme as reflexões de Carneiro dos Santos (2019, p.15) sobre a dança *No Panojé* como ritual de reafirmação e valorização identitária *Kayapó/Mêbêngôkre*, os povos que foram subalternizados ao longo da história passaram a ser vistos como protagonistas sociais, como de fato são. Assim, as novas abordagens têm instigado muitos pesquisadores a compreender os padrões ideológicos e as formas coletivas de viver através de interações

interculturais, razão pela qual tais interações precisam ser melhor compreendidas (CARNEIRO DOS SANTOS, 2019, p.15).

Considerando as abordagens historiográficas e antropológicas sobre a presença, protagonismo e agência dos povos indígenas no Brasil podemos dizer que poucos ou quase nenhum trabalho tem se dedicado ao estudo das agências linguísticas indígenas através da descrição e análises das línguas naturais. Porém, se olharmos atentamente para os processos de descrição, documentação e análises linguísticas veremos pelas entrelinhas metodológicas e interpretativas as diferentes formas de manifestação, reorganização, resistência, agência, protagonismo e luta das populações originárias no passado e no presente por meio do estudo de suas narrativas, mitos, produções discursivas, análises semânticas, morfológicas ou sintáticas.

Por meio da linguagem podemos expandir nossas análises para refletir sobre os “conjuntos de relações estabelecidas entre os indígenas e os demais atores e forças sociais que com eles interagem” (OLIVEIRA, 2016, p.07). Situa-se nesse contexto, as políticas de fortalecimento identitário a partir de uma denominada consciência étnica e de autorreconhecimento, cujo princípio consiste em revisitar as heranças ancestrais e retomá-las contextualmente como símbolo de luta e orgulho dos povos originários. Nesse sentido, não só a língua, mas todos os sinais diacríticos de um povo têm sido elemento fundamental para o fortalecimento identitário, demarcação e permanência territorial. Os enunciados e as manifestações da linguagem estão envoltos em circunstâncias interacionais de negociações, conflitos e redes de conexão.

Os Kayapó pensam sobre suas próprias ações. Portanto, os mecanismos da agência linguística aqui mencionados operam através de uma multiplicidade de motivações que incidem nas ações dos Kayapó que fazem uso da língua Mebêngôkre. Destaco que as línguas naturais, usadas por um povo e/ou uma comunidade de fala, não são apenas um instrumento de comunicação, mas são também uma ferramenta de posicionamento étnico e interacional de seus falantes com o mundo, sendo constantemente adaptadas às dinâmicas socioculturais do grupo. Assim, também defino as agências linguísticas como o uso da língua/linguagem como instrumento de posicionamento étnico, estratégia, ação e reação conforme as cosmovisões, articulações, saberes e lutas dos diferentes sujeitos sociais em conformidade com o contexto de sua existência e resistência. Nas próximas seções, discutiremos esse conceito, em especial com relação à língua Mëbêngôkre.

5.2 Interações, ações, resistências e posições éticas

As agências linguísticas estão inseridas nos instrumentos de posições éticas e na formação do pensamento crítico baseado nos modos de ser e de pensar dos povos originários, assim como nas suas cosmovisões, saberes e epistemologias. Desse modo, em nossas análises sobre as diferentes produções discursivas de meus interlocutores Kayapó, nos embasamos nos princípios da antropologia linguística e identificamos relações para além do humano, a partir de histórias não-ocidentais que descrevem as interações dialógicas de todos os seres que habitam o mundo.

Os movimentos indígenas atuais propõem uma prática política diferente e plural, pois têm evocado entidades sencientes, tais como: montanhas, água, floresta, estrelas e terra, elementos da “natureza”, para o interior da arena política. São modos de ver o mundo que certamente interferem na interpretação do presente e no antever (ou mesmo prescrever) o futuro (OLIVEIRA, 2016, p.10), como veremos nas análises a seguir.

Estas entidades sencientes estão presentes nas diferentes produções textuais indígenas, como as de Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019) Mokuká Kayapó (2018) e Okreãjti Metuktire (2020). Além desses autores, sabemos que essas entidades sencientes já apareciam marcadas nos grafismos e traços desenvolvidos pelas mulheres indígenas, como os trançados e arte gráfica *me ôk* (pintura corporal) das *nire* Mëbêngôkre (Kayapó)²⁴.

O Estado nacional ao longo do seu desenvolvimento foi moldado por regras sociopolíticas que excluíram de seus interesses o reconhecimento dos multiversos socioculturais. As amarras das políticas hegemônicas e de assimilação tentaram silenciar e marginalizar outras formas de organização social em benefício próprio, contudo a virada ontológica ou a nova história indígena vem justamente romper com essas formas homogeneizadoras de ver e entender o mundo.

Ao abordar o acesso à justiça de povos indígenas na América, Ailton Krenak (2019), em “Ideias para adiar o fim do mundo” desvela o olhar de um escritor, ambientalista e liderança indígena que teve seu território de origem profundamente afetado pela atividade de extração de minérios. Em suas disposições conceituais, o autor chama atenção para o rompimento da

²⁴ A análise e o entendimento dos universos linguísticos e expressões das mulheres indígenas requer estudos que vão além do escopo deste trabalho.

distinção entre terra e humanidade, pois para ele “tudo é natureza. O cosmos é natureza”, vejamos:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser” (KRENAK, 2019, p.10).

Percebe-se que as experiências do ser humano e suas diversas formas de se relacionar com o mundo extrapolam o conhecimento ambiental para a dimensão cultural, tornando a interação do ser humano com a natureza um campo de experiências possíveis. A partir dos acionadores de memória ativados por Krenak, ao olharmos para as narrativas contadas por nossos antepassados veremos que esses entendimentos de mundo fazem parte das ontologias de nossos antepassados. A Amazônia, por exemplo, é rica em experiências e metamorfoses entre as multiespécies.

Vejamos o que nos diz Lévi-Strauss (1964, p.19) sobre o mito e os personagens que povoam as mitologias: “o mito fala de um estado do ser onde os corpos e os nomes, as almas e as ações, o eu e o outro se interpenetravam, mergulhados em um mesmo meio pré-subjetivo. Meio cujo fim, justamente a mitologia se propõe a contar”. Segundo Viveiros de Castro (2002), para os povos ameríndios a natureza e a cultura são parte de um mesmo campo sociocósmico.

São justamente esses campos sociocósmicos que aparecem descritos nas diferentes narrativas, léxicos e manifestações dos povos originários e sua população descendente. No cenário amazônico, diferentes narrativas contam situações de encontros entre seres humanos e mais-que-humanos, em alguns casos esses seres se fundem em um mesmo corpo, seja no ambiente da floresta, no centro urbano ou no corpo, como vimos na formação de alguns neologismos que envolvem metamorfose e a relação dos Kayapó e as multiespécies (seção 4). Sendo assim, lugares, paisagens sagradas, seres “encantados”, horário sagrado dos rios, animais que protegem as cidades, bem como plantas que curam, cuja aparência e coloração desenham a enfermidade para que servem, as plantas encantadas que protegem as casas, como o Tajá (*Caladium bicolor*), todos são patrimônios bioculturais que fazem parte da história,

das identidades e memórias de diferentes povos, demonstrando o quanto nossos antepassados estavam ligados à natureza ou entidades sencientes.

São heranças simbólicas que ocorrem em diferentes regiões do Brasil, em menor ou maior grau. Todavia, o que ocorre hoje, é que a sociedade está cada vez mais distante de suas conexões cosmoecológicas, esquecendo-se da importância da Mãe Natureza para a sobrevivência das sociedades (KRENAK, 2019). Para Krenak (2019, p.10) as narrativas indígenas estão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, sobretudo nos currículos escolares onde querem contar outras histórias de origem.

Apesar desses temas serem debatidos na academia, é importante lembrar que uma parte da sociedade tem dificuldade em entender a relação entre humanos e não-humanos. Por exemplo, a ideia de “Jesus, a Grande Luz vinda do Inti Yaya” ter conexões tangíveis, tanto com a “Mãe Natureza quanto com os seres humanos” (DE LA CADENA, 2019, p.03), pode soar como um absurdo, alienação ou recair na categoria de folclore para algumas pessoas. Porém esses conhecimentos e interações fazem parte da história dos diferentes povos e populações originárias, mas foram propositalmente deixados à margem do conhecimento científico e dos currículos ocidentais.

O Estado nacional ao longo do seu desenvolvimento foi moldado por regras sociopolíticas que excluíram de seus interesses o reconhecimento dos saberes socioculturais. As amarras das políticas hegemônicas e de assimilação tentaram silenciar e marginalizar outras formas de organização social em benefício próprio, contudo a virada ontológica ou a nova história indígena vem justamente romper com essas formas homogeneizadoras de ver e entender o mundo.

Visando entender os campos sociocósmicos resultantes dos processos de interação entre as multiespécies, abordamos na seção 5.4. o modo como Kayapó têm se articulado e usado suas conexões cosmoecológicas em ações realizadas no contexto conflituoso da sociedade brasileira (CARNEIRO DOS SANTOS, 2019, p.15).

5.3 Dinâmicas socioculturais Mëbêngôkre

De acordo com López-Garcés et al. (2015), há várias décadas, os Mëbêngôkre buscam se articular à política e à economia nacional, por isso estratégias foram criadas para o fortalecimento do grupo, sobretudo no início do século XX. Para a autora, essas ações na

política e economia do mercado “estão ligados às variadas transformações socioculturais com as quais se defrontam, o que implica em mudanças significativas nos seus sistemas tradicionais” fundadas no intercâmbio cultural.

Os Kayapó têm se organizado e realizado discussões e ações políticas pelo cumprimento da Constituição Federal e em prol dos direitos dos povos indígenas. Deste modo, criaram várias associações (como a Associação Floresta Protegida e o Instituto KABU), iniciativas de vigilância das TIs, de proteção territorial, de geração de renda, com alternativas econômicas sustentáveis e de valorização cultural para que as futuras gerações sejam fortalecidas e os territórios protegidos.

As ações dos povos originários se intensificaram, segundo Ivan Stibich (2019), especialmente pela constituição de 1988 e a partir do estabelecimento de uma nova política indigenista e/ou a reformulação administrativa da Fundação Nacional do Índio (Funai), durante as gestões do Partido dos Trabalhadores (PT) na Presidência da República.

Com essas mudanças, podemos dizer, que foi instituído um novo panorama educacional e legislativo, com respeito à autonomia social, política, econômica e cultural dos povos indígenas. Como destaca Gersem Luciano (Baniwa), a educação e valorização cultural tornou-se um dos principais instrumentos de reivindicação e fortalecimento sociolinguístico dos povos indígenas - sendo cada vez maior o número de ações indígenas que lutam por respeito e melhor qualidade de vida para o seu povo (LUCIANO, 2006). Hoje, a Constituição Federal reconhece a importância de todas as línguas originárias para o meio social e político em que é falada, o que pode ser mais um instrumento para a sobrevivência das línguas (BRASIL, 1988).

Do ponto de vista das agências linguísticas podemos citar novamente a aprovação da Lei Nº. 571/2019, que dispõe sobre a cooficialização da língua Mëbêngôkre (Kayapó), no município de São Félix do Xingu - PA, e o incentivo da disciplina de estudo da língua no currículo das escolas da rede municipal de ensino onde predomina a população Mëbêngôkre no município. Esses fatos demonstram que os Kayapó se articulam e vem estabelecendo as mais variadas formas de “legitimar” suas identidades e sobreviver às dinâmicas sociais do mundo.

No contexto dessas ações Kayapó, a língua Mëbêngôkre possui um papel importante e tem sido uma das ferramentas de fortalecimento identitário e político. Como vimos na seção 2, a língua Mëbêngôkre é ensinada aos mais jovens ainda na infância. Já o português é usado

como segunda língua apenas em alguns contextos de uso, como: reuniões na cidade; ensino nas escolas regulares; comércio local; e instituições públicas.

Ao mesmo tempo, a língua Mëbêngôkre está em constante contato com a língua Portuguesa. A dinâmica de ir e vir, entre aldeia e a cidade, tornou a língua Mëbêngôkre um arcabouço de novos e velhos conceitos, que ora salvaguarda ora ressignifica diferentes conceitos à língua. De acordo com De Almeida (2010, p.22) essas ações ocorrem pelo processo de incorporação de elementos outros, “dando a eles significados próprios e utilizando-os para a obtenção de possíveis ganhos nas novas situações”. Trata-se de práticas de criação através da apropriação e ressignificação de conceitos.

Neste tópico ampliamos o nosso *locus* de análise para analisar alguns eventos extralinguísticos, que envolvem intencionalidades, controles de comportamento, organização e planejamento de ações que refletem e afetam a língua Mëbêngôkre. Apresento outros fatos linguísticos a partir de minha análise sobre fontes virtuais, tais como: cartazes, fotos, letras de música e entrevistas disponíveis de forma on-line em diferentes plataformas. Essas produções têm a participação direta ou indireta de locutores Kayapó.

5.3.1 Eventos de mobilização indígena

O contexto atual aponta para um momento importante tanto teórico quanto prático na valorização das línguas indígenas. Paralelo a isso, vemos os diferentes processos de retomada, revitalização, ativação ou reativação das línguas originárias, em que falantes e representantes de diferentes línguas passaram a reivindicar e criar estratégias para se fortalecer e lutar por políticas linguísticas efetivas.

O foco deste trabalho não é fazer uma análise detalhada das mobilizações indígenas, pois esses eventos requerem um olhar profundo sobre as situações e demandas de diferentes populações indígenas. Farei um breve recorte mencionando alguns eventos de caráter nacional e internacional, durante a pandemia Covid-19, que reuniu diferentes grupos para planejar e fortalecer as línguas indígenas. Aliás, desde 2019, antes da pandemia, com o ano internacional das línguas indígenas, algumas medidas nesse sentido começaram a acontecer. A ética de interação entre os coletivos étnicos e as instituições (públicas e privadas) passaram a promover eventos de fortalecimento em diferentes esferas: linguísticos, educacionais, de segurança, manejo, entre outros.

Em 2022, tivemos o lançamento da Década Internacional das Línguas Indígenas - DILI (2022-2032). No Brasil, foi constituído inicialmente um Grupo de Trabalho Nacional da Década das Línguas Indígenas (GT Nacional da Década) e posteriormente GTs Regionais e Estaduais, para mobilizar e organizar ações referentes à valorização e manutenção das línguas indígenas (IPOL, 2021). Ainda nesse ano, no Brasil, foi lançada a jornada de mobilização da década internacional das línguas indígenas, um evento virtual organizado por diferentes lideranças indígenas, com o lema “Nada Sobre Nós Sem Nós”. Em meio aos objetivos da Década aludimos as “iniciativas e ações de valorização e pelo reconhecimento das línguas indígenas em todos os âmbitos da cultura, da educação, da ciência, da tecnologia e sócio-políticos, em todos os níveis, do local ao nacional” (PLANO DE AÇÃO PARA A DÉCADA INTERNACIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL, 2022).

Algo interessante sobre a Jornada de mobilização da década internacional é o seu caráter de divulgação digital, o fato de o evento ocorrer de forma on-line permite que diferentes públicos possam participar. Apesar da falta de conexão de algumas localidades, o evento ficou registrado no Youtube podendo ser visualizada posteriormente. A página do Facebook também tem sido um canal de divulgação dos planejamentos e ações da Década das Línguas Indígenas, além de ser uma forma sensibilizar a sociedade envolvente acerca do reconhecimento da diversidade linguística e cultural dos povos indígenas.

Figura 22 - Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032)

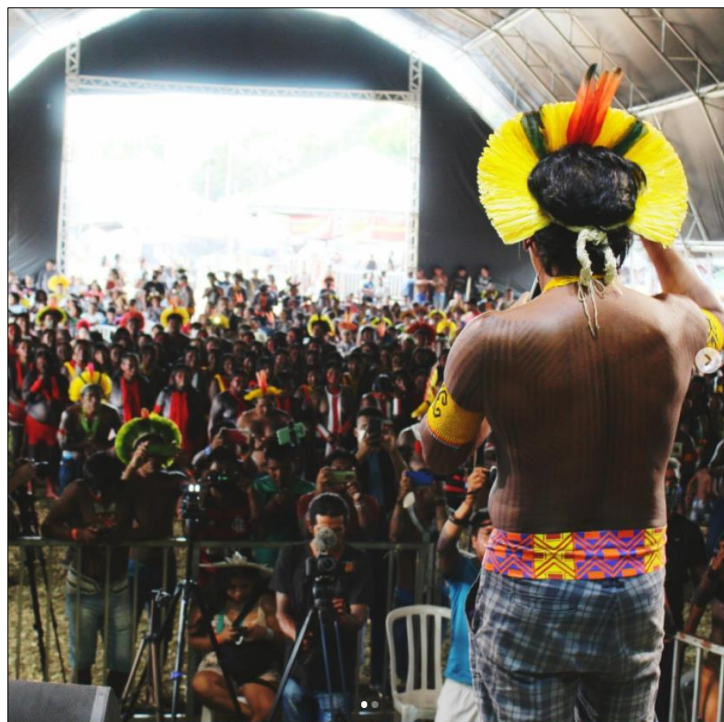


Fonte: Década Internacional das Línguas Indígenas (2022) (Via Facebook)

O evento promovido pelo GT Nacional da Década, a I Jornada de Mobilização da Década das Línguas Indígenas, de 18 a 23 de abril de 2022, ocorreu de forma on-line, contando com diferentes programações, tais como: mesas on-line (lives), reuniões estaduais e programações culturais. Na gestão da programação, três indígenas de cada região do Brasil uniram forças para potencializar o evento e mobilizar as comunidades. Acerca dos Kayapó, sua participação tem sido um pouco mais tímida, contudo, alguns professores e lideranças acompanharam o plano de ação da primeira reunião estadual do GT Norte (subdivido no GT Pará), se apresentando e fazendo algumas falas.

Outro evento de destaque relacionado aos povos indígenas que contou com a participação de membros do povo Kayapó foi o Acampamento Terra Livre (ATL). Em sua 18ª edição em 2022, o ATL também mobilizou diferentes grupos na luta pela efetivação de direitos constitucionais. Dentre as demandas, as pautas voltaram-se na luta contra as invasões de TIs, desmatamentos, garimpos ilegais, contaminação dos rios e o fortalecimento das línguas e culturas originárias. As línguas indígenas estiveram como ponto de pauta no que concerne à valorização da diversidade linguística e à pluralidade cultural brasileira.

Figura 23 - Lideranças Kayapó na plenária do Acampamento Terra Livre



Fonte: Kokomy Kayapó - Instituto KABU (2022) • Fotos do Instagram

Na foto 23, podemos ver uma liderança Mëbêngôkre-Kayapó na luta pelos direitos indígenas. Na imagem extraída do Instagram observamos as seguintes hashtags providas pelo Instituto KABU: #ATL18anos #ATL2022 #AldearPolítica #juntosnaluta. Todas essas hashtags foram usadas para impulsionar a publicação e promover as manifestações Kayapó e suas delegações (KABU, 2022). Além das diferentes apresentações e falas Kayapó, destacamos o show da banda Kayapó “Forró NB” que encerrou a noite da ATL 2022. Nos próximos tópicos falaremos brevemente sobre as produções musicais Kayapó e o fortalecimento da língua Mëbêngôkre através da música.

No mês de maio ainda em 2022, ocorreu o Encontro Anual da Rede Xingu+, em sua 5ª edição, na aldeia Khikhatxi, TI Wawi, do povo Kîsêdjê, nele vários quilombolas, ribeirinhos e lideranças indígenas, dentre elas delegações Xikrin e Kayapó do Pará e Mato Grosso, estiveram presentes para debater demandas comuns no tocante ao desmatamento, garimpo ilegal, poluição dos rios e fortalecimento dos povos do Xingu. Dois de meus interlocutores, Okreãjti Metuktire e Mydjere Kayapó, estiveram presentes nesse evento.

Figura 24 - Encontro anual da Rede Xingu+



Fonte: Phoyrekaropi - Instituto KABU (2022) • Fotos do Instagram

Os engajamentos dessas lideranças não só na perspectiva interna da língua Mëbêngôkre como também na participação de eventos e de mobilizações demonstra a rede de articulações dos Kayapó que atuam em paralelo na defesa do território, preservação das florestas e rios e

na valorização das línguas e culturas de seu povo. Trata-se de parte das dinâmicas socioculturais dos Kayapó, entre os quais participam dois de nossos interlocutores neste trabalho, que nos ajudam a pensar como as agências linguísticas vão além de atitudes internas à língua. Elas estão somadas a outras articulações que culminam em organização, defesa e no planejamento de atividades de mobilização.

Conforme a concepção interacionista e dialógica da língua, os sujeitos sociais dialogicamente se constroem e são construídos nas interações sociais e no texto (oral ou escrito). Nesse sentido, os movimentos indígenas, as composições Kayapó, como a música *Arym kam boj* e a paráfrase ou ressignificação do Hino nacional brasileiro a uma língua indígena, à língua Mëbêngôkre, criada por uma liderança indígena como Mokuká Kayapó, torna-se um documento textual que tanto descreve o universo sociocultural Kayapó como denuncia os impactos socioambientais sofridos pelo grupo.

São diferentes fontes que têm sido vias comunicativas e de registro das experiências, transformações e interações entre as multiespécies nas sociedades ao longo do tempo. Sobre a questão do tempo, é importante ressaltar que os sentidos são construídos e deslocados historicamente através da linguagem, Orlandi (2011) baseada nos estudos de Michel Pêcheux, destaca:

Elementos da sequência textual [...] podem ser importados (meta- forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva [...] as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (ORLANDI, 2011, p.158).

O deslocar de referências discursivas ou de palavras historicamente ocorre pelas atitudes dos falantes da língua. Assim as palavras podem ser reorganizadas e reformuladas para atender as dinâmicas dos sujeitos das línguas. Considerando-se as concepções de linguagem estudadas por Fuza et al. (2011, p. 01), com base nos pressupostos de Bakhtin (Volochínov) (1992): “cada momento social e histórico demanda uma percepção de língua, de mundo e de sujeito”.

A linguística tem se feito presente nos diferentes debates antropológicos para entender “o outro” (povos originários, populações autóctones, coletivos étnicos, populações tradicionais, entre outros). A teoria etnográfica da linguagem e a etnografia da fala surgiram da necessidade de abordagens no processo de imersão contextual para entender as manifestações culturais de um povo. Portanto, compreender as engrenagens que organizam, articulam e são resultados dos processos interativos e comunicativos tem sido um dos grandes

desafios dos pesquisadores que se propõem a estudar o funcionamento e a importância das línguas naturais.

Como se sabe, os antropólogos ao longo do desenvolvimento das ciências humanas têm evidenciado a relevância da linguística para seus trabalhos teóricos. De Franz Boas (1858-1942), Malinowski (1884-1942), a Lévi-Strauss (1908-2009) os dados linguísticos têm ajudado a entender as diferentes singularidades de um povo, surgindo dos trabalhos de campo ou etnografias a necessidade de compreender o que dizem os povos originários através das manifestações da fala (discurso, enunciação, cerimônia, ritual, festas e ritos).

Considerando o que nos diz Leach (1966: 407 apud Tambiah, 1985:17), em *Culture, thought, and social action: an anthropological perspective*, o ritual é um complexo de palavras e ações. Para além da palavra, consideramos os textos (verbal ou não verbal) como ações, sendo constituído na materialização intencional de seus autores nos diferentes tempos e espaços (físicos ou virtuais).

Como tal, os textos têm sido registros históricos das mudanças e adaptações de um povo. Como já descrito anteriormente, os Kayapó não só alteraram o meio ambiente, mas foram modificados por ele, devido a profundas mudanças, fenômenos geopolíticos e a reorganização dos grupos aos seus próprios modos de vida (cf. López-Garcês, 2015). Nesse contexto, a língua Mëbêngôkre e suas manifestações pode ser vista como um arcabouço de novos e velhos conceitos. Produções musicais em Mëbêngôkre provêm da necessidade de produção, armazenamento, expressão, transmissão e reelaboração dos conhecimentos sobre os sujeitos e o meio ambiente.

A ideia aqui não é fazer uma descrição de aspectos fonético, fonológico ou morfossintático dos textos, apesar de reconhecer a sua importância, mas analisar o discurso e os sentidos expressos no texto, que nos permitem identificar como um conjunto de articulações internas e externas à língua têm servido ao grupo nos processos de luta contemporânea contra as mazelas da colonialidade, sobretudo no Brasil, que se constituiu historicamente pelo glotocídio dos povos originários e afrodescendentes.

5.3.2 Produções musicais em Mëbêngôkre

O objetivo desse tópico é analisar como as produções musicais Kayapó, a partir dos diversos cantores, têm fortalecido as suas línguas ancestrais por meio da música. Apresento

nesta seção agências linguísticas através das produções de compositores Kayapó para o fortalecimento da língua Mëbêngôkre. Esses autores têm embalado as festas, cerimônias e encontros Kayapó, sobretudo nas redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp).

Essa temática profícua volta-se para a desconstrução e superação de antigas dissensões entre as múltiplas linguagens ligadas aos saberes tradicionais e ao conhecimento hegemônico-universal. Durante anos o conhecimento hegemônico-universal silenciou e objetificou as ações dos povos originários e dos diferentes sujeitos (não-humanos), colocando-os nos papéis temáticos de objeto ou pacientes da ação do homem ocidental.

A primeira vez que ouvi uma composição Kayapó foi ainda em São Felix do Xingu, em 2018, na semana dos povos indígenas. Acompanhei a apresentação do Beto Kayapó que animou a noite Xinguense com um forró acelerado cantado na língua Mëbêngôkre, com algumas interrupções em sua fala, durante uma música e outra, para falar em português direcionando-se aos *Kubê* que também assistiam ao show. O Ginásio da Praça do Triângulo estava lotado para prestigiar o hit “Som da tribo” do cantor mais tocado nas mídias Kayapó naquele período. Infelizmente, não fiz registros fotográficos nessa noite, mas encontrei no Youtube a gravação de uma música de Beto Kayapó.

Figura 25 - Beto Kayapó – “Som da tribo” ao vivo em São Felix do Xingu-PA



Fonte: Bepkàmoroti kaiapo, aldeia Moidjam (Youtube, 2018)

Na Rádio Tribos do Norte, no Facebook, é possível acompanhar algumas músicas desse autor. No mesmo gênero musical (forró), Bepdjyre Mekragnotire, outro cantor Kayapó, também embalava os hits musicais das festas da TI Baú para as demais TIs e municípios, os registros desse autor permanecem em gravações mp3 e na memória de muitos fãs.

No artigo “Kaya-Pop: O admirável mundo novo da música indígena no Brasil”, postado no blog pessoal de Glenn H. Shepard (2013), o pesquisador, em uma espécie de diário de campo (virtual), descreve suas observações sobre o festival do Dia Nacional do índio no Brasil, na aldeia Turedjam, citando uma música do cantor Bepdjyre Mekragnotire:

Uma das canções mais populares de Bepdjyre, tocada constantemente em Turedjam nas semanas seguintes ao show, é “Garçom traga-me outro refrigerante” (*Pidjo kangô nhorô ondjwya amry ja on dja*), pegando emprestado um refrão comum das canções brasileiras de bebida, mas adaptando-o a proibição total de bebidas alcoólicas dos Kayapó em muitas aldeias (SHEPARD, 2013).

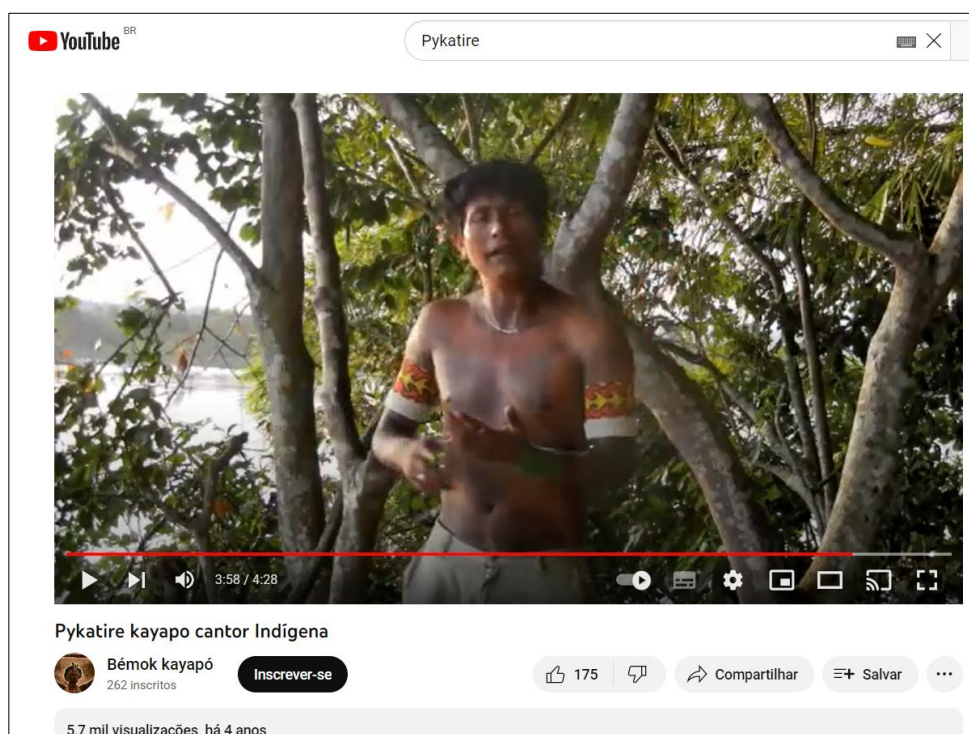
Nesta menção de Shepard (2013) à canção *Pidjo kangô nhorô ondjwya amry ja on dja* (Garçom traga-me outro refrigerante), de Bepdjyre, o autor indica que o cantor Kayapó “faz um empréstimo de um refrão comum das canções brasileiras de bebida” e a adapta ao contexto Kayapó devido à proibição de bebida alcoólica nas aldeias. Podemos também observar a conceituação das palavras “refrigerante” e “garçom”, nas quais identifico a criação de dois neologismos, como destaque no exemplo (65) abaixo.

- (65) a. pidjo kangô
 pidjo kangô
 fruta caldo
 “refrigerante”
 (lit. ‘caldo de fruta’)
- b. pidjo kangô nhorô ondjwya
 pidjo kangô nhorô ondjwya
 fruta caldo vende NLZ
 “garçom”
 (lit. ‘aquele que vende/serve o caldo de fruta’)

Como se pode observar nos exemplos acima, não há a substituição de termos Mëbêngôkre por empréstimos do português. Assim, temos a criação de um novo termo a partir elementos da própria língua Mëbêngôkre, como descrevemos na seção 4. Como já discutido neste trabalho, esse processo de criação de novos lexemas para referir conceitos

Como podemos ver no próprio convite do evento, Bepdjyre é apresentado como a estrela da noite para fazer o grande show. Ainda no artigo, Shepard (op. cit) faz menção a outros compositores, como: Mukuká Kayapó, Tewakrã Kayapó e Pykatire Kayapó²⁶. As músicas do cantor Pykatire Kayapó assemelham-se ao gênero pop romântico, as letras são na língua Mëbêngôkre. Em suas narrativas e interpretações privilegiam-se narrativas, mitos, elementos da fauna e da flora das florestas Kayapó, além de relatos orais de ancestrais e os sentimentos do autor. Pykatire tem algumas entrevistas disponíveis no Youtube, em que canta alguns trechos de suas composições, (Figura 27):

Figura 27 - Pykatire kayapó cantor Indígena



Fonte: Bémok kayapó (Vídeo Youtube)

Glenn H. Shepard (2013) destacou os cantores como “artistas pop emergentes Kayapó”, cujas “gravações ao vivo e em estúdio circulam viralmente por vilarejos e cidades brasileiras em CDs, celulares, pen drives, cartões SD e MP3 players portáteis”. De 2013 a 2017 essas composições não estavam presentes nas grandes mídias, mas circulavam nas aldeias, inicialmente em CDs, pen drives e, depois no WhatsApp. Foi assim que recebi algumas

²⁶ Pykatire Kayapó morava na TI Las Casas, e na ocasião havia postado um vídeo no YouTube de uma performance acústica em um cenário natural.

músicas desses compositores. As composições de Bepdjyre e Tewakrã estão registradas na memória, nas playlists e nos cartazes dos eventos.

Acerca das divulgações desses cantores nos cards de eventos, essa é uma forma de lhes dar visibilidade e chamar atenção do público, escrevo isso me lembrando do cartaz do Encontro Anual da Rede Xingu+ (2022) (Figura 28), no qual os músicos da noite do dia 13 de maio de 2022 foram da banda Forró NB, o grupo mais tocado atualmente nas aldeias e eventos Kayapó.

Figura 28 - Programação da Rede Xingu+ (2022)

Dia	Manhã	Tarde	Noite
09/05	Chegada das delegações	Chegada das delegações	Chegada das delegações
10/05	Recepção Povo Kisêdjê Apresentação das comitivas	Governança interna da Rede Xingu+: → Apresentação Conselho político → Regimento interno → Projetos / atividades → Prestação de contas	Apresentação cultural / filmes
11/05	Ameaças: → Desmatamento na bacia → Garimpo → Madeira → Agrotóxico	Obras de Infra-Estrutura: → Br 163 → Ferrogrão → MT 242 Ameaças legislativas Eleições	Apresentação cultural / filmes
12/05	Economia da Floresta: → Origens Brasil: atualização e gargalos das iniciativas com parceiros locais → Onde podemos avançar?	Carbono: → Avaliação da COP → Apresentação de projetos → REM e Povo Surui → Avaliação geral	Molitará /apresentação cultural
13/05	→ Rede de Comunicadores Indígenas e Ribeirinhos da Rede Xingu+ → Mulheres do Xingu	→ Encerramento	<u>Forró NB</u>
14/05	Saída das delegações	Saída das delegações	

09 a 14 de Maio 2022
Local: TI Wawi, MT

Fonte: Bepitock (2022) (Via WhatsApp)

É importante avultar a preferência dos Kayapó por músicos de seu próprio povo e a preferência por composições na língua Mëbêngôkre, não quer dizer que eles não escutem outros autores, pois ouvem. Porém nas cerimônias, encontros políticos e festas sempre

prevalecem os cantores Kayapó. Temos assim, outro exemplo de agência linguística contido na primazia de autores e compositores falantes Mëbêngôkre nos eventos Kayapó. Com essa política, todos da aldeia (crianças, jovens, mulheres e anciões) entendem as letras e podem cantá-las.

Cada letra tem as suas singularidades, muitas delas retratam o cotidiano das aldeias e fazem sentido ao público. No Caso da composição *Arym kam boj*, a música mais tocada da banda Forró NB, sua produção foi pensada considerando musicalidade, repetição e ritmo. A tradução da letra foi enviada pelo vocalista da banda Bepitock Kayapó, a quem agradeço pelo compartilhamento:

Forró NB Arym kam boj

Jakam djá mekuni kam to (4x)

Mykam néga ipumui odjâ

Amren iwyrý aprõn

Gume kot ayangrô dja

Me ngrere ja ne mramri mej

Dja 'ã ko iry né 'ã aringro (4x)

Forró NB chegou para ficar

E agora todo mundo vai dançar

Não fique aí olhando vem pra cá

e vamos levantar poeira

Essa música é muito boa

Toca a noite inteira

Até o dia clarear

Figura 29 - Videoclipe Forró NB, *Arym kam boj*



Fonte: Forró NB (Vídeo Youtube)

O grupo Forró NB possui mais de 22 músicas gravadas em formato mp3 e as músicas são compartilhadas de forma virtual, mas seu CD está sendo produzido. A banda possui uma produção constante de suas músicas. As letras apresentam um refinamento técnico em suas gravações. O Forró NB, musicalmente, se insere numa tendência rítmica de forró mais contemporâneo. O uso de recursos tecnológicos, vocais afinados e instrumental muito bem conduzido são uma constante neste trabalho musical que faz uso do ritmo do forró com a inserção de letras em Mëbêngôkre.

A banda Forró NB, é formada por quatro componentes, são moradores da aldeia Metyktire, TI Kapot Jarina (MT). Como difusão do single *Arym kam boj*, foi produzido um videoclipe disponível no Youtube. No cenário de produção fazem parte da coreografia alunos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica *Metuktire*, localizada na Zona Rural de Peixoto de Azevedo/MT. Nas cenas gravadas é apresentada a floresta densa da aldeia, as casas, os rios e um pouco do cotidiano da aldeia Metyktire. A equipe de produção do clipe é formada por Bepstock, Nhere, Tabata, Bybytxi, a direção e câmera é realizada por Prai Kayapó e a coordenação é de Simone Giovine (Mingugu).

Essas produções textuais têm contribuído para o processo de fortalecimento e vitalidade da língua, além de demonstrar o que pensam e como agem sobre a língua.

5.3.3 Hino Kayapó

Nesta seção apresentamos um estudo que parte da descrição e análise do Hino Kayapó, escrito por Mokuká Kayapó²⁷, na língua Mëbêngôkre, na aldeia Moikarakô, localizada na TI Kayapó, em São Félix do Xingu, a fim de (des)construir e/ou (re)construir “novos olhares” a partir da realidade heterogênea e cosmoecológica dos Mëbêngôkre Kayapó. Uma produção que tem se transformado em ação, resistência e re-existência através das atitudes linguísticas de seus autores/falantes na contemporaneidade.

Como mencionamos anteriormente, a língua Mëbêngôkre é vista como um arcabouço de novos e velhos conceitos, que ora salvaguarda ora ressignifica diferentes conceitos à língua. Nesse sentido, acredito que uma das formas de entender os universos Kayapó é se debruçar sobre os seus lugares de memória e ação, como: os textos, as narrativas, os grafismos, as músicas, as danças, entre outros, pois elas expressam os bens e demarcam o lugar de fala dos locutores, desvelando sua força, história e cultura.

A partir dessas máximas vemos o texto como “um documento de atuação” que, portanto, é público, assim como a cultura, pois o seu significado o é (Geertz, 1989, p.09). Para melhor compreender isso, retomo ao que já disse Malinowski (1977) sobre as palavras ou léxicos: elas só têm sentido se tomadas no seu contexto, pois estão relacionadas ao seu objeto e aos costumes e ideias correspondentes, uma vez que “o nativo que conhece tudo isso e em cuja mente” surge de todo o contexto, quando ouve ou repete uma expressão, “a palavra vibra com força mágica”. Para entender no que concerne a magia ou a força da palavra, usaremos o Hino Kayapó, pois ele permite uma visão mais aprofundada do valor mágico das palavras e de outros recursos linguísticos quando entoados em certas ocasiões.

²⁷ Mokuká é uma liderança Kayapó, filho de Kupatô e Iakaê (já falecidos). Conforme entrevista realizada por Dias (2012), Mokuká revelou que aos oito anos de idade foi levado por Chico Meireles, funcionário do antigo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), à Belém-PA, para tratar de uma enfermidade. Morou na capital durante três anos, aprendeu a falar o português e estudou em escolas públicas. Nesse período, leu livros infantis, brincou com brinquedos e vivenciou práticas não indígenas. Na entrevista Mokuká revelou que sua experiência na cidade foi enriquecedora, pois hoje é um intérprete entre brancos e indígenas, viajando para vários lugares do mundo, inclusive sendo convidado pelo líder cacique Raoni para acompanhá-lo em suas viagens.

Hino nacional brasileiro na língua Mëbêngôkre

Méikukamãre môro dhá né méikumrénh
 Kám mrýmé kwêimé ák mé tép kuméthi
 Kadhý Mëbêngôkre kuní itýx kumrénh
 Nám mýt apói né bá kurwý méitiré
 Biri mýkám mépriré kadhý
 Gêarêk mébamá mý ý ya yaráá né
 Mýi néga ama, origuménhý, akati mé akamát kunî kôt, mari
 Méba dhu mari méi kám mé kuni kinh tiré
 Báméikám méumari méiné kính kumrénh
 Ménggrére mébayôk méba kumrénh
 Dhudhê mé kruwa mé kuté abén pýrák
 Méba kukrádhá dhwýi kunî itýx
 Rop-í mé náí mé kóp méi kôkangáyá kubê
 Mëbêngôkre kuni nhõ mý ý ya
 Méba nhítýtho prí né bá pytára
 Pýka méitire méba kuni amipumú badhumariméy
 Pýka mébá méitire nó
 Kám mé, amîma, né, utá!

Hino nacional brasileiro na perspectiva Kayapó

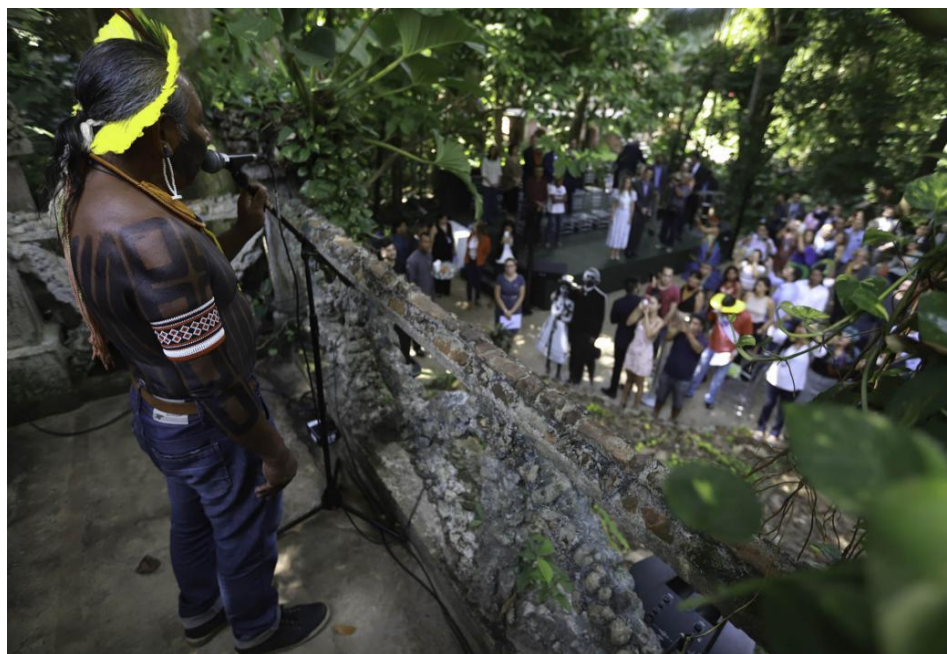
A terra dos nossos antepassados é abundante em caça, pássaros,
 aves e peixes diversos
 Dela provém a força do nosso povo
 O sol nasce iluminando a linda floresta
 Lembremo-nos do dia e da noite e que precisamos preservá-la pelo bem
 das nossas crianças
 Vivemos em paz e somos felizes
 Nossa paz e nossa alegria está em vivermos nesta bela mata
 Preservando nossas músicas, nossas pinturas e enfeites,
 nosso arco e nossa flecha
 Nossas tradições culturais são muito fortes

*Rop'i, nành, kop, kô kangrà*²⁸ pertencem
tradicionalmente ao nosso povo
Com nossa coragem dominamos esta linda região da floresta
Vivemos em harmonia e paz.

O Hino nacional na língua Mëbêngôkre quando cantado, principalmente em eventos políticos, seminários e reuniões, é sempre ovacionado pelos falantes da língua e outros coletivos sociais, além da musicalidade, expressão artística e corporeidade, sua composição representa um ato político e discursivo com a participação ativa de elementos humanos e mais-que-humanos.

A apresentação do Hino Kayapó na inauguração do Conselho Estadual de Política Indigenista do Estado (CONSEPI/PA), em 2019, no Museu Paraense Emílio Goeldi, marcou o encontro de lideranças indígenas com o Governo do Estado do Pará, sendo um momento de destaque e ao mesmo tempo de luta e reivindicações políticas, no início da gestão do atual Governador do Pará, Hélder Barbalho.

Figura 30 - Hino Kayapó cantado por Mokuká na inauguração do CONSEPI/PA



Fonte: Marcos Santos, Ag. Pará (2019)

²⁸ O referido trecho do Hino *Rop'i, nành, kop, kô kangrà* não foi traduzido por Mokuká, mas em conversas com outro locutor Kayapó consegui a seguinte tradução: *Rop'i* 'lança de ossos de onça', *nành* 'lança com qualquer osso', *kop* 'borduna em forma de espada' e *kô kangrà* 'borduna entelhada' (Mydjere Kayapó, 2021).

O Hino Kayapó se mostra como uma tentativa de romper com a continuidade de um passado histórico nacional pautado no modelo ocidental que exclui o reconhecimento das identidades, histórias e autonomia de outros povos através de um viés civilizatório-classificatório. Segundo Moraes-Wichers (2021), essa visão linear ocidental silenciou durante anos uma grande e diversificada população autóctone através de narrativas advindas de um colonialismo histórico e teórico que operou em prol de uma identidade nacional por meio da valorização do modelo de civilização do homem branco, judaico-cristão, cisgênero, heterossexual, euroamericano, urbanizado e burguês.

A composição do Hino, por exemplo, representa processos de reivindicação contra o colonialismo histórico brasileiro, tendo a língua Mëbêngôkre como instrumento comunicativo e de posicionamento étnico. Essa composição Kayapó subjaz ao fenômeno de apropriação e recriação da cultura do ‘outro’ (kubê) a partir de seus próprios conceitos e entendimentos de mundo. Não se trata da criação de contraculturas, mas de reações às inúmeras violências simbólicas pelas quais os povos originários passaram.

Mokuká se apropria de um símbolo que durante anos esteve presente nos atos cívicos e o ressignifica a partir do ponto vista cosmopolítico Kayapó. Portanto, nessa esfera, o Hino é intencionalmente reelaborado através de novos conceitos para velhas práticas, ou melhor dizendo, são conceitos e conhecimentos milenares que só agora têm alcançado espaço, que lhes é de direito, mas que tinham sido negados.

Segundo Bakhtin (Volochínov) (1992, p.17) “os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são modelados por ela”, assim percebemos que todo signo é ideológico e está diretamente ligado às situações sociais e discursivas. Portanto, não existem enunciados ou manifestações da linguagem neutras, elas são produzidas e elaboradas a partir de posicionamentos políticos, estratégicos, identitários e cosmológicos, que buscam legitimar, reformar ou justificar os valores ideológicos de seu grupo.

Não estamos falando de uma cosmopolítica à reversa, mas no reconhecimento da diversidade biosociocultural e linguística de populações heterogêneas, enraizadas em entendimentos de mundo múltiplos e de patrimônio cultural. São saberes munidos de historicidades, construídos a partir de trajetórias e interações em tempos históricos diversos, mas que, atualmente, tem se posicionado em prol de reconhecimento, valorização, manutenção e preservação de seus patrimônios históricos e territórios habitados (FUNARI, 2008).

A resignificação do Hino Nacional Brasileiro criada por Mokuká contextualiza a visão de mundo dos Kayapó e suas relações cosmoecológicas e políticas, ou seja, estabelece uma biografia cultural a partir de seu ponto de vista. Distanciando-se do texto original: “*ouviram do Ipiranga as margens plácidas*”, em alusão ao grito de independência do Brasil, Mokuká recondiciona o Hino e expande o material discursivo à valorização da ancestralidade dos povos originários, como no trecho: “a terra dos nossos antepassados é abundante em caça, pássaros, aves e peixes diversos”.

A memória do passado reitera a relação dos Kayapó com as entidades sencientes, pois como o texto nos diz: é da “Mãe Terra” que provém a força de seu povo. A terra aparece como uma das divindades da cultura Kayapó, assim como também é para outros povos amefricanos. Na narrativa, a “Mãe Terra” representa luta, força e resistência, fundamentada no alicerce do bem estar e no equilíbrio entre as multiespécies.

Em alusão à designação Mëbêngôkre, povo da nascente da água, os elementos naturais, tais como: o sol e a floresta, são apresentados como sinônimos de felicidade, bem viver e equilíbrio do grupo, sem esquecer o alerta de preservação da natureza para o bem das crianças, como no trecho: “Lembremo-nos do dia e da noite e que precisamos preservá-la pelo bem das nossas crianças”.

Conforme o autor descreve na letra do Hino: “a alegria de seu povo está em viver na mata bela”. Isso nos lembra que não é por acaso que grande parte das áreas de mata e florestas ainda existentes no Brasil estão dentro de reservas ambientais/extratvistas, territórios e áreas indígenas, sendo motivo de luta para os povos da floresta diante de políticas negacionistas e contrárias à preservação ambiental.

Além do espaço da floresta, a aldeia e a Terra Indígena são vistas como “estado nação”, demonstrando a inter-relação entre pessoas e o ambiente físico. O patrimônio material e imaterial Kayapó é destacado em: “nossas músicas, nossas pinturas e enfeites, nosso arco e nossa flecha, nossas tradições culturais são muito fortes, *Rop'i, nành, kop, kô kangrà*: *Rop'i* ‘lança de ossos de onça’, *nành* ‘lança com qualquer osso’, *kop* ‘borduna em forma de espada’ e *kô kangrà* ‘borduna entelhada’ (Mydjere Kayapó, 2021). Como destaca Mokuká, esses artefatos pertencem tradicionalmente ao seu povo, fazem parte da sua identidade e história. Tal ideia se opõe aos debates em torno da “passividade” do “bom selvagem” e ilustra os papéis desempenhados pelos indígenas, bem como suas estratégias de sobrevivência, resistência e agência.

O trecho “com nossa coragem dominamos esta linda região da floresta” mostra o que os Kayapó pensam e fazem pela sua terra, língua e cultura. Apesar das teias que permeiam as relações interacionais com os *kubẽ* (não indígenas) eles têm conseguido manter viva sua cultura e entendimento de mundo não só nas produções textuais, como também no processo de criação de neologismos. Essa postura é muito bem desvelada nos símbolos identitários representados: na faixa raspada no centro da cabeça das mulheres e crianças; o *Me à yry* - trabalhos artesanais; os trançados; arte gráfica, *me ôk* - pintura corporal; o *me à kà* - cocar de penas para adornar as cabeças dos *benjadwýr* - caciques ou dos *memy* - homens escolhidos; o trabalho com *angà yry* - miçanga (colares, pulseiras e brincos), com toda a sua combinação de cores elaboradas pelas *menire* - mulheres, entre outros *nêkrêj*.

Esse conjunto constitui representações simbólicas utilizadas em rituais, eventos e no cotidiano. A personificação corporal e linguística demarca o lugar de fala, a força, ancestralidade e a história dos Kayapó. Heranças descortinadas pela linguagem, gestos, olhares, expressões faciais e todos os recursos extralinguísticos e linguísticos que demarcam o encontro e a fronteira com os *kubẽ*.

De acordo com Diego Madi Dias (2012, p. 81), em seus trabalhos sobre a contemporaneidade indígena, Mokuká Kayapó, como liderança indígena, executa a “tarefa de fazer e desfazer margens, criar mundos relacionais, conhecer, tornar-se outro(s)”. Nesse contexto, a língua Mëbêngôkre exerce uma função social articulada nas atitudes da comunidade linguística de demarcar e compartilhar com os “outros” o seu entendimento de mundo e de luta. Daí a importância de expandir esses olhares para o mundo, como uma forma de conhecer, entender e valorizar a história indígena e indigenista da Amazônia/Brasil oriunda de um processo anterior à chegada dos europeus ao Brasil ou na chamada ilha de Vera Cruz.

Nesse sentido, cada narrativa, produção textual, músicas e materiais bilíngues, como as Cartilhas *Me Banhõ Pi'ók*, possuem episteme de fala, pois são produzidas por agentes da linguagem e protagonistas da própria história. O Hino escrito e cantado na língua Mëbêngôkre (Kayapó) desvela-se como uma agência cosmopolítica que faz uso da língua indígena como instrumento desse posicionamento étnico. Com base nas ideias de Sahlins (1981) as produções sociais (intencionais ou não) podem se tornar transformação social. No passado, as produções musicais, os bens materiais (artefatos) e os léxicos, poderiam ter várias outras funções, mas hoje no contexto das ações indígenas, esses fazeres também se tornaram símbolos de luta.

Essa expressividade levanta uma questão já trabalhada por Tambiah (1985), no qual “a proporção de palavras para ações pode variar entre rituais na mesma sociedade (ou entre sociedades)”. O Hino, por exemplo, é cantado nos eventos públicos, portanto não ocorre com frases soltas ou isoladas, mas em um conjunto de ações que cercam a sua composição, como mão no peito, postura erguida e seriedade.

Sobre o contexto das palavras em um ritual público, Tambiah (1985, p.19-20) destaca: “um ritual de cura ou um rito de iniciação pode enfatizar palavras enquanto um rito coletivo em que há participação em massa pode confiar menos na comunicação auditiva e mais na exibição de símbolos materiais visíveis”. Nesse contexto, o Hino não é apenas um ato comunicativo na transmissão de informação, mas um símbolo coletivo e de luta, seguido de múltiplas expressões linguísticas e extralinguísticas.

Cada narrativa e produção textual possui histórias e memórias, pois são produzidas por agentes da linguagem e protagonistas da própria história. O Hino desvela-se como uma agência cosmopolítica que faz uso da língua indígena como instrumento desse posicionamento. Portanto, o hino revela força da língua, que apesar dos anos de contato têm conseguido sobreviver ao colonialismo linguístico pelo modo em que os falantes nativos ajustam os novos conceitos a sua língua, de acordo com seus próprios referenciais.

A esse respeito lembro da segunda ocasião em que encontrei Mokuká Kayapó na cidade de São Félix do Xingu, no dia 08 de dezembro de 2018, enquanto trabalhava em frente ao salão da Igreja Nossa Senhora das Mercês. Naquele dia ocorreu a cerimônia de outorga de grau de dezesseis Kayapó que se formaram no curso de Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade do Estado do Pará (Uepa). Entre uma espiada e outra, nos intervalos das aulas na UNIFESSPA, vi Mokuká Kayapó iniciar a cerimônia cantando o Hino Kayapó.

Figura 31 - ‘Aqui já estou na sala de formatura’ (Mokuká Kayapó)



Fonte: Mokuká Kayapó - via Facebook (2018)

Essa celebração foi um marco histórico para os Mëbêngôkre (Kayapó), pois os professores formandos puderam a partir daí atuar tanto nas escolas das aldeias como nas escolas da cidade. Foram esses mesmos professores que participaram do processo de cooficialização da língua Mëbêngôkre no município, sendo sempre engajados na luta de seu povo. Ainda sobre a cerimônia de formatura gostaria de destacar uma foto que dialoga diretamente com o que estamos discutindo nesta dissertação: “o processo de formação de novas categorias conceituais em Mëbêngôkre (Kayapó)”.

Figura 32 - Capelo de *meakà* na outorga de grau



Fonte: Ascom (2018) - <https://agenciapara.com.br/noticia/5/>

Podemos observar no campo da cultura material a apropriação e ressignificação do Capelo da beca de formatura. O capelo, termo etimologicamente de origem italiana *capello* que significa chapéu e que representa um poder temporal em alusão a coroa real, é ressignificado pelos formandos Kayapó a partir de seus próprios universos cosmológicos, à medida em que acrescentam no seu topo um *meakà* (cocar de penas). Temos então, o encontro de dois elementos simbólicos, um concentrado na cultura ocidental e o outro na cosmologia Kayapó, ambos estão atuando para personificar o ser Mëbêngôkre naquele momento.

A figura 32, é uma das formas de ilustrar como os kayapó têm incorporado novos conceitos à sua cultura, e conseqüentemente à sua língua, a partir de seus próprios universos epistemológicos adaptados às mais variadas situações contextuais. Trata-se de agências e ações indígenas que constantemente modificam certos conceitos através de seus próprios comportamentos culturais.

Para o povo Mëbêngôkre-Kayapó, o *meakà* ou o cocar de penas é um artefato de ritual, usado em cerimônias específicas, feito à mão pelos guerreiros das aldeias, com penas de diferentes pássaros, como: araras, papagaios, mutuns e rei-congos. Pode ser feito nas cores verde, amarelo, azul ou vermelho, conforme as cores escolhidas por quem o confeccionou, mantendo, assim, uma relação direta com a fauna e a flora local. São os homens que caçam os pássaros na floresta, arrancando-lhes as penas e preparando-as para serem fixadas lado a

lado com linhas de algodão cru, dando forma, simetria e beleza, segundo Amanda Scarparo (2016).

O *meakà* possui uma narrativa cosmológica sobre a sua origem, ele é um troféu de guerra conquistado depois que dois guerreiros mataram *Àkti*, um grande gavião, que se alimentava de crianças e velhos indefesos. Assim, não é qualquer um que pode portar na cabeça um cocar, é preciso que seja transmitido pelos mais velhos durante as cerimônias de nomeação (SCARPARO, 2016).

O uso do cocar até pouco tempo era restrito aos rituais, porém, atualmente se tornou símbolo de luta, representação identitária e política dos Kayapó. Para destacar essa representação retornaremos ao dia da cerimônia de formatura do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Naquele dia, Mokuká Kayapó usou suas redes sociais (Facebook) para mostrar como estava sendo a sua preparação para o evento, com atenção para o uso dos símbolos identitários Kayapó: cocar, brincos e braçadeiras. Além disso, o cantor e compositor aproveitou para anunciar que cantaria o Hino Nacional Brasileiro na língua Mëbêngôkre (Kayapó), (Figura 33):

Figura 33 - ‘Tô me preparando para cantar o Hino Kayapó’



Fonte: Mokuká Kayapó – via Facebook (2018, online)

Como se vê o *meakà*, o brinco, as braçadeiras, o colar, o grafismo, o Hino Kayapó, assim como o léxico, como vimos na seção 4, são bens materiais e imateriais do povo Mëbêngôkre (Kayapó). Eles possuem simbologias próprias e não são apenas artefatos, produções textuais ou composições morfológicas, são símbolos, discursos, cultura e lutas que fazem parte do universo cosmológico Kayapó. Na interseção desses símbolos e lutas, temos os conceitos de cosmopolítica e agência linguística.

6. Conclusão

Como vimos nesta dissertação, a língua Mëbêngôkre é um dos mais importantes símbolos da identidade indígena Kayapó. Ela representa seus sentimentos, bens simbólicos, tradições e cosmovisões, além de também traduzir a maneira como os seus falantes se relacionam com seu semelhante e com o ambiente físico.

Ao longo dos anos, os Kayapó estão em contato direto com a língua portuguesa, contudo permanece em sua organização linguística a recorrência dos homens serem bilíngues (português-Mëbêngôkre), podendo falar outras línguas indígenas, e as mulheres, em sua maioria, falarem apenas em Mëbêngôkre, apesar de entenderem e falarem algumas palavras do português. Algumas *nire* (mulheres) são falantes bilíngues ocupando posições de liderança e exercendo certas funções nas aldeias ou nas cidades.

Um aspecto importante a ser considerado nessa questão é que apesar da influência da língua portuguesa como língua dominante dos meios de comunicações oficiais e das instituições públicas, podemos elencar alguns fatores que desvelam as atitudes linguísticas e a vitalidade da língua Mëbêngôkre:

- A transmissão da língua Mëbêngôkre para as crianças;
- Utilização da língua como meio de comunicação nas aldeias;
- Preferência pela formação de neologismos formais para nomear novos objetos;
- Utilização da língua em diferentes produções discursivas (músicas, mitos, narrativas, cartilhas, cartazes, entre outras);
- Utilização da língua Mëbêngôkre no ciberespaço;
- Cooficialização da língua Mëbêngôkre em São Felix do Xingu/PA.

As ações mencionadas ocorrem pela dinâmica dos falantes Kayapó. A língua acompanha as mudanças socioculturais e articulações de seus falantes, de modo que as palavras e os textos têm registrado os diferentes momentos de contato e as possíveis dispersões geográficas e representações discursivas dos Kayapó no ambiente digital.

Sobre o estudo no ambiente digital, vimos que apesar da etnografia lexical ter sido uma abordagem alternativa nesta dissertação, em função da pandemia, ela se tornou uma ferramenta importante de pesquisa. Essa modalidade de estudo permitiu estudar não só os

léxicos da língua, mas as narrativas, as ações políticas e as interações sociais de nossos interlocutores. As tecnologias de comunicação mediadas pelos Kayapó conectam o local a processos globais de transformação, como as interações no Facebook e as publicações dos movimentos indígenas, como vimos na seção 5. Como foi mencionado, as agências linguísticas não ocorrem apenas no léxico da língua, mas em uma série de ações internas e externas à língua amparadas no modo de ser Kayapó.

Acerca do léxico, vimos na seção 4, que o processo de nomeação reflete os sistemas de classificação dos interlocutores Kayapó para designar um novo objeto. Esse processo é resultado da discriminação de traços distintivos entre os referentes analisados e a cognição humana através de estímulos do meio ambiente.

Maria Tereza Camargo Biderman (1998, p.81), no artigo “Dimensões da palavra”, referiu-se a palavra como uma “pedra de toque da linguagem humana”, aquela cujos princípios podem ser analisados sob vários ângulos. Assim, nesta dissertação partimos da análise da criação de neologismos na língua Mëbêngôkre demonstrando que esses processos de formação ocorrem como resultado ou reação Kayapó ao intercâmbio com os *kubê*. Vimos, na seção 4, que os Kayapó são receptíveis à entrada de novos objetos, prevalece a criação de neologismos formais para nomear um novo referente e, conseqüentemente, uma nova entrada no léxico da língua.

Nos neologismos apresentados vemos que a formação das palavras respeita a gramática da língua Mëbêngôkre. Todos os exemplos de neologismos apresentados utilizam palavras já existentes para formar novos lexemas, a partir da aplicação de processos regulares de formação de palavras na língua Mëbêngôkre (composição, derivação, incorporação nominal). Usam formas já existentes como partes desses processos, mas o resultado das novas formações é distinto dos significados individuais.

A reação linguística neológica que favorece a criação de novos lexemas está alicerçada na criatividade lexical Kayapó e é também um sinal de que o povo está consciente dos efeitos do contato linguístico, e que têm uma ideologia sobre a sua língua. A criação de novas palavras para nomear os conceitos e objetos introduzidos perpassa por intencionalidades que envolvem certos controles de comportamento e afetam outras entidades. O que queremos dizer é que a atitude de criação de neologismos a partir de léxicos existentes na própria língua para nomear um novo objeto subjaz a um mecanismo interno da língua como uma espécie de ideologia linguística, atitude linguística/agência linguística.

Existe um grande número de falantes Kayapó, sendo o Mëbêngôkre a terceira língua Jê mais falada do Brasil, e a primeira língua indígena a ser cooficializada no estado do Pará. Essas perspectivas diferenciam-se da história da maioria das línguas indígenas no Brasil que tiveram como resultado do contato, pelo glotocídio vivido, a perda ou a substituição da língua indígena pelo português.

Do ponto de vista das pesquisas etnográficas e etnobotânicas, os Kayapó foram constantemente mencionados por seus processos de recepção, ressignificação e comercialização de cultura material. Isso se deve aos seus constantes trânsitos entre as aldeias e a cidade e a forma como não só as lideranças, mas os diferentes sujeitos reagem ao processo de interação com os *kubê* ou com outros povos indígenas. Destarte, os eventos linguísticos aqui tratados não são vistos como fenômenos recentes, embora impulsionados pelos movimentos indigenistas da Constituição de 1988, eles ocorrem há anos nesta língua, sob uma perspectiva de longa duração.

A respeito da dimensão das palavras, Biderman (1998, p.90) ressalta: “devido à natureza dinâmica do processo subjacente, os referentes das palavras podem mudar muito, os significados podem expandir-se e as categorias estão sempre abertas a mudanças”. Assim, as línguas naturais, como o Mëbêngôkre, através de seus falantes, acompanham os processos de globalização e a era digital, criando e inserindo novas palavras na língua e produzindo diferentes gêneros discursivos, conforme as suas necessidades comunicativas. Ainda segundo Biderman (1998, p.91), “o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Assim, através do processo de formação de novos lexemas, a todo o momento, novos conhecimentos são compartilhados e apreendidos devido às trocas linguísticas e culturais entre os Kayapó.

As atitudes linguísticas, tanto na participação dos eventos de mobilização indígena quanto na musicalidade (ver seção 5), desvelam o papel da linguagem nos processos de agência linguística e epistemologia indígena na história do Brasil. São exemplos da língua culturalmente organizada e em uso em diferentes produções e espaços.

Considerando, então, as diásporas sociais, a linguagem se desvela numa ferramenta interacional dos sujeitos com o mundo, marcando as representações e os seus lugares de fala. No contexto atual não só a língua, mas todas as manifestações Kayapó, têm sido elementos fundamentais para o fortalecimento identitário e linguístico e também para demarcação e permanência territorial.

Apesar do glotocídio vivido pelos povos originários no Brasil, esses povos não assistiram ou ficaram estáticos ao processo de colonização europeu. Diferentes atitudes linguísticas foram e ainda são tomadas para a manutenção e sobrevivência das suas línguas e culturas. Podemos citar como exemplos as músicas Kayapó, a cooficialização da língua, a forte tendência pela criação de neologismos usando termos da própria língua e o uso da língua em espaços virtuais (ciberespaço).

O modo como alguns locutores Kayapó têm usado as plataformas sociais para suas interações e manifestações discursivas torna os espaços virtuais, como o Facebook, lugares de lutas, agências e resistências, além de também permitir ao leitor atento perceber outras vozes e sujeitos nos discursos. Essa abordagem “parte da produção de novos espaços sociais e de novas experiências subjetivas” que derivam da existência de um ciberespaço social (RAMOS; FREITAS, 2018, p.02). Um campo rico de possibilidades analíticas por ser composto de múltiplos e diversos espaços de onde emergem polifonias. Porém uma análise mais detalhada deste processo está além do escopo do presente trabalho.

O caráter interacional da linguagem e da constante auto-organização cultural e linguística garante a existência e resistência dos povos originários no encaminhamento das políticas culturais dos indígenas e para os indígenas em conformação a cada momento de sua existência (CARNEIRO DA CUNHA; CESARINO, 2014). Como tal, os textos e as palavras têm sido registros históricos das mudanças e adaptações de um povo, como os Kayapó. Neste contexto, os Kayapó têm acompanhado as profundas mudanças, fenômenos geopolíticos e a reorganização sociais. Eles têm tornado suas participações em eventos sociopolíticos, as publicações nas redes sociais, as músicas na sua língua, os neologismos, em modos de manifestações, resistências e lutas contra as mazelas da colonialidade, sobretudo no Brasil.

Ressalto que tanto as produções musicais, as narrativas e as palavras são formas de registrar e contar as interações do povo Kayapó com os outros e até mesmo com os mais-humanos. A agência é realizada intencionalmente, de maneira individual e coletiva, mediada pelas relações socioculturais e contextuais. Nesse contexto, os exemplos de agência linguística aqui citados desvelam o papel da linguagem como episteme de fala e ato cosmolinguístico Kayapó. Povo que vem se adaptando às mais variadas adversidades, usando diferentes ferramentas de interação para a comunicação e manutenção de seus repertórios socioculturais e linguísticos.

Acredito que todas essas manifestações não somente contam as histórias, mas revelam diferentes trajetórias de luta e sobrevivência. Por isso, reitero a urgência da sociedade conhecer, entender e respeitar o que os povos originários têm a nos dizer, pois suas narrativas e formas de conceituação são resultado de anos da interação entre esses povos.

7. Referências

AHEARN, Laura M. Linguagem e agência. *Revista anual de antropologia*, p. 109-137, 2001.

DE ALMEIDA, Maria Regina Celestino. O lugar dos índios na história: dos bastidores ao palco. In: ALMEIDA, M.R.C. de (org). *Os Índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010.

_____. Os índios na História: avanços e desafios das abordagens interdisciplinares - a contribuição de John Monteiro. *História Social*, Campinas: IFCH/Unicamp, n.25, p. 19-42, 2013.

ALVES, Ieda Maria. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. São Paulo: Alfa, n.28, p. 119-126, 1984.

_____. *A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico*. São Paulo: Alfa, n.50, 2006.

AMARAL, Luiz. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 3, p. 01-44, 2020.

ASHER, R. E; SIMPSON, J. M. Y. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Volume 6. ASHER, R. E; SIMPSON, J. M. Y. Publisher: Oxford; New York: Pergamon Press, 1994.

AZEVEDO, João Lúcio de. *Os Jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Belém: Secult, 1999.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 6ª ed. Tradução por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M.; ISQUERDO, A. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

_____. Dimensões Da Palavra. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.

BORGES, Marília de Nazaré de Oliveira. F. *Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, [s.n.], 1995.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008. Tradução Leila Souza Mendes.

CABRAL, Rafael Ribeiro. Corpografias Mëbêngôkré – Identidade e processo criativo no corpo artístico-etno-pesquisador. *Anais Eletrônico* – Associação brasileira de pesquisa e

pós-graduação em artes cênicas, ABRACE. v. 18, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.publilionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1023/0>. Acesso em: 02 de mar. de 2018.

CAMARGO, Nayara da Silva. *Tapayuna (Jê): aspectos morfossintáticos, históricos e sociolinguísticos*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. – Campinas, SP: [s.n.], 2015.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, FAPESP, 1992.

_____; CESARINO, Pedro de Niemeyer. (ORGS.). *Políticas culturais e povos indígenas*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.

CARNEIRO DOS SANTOS, Marcelo. *A dança no Panojé do ritual da madioca (Kuwyrykango) entre os Kayapó-Ngômejti*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília – UNB. Brasília, 2019.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CASTRO-ALVES, Flávia de. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

CHALHOUB, Sidney. Introdução: Zedig e a história. In: CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

COSTA, Izaira de Oliveira; BRANDÃO, Ana Paula Barros. Neologismo em Paresi - Haliti. Macapá: *Revista Brasileira de Línguas Indígenas*, v. 2, n. 2, p. 64-77, jul./dez., 2019.

COUTO, Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

DE LA CADENA, M. Cosmopolítica indígena nos Andes: Reflexões conceituais para além da “política”. *Maloca: Revista de Estudos Indígenas*, v. 2, 2019. <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/article/view/13404>.

DIAS, Camila Loureiro. Os índios, a Amazônia e os conceitos de escravidão e liberdade. *Estudos Avançados*, v. 33 (97), 2019.

DIAS, Diego Madi. Mokuka: a antropologia de um Kayapó. In: GONCALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vania Z (Org.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro, Ed. Viveiros de Castro, 2012.

DIOCESE DE SANTÍSSIMA CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA. *Cem anos da Diocese em Missão*. Diálogo, anúncio, serviço e testemunho de comunhão. Prefeitura de Conceição do Araguaia, 2008.

DORAIS, Louis-Jacques. L'acculturation lexicale chez les Esquimaux du Labrador. In: *Langages*, 5^e année, n 18, 1970.

DOURADO, L. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2001.

DURANTI, Alessandro. Agency in Language. In: DURANTI, A. *A companion to linguistic anthropology*. Malden, MA: Blackwell Pub, 2004.

_____. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

EHRENREICH, P. Die Sprache der Cayapó (Goyaz), *Zeitschrift für Ethnologie* XXVI. Berlin, 1894.

EPPS, Patience; SALANOVA; Andrés P. A linguística amazônica hoje. *Liames*, n. 12, p. 7-37, 2012.

FEITOSA, Ana Carla Rodrigues. *Marcadores ideológicos na toponímia do Sudeste do Pará: estudos de hagioponímia*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2021.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *Aurora*. São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set.2019.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Cidades do Pará: origem e significado de seus nomes*. Editora Buriti. Belém: 2003.

FERREIRA-SILVA, Marília de Nazaré. Construções nominais classificatórias em Parkatêje Nominal constructions classifiers in Parkatêje. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 9-22, 2011. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1136>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

FIALHO, Maria Helena Sousa da Silva. Considerações sobre neologismos em Karajá. In: Rodrigues, Aryon D. & Ana S. A. C. Cabral (org.). *Línguas indígenas Brasileiras: Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de trabalho sobre línguas indígenas da ANPOLL. Belém: EDUFPA, 2002.

FRANCHETTO, Bruna. *Educação, Cultura e Linguagens nas Amazôniaas*. I Simpósio do Projeto CAPES/FAPEAP/UNIFAP: “Sociedade, Educação e Culturas nas Amazôniaas. (Conferência on-line), Universidade Federal do Amapá. Publicado em: 23 de março de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tsXi7ZHd2Fw&ab_channel=PPGLETUNIFAP.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A demarcação das línguas indígenas no Brasil. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; CESARINO, Pedro de Niemeyer. (ORGS.). *Políticas culturais e povos indígenas*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo. *O papel estratégico da Arqueologia na delimitação de terras indígenas e quilombolas*. VII Encontro Nacional de Estudos Estratégicos, patrocinado pela Presidência da República, em Brasília, nov/2007. 3. Brasília: E-Premissas, 2008.

FUZA, Ângela Francine; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José. Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15401>. Acesso em: 19 de jan. de 2021.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. Vol. I. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam, Philadelphia. 2001.

GLOTTOLOG. *Spoken LI Language: Kayapó*. Disponível em: <https://glottolog.org/resource/languoid/id/kaya1330>. Acesso em: 10 de ago. de 2021.

GOMES, Edson de Freitas. *Aspectos morfossintáticos em Mëbêngôkre: transitividade e marcação de argumentos*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2021.

GORDON, Cesar. *Economia Selvagem. Ritual e mercadoria ente os índios Xicrin-Mebêngôkre*. Rio de Janeiro, Editora UNESP/ISA, NUTI, 2006.

GOW, Peter. Da etnografia à História: “Introdução” e “Conclusão” de Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazônia. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 197-226, 2006.

IPOL, Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística. *A Década Internacional das Línguas Indígenas no Brasil*. Publicado em: 04 de out. de 2021. Disponível em: <http://ipol.org.br/a-decada-internacional-das-linguas-indigenas-no-brasil/>.

JEFFERSON, Kathleen. *Gramática Pedagógica Kayapó* (3 Vols.). Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1980.

KABU, Instituto. Disponível em: <https://www.kabu.org.br/>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

KAYAPÓ, Bep Punu. *Be jakam bet djá gu me arym ba arym kaben o ba bit noro ket: se nós escrevermos a nossa língua a gente não esquece*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Marabá, 2019.

KAYAPÓ, Bepbjere. [06/2022]. Entrevistadora: Michelly Silva Machado. Belém, 2022. arquivo mp3 (05 min) via WhatsApp.

KAYAPÓ, Bepgogoti. [07/2022]. Entrevistadora: Michelly Silva Machado. Belém, 2022. arquivo mp3 - via WhatsApp.

KAYAPÓ, Mokuká. *Etnias Kayapó*. FUNAI, Museu do índio. Disponível em: http://prodocult.museudoindio.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=103&Itemid=262. Acesso em: 12 de jul. de 2020.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

LEA, Vanessa. *Riquezas Partíveis de Pessoas Intangíveis*. São Paulo: Edusp, 2012.

LEACH, Edmund. Ritualization in man in relation to conceptual and social development. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, series B, vol. 251, no. 722: 403-408, 1966.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. In: RAMOS, J. de S., FREITAS, E. T. Dossiê temático: Etnografia digital. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, 1(42), 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41882>. Acesso em: 05 de jun. de 2021.

LÉVI-STRAUSS. *Mythologiques*, 4 vols. Paris: Plon, 1964.

Língua Kayapó (Mëbêngôkré) - Fascinante língua indígena brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n5llaKBnQY&ab_channel=MOPCLingu%C3%ADstica>. Acesso em: 19 de abril de 2021.

LÓPEZ-GARCÉS, Claudia Leonor; GONZÁLEZ-PÉREZ, Sol Elizabeth SILVA, Juliano Almeida da; ARAÚJO, Marluce Oliveira de; COELHO FERREIRA, Márlia. Objetos indígenas para o mercado: produção, intercâmbio, comércio e suas transformações. Experiências Ka'apor e Mebêngôkre-Kayapó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, n. 3, p. 659-680 set./dez. 2015.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 Letras, 2003.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/LACED/Museu Nacional, 2006.

MACHADO, Juliana Salles. Arqueologia e história nas construções de continuidade na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 1, p. 57-70, jan.- abr. 2009.

MAIA, Marcus. *Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, Coleção os Pensadores, 1977.

MEKRANGNOTIRE, Mydjere Kayapó. [06/2019]. Entrevistadora: Michelly Silva Machado. Belém, 2021. arquivo mp3 (06 min) via WhatsApp.

_____. Entrevistadora: Michelly Silva Machado. Belém, 2022. arquivo mp3 (07 min) via WhatsApp.

METUKTIRE, Okreãjti. [2020]. Textos avulsos. Mato Grosso, 2021. Textos avulsos. Arquivo doc. Via Facebook.

MIRANDA, Maxwell Gomes. *Morfologia e Morfossintaxe da Língua Krahô (Família Jê, Tronco Macro-Jê)*. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.

MIRANDA, Maxwell; BORGES, Águeda Aparecida da Cruz; SANTANA, Áurea Cavalcante; SOUSA, Suseile Andrade. *Línguas e culturas Macro-Jê*. Barra do Garças, MT: GEDELLI/UFMT, 2020.

MITHUN, Marianne. The Evolution of Noun incorporation. *Language*, v. 60, n. 4, 1984.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JÚNIOR, Nilson (2008) O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. *Scientific American Brasil* (Edição Especial). Amazônia: A Floresta e o Futuro, v. 3, p. 36-43, set. 2008.

MORAES-WICHERS, Camila Azevedo de. Arqueologia, processos de musealização e representação no Brasil: enredos da colonialidade, fissuras e contranarrativas. *BRASILIANA: Journal for Brazilian Studies* 9(2), 2021.

NIKULIN, Andrey. Annotated Swadesh wordlists for the Jê group (Macro-Jê family). 2019. In: STAROSTIN, George (ed.) *The Global Lexicostatistical Database*. Moscou: Higher School of Economics; Santa Fé: Santa Fe Institute, 2011–2019.

_____. *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. Tese (Doutorado — Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, 2020.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. (Trad. Eni Pulcineli Orlandi). 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, vol. 20, n. 42, Porto Alegre: PPGAS-UFRGS, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>. Acesso em: 18 de mar. de 2022.

PLANO DE AÇÃO PARA A DÉCADA INTERNACIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2022.

POSEY, Darrell Addison. A ciência dos Mëbêngôkre: alternativas contra a destruição. Belém, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 1987.

QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja. *Análise de livros didáticos do povo Mebengôkre*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras, Belém, 2012.

RAMOS, J. de S., FREITAS, E. T. Dossiê temático: Etnografia digital. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, 1(42), 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41882>. Acesso em: 05 de jun. de 2021.

REIS SILVA, Maria Amélia. *Pronomes. Ordem e Ergatividade em Mëbêngôkré (Kayapó)*. Dissertação (mestrado) - UNICAMP. Campinas-SP, 2001.

RENAULT-LESCURE, Odile. As palavras e as coisas do contato: os neologismos Kali'na (Guiana Francesa). In: Albert B. (ed.), Ramos A.R. (ed.). *Pacificando o branco cosmologia do contato no norte-amazonico*. Sao Paulo: UNESP, 2002.

RODRIGUES, A. D. Ge-Pano-Carib x Jê-Tupí-Karíb: sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en Sudamérica. In: I CONGRESO DE LENGUAS INDÍGENAS DE SUDAMÉRICA. *Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*. Lima: Universidad Ricardo Palma, v. 1. 1999.

SAHLINS, Marshall. *Historical Metaphors and Mythical Realities: Structure in the Early History of the Sandwich Islands Kingdom*. Ann Arbor: Univ. Mich. Press, 1981.

SALA, Antonio Maria. Ensaio da gramática Kayapó. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo: “Diário Oficial”, 1920. Biblioteca Digital Curt Nimuendaju. Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org>. Acesso em: 18 de jan. de 2019.

SALANOVA, Andrés Pablo. *A nasalidade em Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2001.

_____. Uma análise unificada das construções ergativa do Mëbêngokre. *Ameríndia*, nº 32, 2008.

SALANOVA, Andrés Pablo; NIKULIN, Andrey. A história que conta o léxico Mëbêngôkre. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 13, n. 33, p. 52-106, nov. 2020.

SANTOS, Marcos. *Governo do Pará instala o Conselho Estadual de Política Indigenista do Estado*. Fontes públicas. Publicado em: 12 de nov. De 2019. Disponível em: <https://fotospublicas.com/governo-do-para-instala-o-conselho-estadual-de-politica-indigenista-do-estado/>.

SANTOS, Maria Cristina dos; FELIPPE, Guilherme Galhegos. Protagonismo como substantivo na História Indígena. In: SANTOS, Maria Cristina dos; FELIPPE, Guilherme Galhegos. (Org.). *Protagonismo ameríndio de ontem e hoje*. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

SÃO FÉLIX DO XINGU. Lei nº. 571/2019, de 13 de novembro de 2019. Dispõe sobre a cooficialização da língua Mebêngôkre (Kayapó) no Município de São Félix do Xingu-PA e o incentivo da disciplina de estudo da língua no currículo escolar, nas escolas da rede municipal de ensino localizadas nas regiões em que predominam a população descendente no município. São Félix do Xingu: Câmara Municipal, 2019.

SÃO FÉLIX DO XINGU. Secretaria de Educação de São Félix do Xingu. Alunos indígenas matriculados nas escolas municipais. São Félix do Xingu, 2018.

SÃO FÉLIX DO XINGU. Secretaria Municipal de Cultura – SEMCULT. indígenas Kayapó. São Félix do Xingu, 2020.

SCARPARO, Amanda. *Cocares de Canudos – A arte feita à mão pelos guerreiros Kayapó*. Publicado em: 18 de jan. de 2016. Disponível em: <https://site.tucumbrasil.com/cocares-de-canudos-a-arte-feita-a-mao-pelos-guerreiros-kayapo/>. Acesso em: 02 de ago. de 2021.

SCHACHTER, P. & SHOPEN, T. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (Org.) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press. vols. I. 2007.

SCHLEE, Magda Bahia; COSTA, Thaís de Araujo da. *Formações neológicas do português brasileiro contemporâneo com sufixo –aço: Uma abordagem funcional*. Alfa, São Paulo, v.65, e12308, 2021.

SCHIMINK, Marianne; WOOD, Charles H. *Conflitos Sociais e a Formação da Amazônia*. Tradução de Noemi Miyasaka Porro e Raimundo Moura. Belém: ed. UFPA, 2012.

SHEPARD, Glenn H. *Kaya-Pop: O admirável mundo novo da música indígena no Brasil*. Publicado em 14 jun. de 2013: Disponível em: <https://ethnoground.blogspot.com/2013/06/kaya-pop-brave-new-world-of-indigenous.html>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

SILVA DA COSTA, Lucivaldo. *Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)*. Brasília, 2015. Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, 2015.

SILVA DA COSTA, Lucivaldo. Prefixos relacionais no Xikrín. In: A. S. A. C. Cabral & A. D. Rodrigues (orgs.) *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, t. I, pp. 81-85. Belém: EDUFPA, 2002.

SIQUEIRA, P; FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo*. São Paulo. 13(13), 155-161, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

SOMMER, Barbara A. Colônia do sertão: expedições amazônicas e tráfico de escravos indígenas. *As Américas*, v. 61, n. 3, pág. 401-428, 2005.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de. *Um Grande Cerco de Paz: Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

STIBICH, Ivan. *Esforços para a implantação de uma “nova política indigenista” pelas gestões petistas (2003-2016): etnografia de um processo a partir da Fundação Nacional do Índio (Funai)*. (Tese de Doutorado), Brasília: Departamento de Antropologia, UNB, 2019.

STOCKING, G. “Fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski” In: Stocking, G. *The ethnographer's magic and other essays in the history of anthropology*. The University of Wisconsin Press, 1992.

STOUT, Mickey; THOMSON, Ruth. Fonêmica Txukuhamëi (Kayapó). In: BRIDGEMAN, Loraine Irene (ed.). *Série Lingüística*, no. 3, p. 153–176. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974.

TAMBIAH, Stanley Jayaraja. *Culture, thought, and social action: An anthropological perspective*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1985.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS. Cartilhas *Me Banhō Pi'ók*. Brasília, DF, 1977.

TELLES, Stella. A flexão nominal em Umutína. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Cabral. *Línguas e culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora Universidade de Brasília Finatec: 2007.

TRONCARELLI, Maria Cristina Cabral. (Org.). *Meprire Kute Mebengokre Kaben mari kadjy ã'pi'ók neja* – Livro de alfabetização na língua Mebengokre. Tucumã-PA: Associação Floresta Protegida. 2015.

TRONCARELLI, Maria Cristina (Org.). *Mẽprĩre kute Mẽbêngôkre kabẽn mari kadjy ã'piók neja* – Livro de alfabetização na língua Mebengokre. Tucumã-PA: Associação Floresta Protegida. 2012.

TURNER, Terence. Os Mebengokre Kayapó: história e mudança social, de comunidades autônomas para a coexistência interétnica. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, FAPESP, 1992.

VAN DER VOORT, Hein. A relevância das línguas indígenas na biota amazônica. In: GALÚCIO, A. V. PRUDENTE, A. L. *Museu Goeldi: 150 anos de Ciência na Amazônia*. Museu Paraense Emílio Goeldi: Belém, 2019.

VERSWIJVER, Gustaaf; GORDON, Cesar. *Mebêngôkre Kayapó*. Publicado em: 02 de maio. de 2002. (Reeditado em: 20 de janeiro de 2021. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_\(Kayap%C3%B3\)#Hist.C3.B3ria_e_ocupa.C3.A7.C3.A3o_da_regi.C3.A3o](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3)#Hist.C3.B3ria_e_ocupa.C3.A7.C3.A3o_da_regi.C3.A3o). Acesso em: 19 de ago. de 2021.

VILLAS-BÔAS, André J. A. (Coord.). *Diagnóstico da efetividade do fundo Kayapó na melhoria da qualidade de vida do povo kayapó e na gestão e integridade de seus territórios*. Instituto Socioambiental - São Paulo, 2019.

VIOTTI, Evani. Avaliando a vitalidade linguística em contextos de multilinguismo: etnografias versus modelos computacionais Assessing language vitality in multilingual contexts: ethnographies versus computational models. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, Volume 16, número 1, p. 62 – 84, jan. - mai. 2020. Os estudos empíricos na pesquisa linguística Empirical studies in Linguistic Research Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/31651>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. *A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: COSACNAIFY. pg. 347/399, 2002.